



Mara Rubia dos Santos Corrêa

**O PAPEL DO CARNAVAL NO MUNICÍPIO  
DE CRUZ ALTA – RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação de Mestrado

Cruz Alta - RS, 2020

Mara Rubia dos Santos Corrêa

**O PAPEL DO CARNAVAL NO MUNICÍPIO  
DE CRUZ ALTA – RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta, como requisito parcial para o título de mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Maria Prudêncio de Mera

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vânia Maria Abreu de Oliveira

Cruz Alta - RS, abril de 2020.

Universidade de Cruz Alta – Unicruz  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão  
Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social –  
Mestrado

## **O PAPEL DO CARNAVAL NO MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA – RIO GRANDE DO SUL**

Elaborado por

Mara Rubia dos Santos Corrêa

Como requisito parcial para obtenção do Título de  
Mestre em Práticas Socioculturais e  
Desenvolvimento Social.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> (Claudia Maria Prudêncio de Mera)  
Universidade de Cruz Alta – Unicruz  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> (Vânia Maria Abreu de Oliveira)  
Universidade de Cruz Alta – Unicruz  
Coorientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sirlei de Lourdes Lauxen  
Universidade de Cruz Alta – Unicruz  
Membro Interno

---

Prof. Dr. Edgar Ávila Gandra  
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL  
Membro Externo

Cruz Alta \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## **AGRADECIMENTOS**

**Gratidão, palavra tão pequena, com significado tão grandioso!**

São tantas pessoas que cruzam nossos caminhos e com elas, muitas lições de fé, esperança e amor!

Inicialmente, agradeço ao Anjo fiel e verdadeiro que olha por mim diariamente!

Ah, minha Mãe! Quanta saudade!

Gratidão por me ensinar que tudo é possível com dedicação e honestidade!

Amor maior não há!

Agradeço ao senhor, meu pai... “daquele jeito desajeitado”, cuida de mim!

Agradeço aos demais familiares, aos amigos, que também são família, pelos momentos de leveza e risos!

Agradeço à minha Orientadora Professora Doutora Cláudia Maria Prudêncio de Mera e à minha Coorientadora, Professora Doutora Vânia Abreu de Oliveira por terem aceitado esse desafio comigo e, incansavelmente, proporcionado o conhecimento necessário à realização desta pesquisa! Muita gratidão!

Agradeço aos professores do PPG - Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social pela atenção, carinho e conhecimentos adquiridos nesses dois anos maravilhosos da minha vida acadêmica!

Agradeço aos colegas pela troca de saberes e pela amizade que fica!

Agradeço à Secretaria de Cultura e Turismo de Cruz Alta, à LESCA, às escolas de samba de Cruz Alta e à comunidade cruz-altense pela receptividade e por abraçarem a minha pesquisa!

Agradeço ao IFC – Campus Santa Rosa do Sul por ter possibilitado me tornar Mestre e continuar evoluindo profissionalmente!

Agradeço a um colega especial do IFC pela amizade e empenho em auxiliar na elaboração do meu Projeto para seleção do Mestrado, da mesma forma, para que eu conseguisse cursá-lo junto aos que amo, na minha Terra Natal! Obrigada, meu amigo, Cláudio Luz!

Agradeço a Deus por ter me permitido vencer mais uma etapa importante, mas principalmente pela presença de cada um que fez parte desse momento da minha vida!

Gratidão!

Quando eu não puder  
Pisar mais na avenida  
Quando as minhas pernas  
Não puderem aguentar  
Levar meu corpo  
Junto com meu samba  
O meu anel de bamba  
Entrego a quem mereça usar

Eu vou ficar  
No meio do povo espiando  
Minha Escola perdendo ou ganhando  
Mais um carnaval  
Antes de me despedir  
Deixo ao sambista mais novo  
O meu pedido final

Antes de me despedir  
Deixo ao sambista mais novo  
O meu pedido final

Não deixe o samba morrer  
Não deixe o samba acabar  
O morro foi feito de samba  
De Samba, pra gente sambar.

(Não deixe o samba morrer –

Composição de Edson Conceição e Aloísio Silva, Interpretação de Alcione).

## **RESUMO**

### **O PAPEL DO CARNAVAL NO MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA – RIO GRANDE DO SUL**

Autora: Mara Rubia dos Santos Corrêa

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Maria Prudêncio de Mera

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vânia Maria Abreu de Oliveira

O presente estudo tem como foco o Carnaval de Rua de Cruz Alta – RS, o objetivo geral da pesquisa foi analisar o papel do Carnaval como festejo popular para o município de Cruz Alta - RS. Especificamente, buscou-se: caracterizar o Carnaval a partir de um contexto histórico e global; identificar os fatores que contribuíram para a formação da identidade do Carnaval cruz-altense, os quais o tornaram referência no Estado e verificar as contribuições econômicas e socioculturais do Carnaval para o município. A investigação foi desenvolvida a partir da linha de pesquisa denominada Práticas Socioculturais e Sociedade Contemporânea do PPGPSDS da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ - RS, a qual está centrada na discussão teórica das práticas de intervenção que envolve diferentes faces da formação e desenvolvimento humano, numa abordagem ética e cidadã que perpassa os ciclos da vida. O estudo foi realizado junto às escolas de samba de Cruz Alta, bem como à Secretaria de Cultura e Turismo do município e com pessoas da Comunidade relacionadas com Carnaval de Rua de Cruz Alta, no contexto das escolas de samba, totalizando 25 entrevistados. A pesquisa realizada contemplou uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. O método utilizado para a análise e discussão dos resultados foi a Análise de Conteúdo de Bardin, em um conjunto de técnicas para análise e transcrição do conteúdo das respostas dos participantes da pesquisa, obtidas por intermédio de entrevistas semiestruturadas. O Carnaval de Cruz Alta é um Carnaval fora de época, considerado o terceiro maior Carnaval do interior do Estado do RS, de acordo com as informações obtidas junto aos entrevistados, e tornou-se também um Carnaval Internacional, devido ao luxo de suas fantasias e alegorias e pelo espetáculo que apresenta anualmente na Avenida do Samba. O estudo evidenciou que o Carnaval de Rua no município possibilita geração de renda e trabalho, inclusão social, integração e união das comunidades em torno de

objetivos comuns, gerando assim, contribuições econômicas e socioculturais importantes para o desenvolvimento do município, que apesar da forte tradição agropecuária, tem no Carnaval uma importante fonte cultural para a sua população.

**Palavras-chave:** Cruz Alta. Carnaval de Rua. Escolas de samba. Contribuições Socioculturais. Contribuições econômicas.

## **ABSTRACT**

The present study focuses on the Street Carnival of Cruz Alta – RS. The general objective of the research was to analyze the role of Carnival as a popular celebration for the county of Cruz Alta-RS. Specifically, we sought to: characterize Carnival from a historical and global context; identify the factors that contributed to the formation of the identity Street Carnival of Cruz Alta, which made it a reference in the State and verify the economic and socio-cultural contributions of Carnival to the county. The investigation was developed from the line of research called Socio-cultural Practices and Contemporary Society of the PPGPSDS of the University of Cruz Alta - UNICRUZ - RS, which is centered on the theoretical discussion of the intervention practices that involves different aspects of training and human development, in an ethical and citizen approach that spans life cycles. The study was carried out with the Samba Schools of Cruz Alta, as well as with the county's Department of Culture and Tourism and with people from the Community related to Street Carnival of Cruz Alta, in the context of the Samba Schools, totaling 25 respondents. The research carried out included a qualitative, exploratory, and descriptive approach. The method used for the analysis and discussion of the results was Bardin's Content Analysis, in a set of techniques for analyzing and transcribing the content of the responses of the research participants, obtained through semi-structured interviews. The Carnival of Cruz Alta is an off-season Carnival, considered the third largest Carnival in the interior of the State of RS, according to the information obtained from the interviewees, and it has also become an International Carnival, due to the luxury of its fantasies and allegories and for the show he presents annually at Avenida do Samba. The study showed that Street Carnival in the county enables the generation of income and work, social inclusion, integration and union of communities around common goals, thus generating important economic and socio-cultural contributions to the development of the county, which despite the strong tradition agriculture, has Carnival as an important cultural source for its population.

**Keywords:** Cruz Alta. Street carnival. Samba schools. Socio-cultural contributions. Economic contributions.

## **LISTA DE SIGLAS**

- AABB** – Associação Atlética Banco do Brasil
- ACI** – Associação Comercial e Industrial de Cruz Alta
- CERFER** – Centro Esportivo e Recreativo Ferroviário
- CICRS** – Clube Internacional Cultural e Recreativo Cruz Alta
- CNPJ** – Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
- GSSCA** – Grêmio dos Subtenentes e Sargentos de Cruz Alta
- ISCT** – Integrantes da Secretaria de Cultura e Turismo
- IES** – Integrantes das Escolas de Samba
- LESCA** – Liga das Escolas de Samba de Cruz Alta
- OSC** – Organização da Sociedade Civil
- PPG** – Programa de Pós-Graduação
- RFSA** – Rede Ferroviária Federal S/A
- RS** – Rio Grande do Sul
- STF** – Supremo Tribunal Federal

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Bloco de Carnaval – “Os Filhos da Lua” – Década de 50.
- Figura 2 – O marco do surgimento de Cruz Alta na localidade de Benjamin Nott.
- Figura 3 – Mapa que mostra a linha divisória Campos Neutrais do Tratado de Santo Ildefonso – 1777.
- Figura 4 – A última cavalhada em Cruz Alta, nas primeiras décadas do Século XX.
- Figura 5 – Bloco de Carnaval “Os Bandoleiros”, 1959.
- Figura 6 – Registro do Carnaval D’água de Cruz Alta, 1976.
- Figura 7 – Clube Social Grêmio de Subtenentes e Sargentos de Cruz Alta – Década de 50.
- Figura 8 – Bloco “Balança, mas não cai” do Grêmio dos Subtenentes e Sargentos de Cruz Alta – Década de 50.
- Figura 9 – Símbolo da Liga das Escolas de Samba de Cruz Alta (LESCA)
- Figura 10 – Primeira Diretoria da Liga das Escolas de Samba de Cruz Alta, 1995.
- Figura 11 – Símbolo da Sociedade Recreativa e Filantrópica Unidos de São José.
- Figura 12 – Desfile do Bloco “Os Bandoleiros” – 1959.
- Figura 13 – Integrantes do Bloco “Os Bandoleiros” – 1959.
- Figura 14 – Mestre-Sala e Porta-Bandeira da Sociedade Recreativa e Filantrópica Unidos de São José – Carnaval de 2019.
- Figura 15 – Símbolo da Sociedade Academia de Samba Unidos do Beco.
- Figura 16 – Símbolo da Escola de Samba Imperatriz da Zona Norte.
- Figura 17 – Símbolo da Escola de Samba Gaviões da Ferrô.
- Figura 18 – Sambódromo Mestre Vidal – Parque Integrado de Exposições de Cruz Alta, RS.
- Figura 19 – Recorte de divulgação do Carnaval de Cruz Alta em Jornal local, 2017.
- Figura 20 – Recorte de divulgação do Carnaval de Cruz Alta em Jornal local, 2018.
- Figura 21 – Fluxograma da Caracterização do Carnaval de Cruz Alta.
- Figura 22 – Camiseta usada no Desfile do Carnaval de 2014.
- Figura 23 – Camiseta usada no Desfile do Carnaval de 2015.
- Figura 24 – Camiseta a ser usada no Desfile do Carnaval de 2020.
- Figura 25 – Fluxograma sobre as contribuições econômicas e socioculturais do Carnaval para o município de Cruz Alta.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 CAMINHO METODOLÓGICO</b> .....	20
<b>2.1 O Processo Epistemológico</b> .....	20
2.1.1 A Ecologia dos Saberes .....	20
2.1.2 A Interdisciplinaridade da Pesquisa .....	20
2.1.3 Práticas Socioculturais.....	23
<b>3 CONTEXTUALIZANDO O CARNAVAL</b> .....	30
<b>3.1 O Carnaval: Aspectos históricos</b> .....	301
3.1.1 O Carnaval originário .....	32
3.1.2 O Carnaval na era pagã.....	33
3.1.3 O Carnaval na era cristã.....	34
3.1.4 O Carnaval contemporâneo .....	34
3.1.5 O surgimento do Carnaval no Brasil .....	35
<b>3.2 Impactos socioculturais do Carnaval</b> .....	39
<b>3.3 A Economia da Cultura: aspectos econômicos do Carnaval</b> .....	42
<b>4 O CARNAVAL NO MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA - RIO GRANDE DO SUL A PARTIR DE UM CONTEXTO HISTÓRICO E GLOBAL</b> .....	45
<b>4.1 A gênese do Carnaval de Cruz Alta</b> .....	45
4.1.1 A influência da cultura negra e portuguesa nas festas carnavalescas de Cruz Alta, RS .	50
<b>4.2 O surgimento da Liga das Escolas de Samba de Cruz Alta – LESCA</b> .....	68
4.2.1 O Regulamento dos desfiles das escolas de samba de Cruz Alta.....	75
<b>4.3 As escolas de samba de Cruz Alta</b> .....	78
4.3.1 Unidos de São José! A azul e branco! .....	78
4.3.2 Sociedade Academia de Samba Unidos do Beco: No fim dessa história ao caminho da vitória! .....	82
4.3.3 Imperatriz da Zona Norte! A furiosa é quem diz: Vermelho e branco faz Cruz Alta mais feliz!.....	85
4.3.4 Gaviões da Ferrô: A verde e rosa faz tremer o chão! .....	88

<b>4.4 O Sambódromo Mestre Vidal: Uma importante mudança no carnaval de Cruz Alta</b> .....	91
<b>4.5 Dificuldades encontradas pelas escolas para participar do Carnaval de Cruz Alta</b> ..	95
<b>4.6 A participação do Poder Público Municipal no carnaval de Cruz Alta</b> .....	98
<b>4.7 Os fatores que contribuíram para a formação da identidade do carnaval de Cruz Alta, os quais o tornaram uma referência no Estado</b> .....	101
<b>5 AS CONTRIBUIÇÕES ECONÔMICAS E SOCIOCULTURAIS DO CARNAVAL PARA O MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA, RS</b> .....	110
<b>5.1 As contribuições econômicas do Carnaval para o município de Cruz Alta</b> .....	110
<b>5.2 As contribuições socioculturais do Carnaval para o município de Cruz Alta</b> .....	123
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	142
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	146
<b>APÊNDICES</b> .....	151
<b>ANEXOS</b> .....	163



# 1 INTRODUÇÃO

Quem nunca ouviu o ditado popular de que o ano aqui no Brasil começa somente após o término do Carnaval? Pois esse festejo popular que tanto anima multidões, anualmente, que atrai turistas estrangeiros e movimentada a economia do país teve sua origem na Europa, mais precisamente na Itália e na França e alguns personagens que fazem parte dessa festa, como o Pierrô, a Colombina e o Rei Momo, pertencem ao Carnaval europeu.

A pesquisa realizada por Silva (2004) mostra que o Carnaval, ao lado do futebol, constitui o maior símbolo do espírito nacional, sendo que a festa se relaciona a várias características da cultura do país, tais como o molejo, a sensualidade, o bom humor e a personalidade festiva, construindo assim, a imagem do povo brasileiro dentro e fora do Brasil.

Carnaval é uma palavra com origem no latim "*carne vale*", que significa "adeus à carne". Não se refere a um tipo específico de festa, mas sim a qualquer tipo de alegria coletiva, farra, banzé, folia, confusão, desordem ou simplesmente "festa". Essas festas representam formas de marcar momentos especiais do ano e incluem desde as fantasias e máscaras, como bebedeiras e comilanças (FERREIRA, 2004).

Consideradas manifestações pagãs, pelos exageros, pelas transgressões de regras sociais e orgias, as folias carnavalescas foram sendo toleradas pela Igreja Católica, sendo estabelecida então, uma data para o Carnaval. Data esta que precede a Quaresma, quarentena subsequente à quarta-feira de cinzas, que antecede a Páscoa, na qual os religiosos se dedicam às orações, reflexões e às penitências, devendo abster-se de celebrações de inversões ou subversões de papéis sociais.

Ferreira (2004) afirma que a origem do "*carne vale*", ou adeus à carne, estava relacionada ao fato de um dos maiores prazeres daquela época era comer uma boa maminha assada, um lombinho na brasa ou um torresminho crocante, pois a carne e as gorduras eram alguns dos alimentos mais apreciados e nutritivos durante o frio do inverno europeu. Porém, na Quaresma, o consumo de carnes era proibido, havia um jejum muito restrito no qual as carnes eram substituídas por peixes secos, salgados.

O autor salienta que naquela época que seria conhecida como alta idade média, o poder da igreja e seus dogmas não admitiam nenhum tipo de contrariedade. Comer carne ou desenvolver qualquer tipo de divertimento mundano eram proibições seguidas literalmente. Por isso, era absurdo o consumo de carnes de boi e porco às vésperas da interdição, do mesmo

modo, a tristeza da população ao pensar que todas aquelas gostosuras não iam mais ser comidas dali a pouco tempo.

A história do Carnaval no Brasil teve início no período Colonial, onde as primeiras manifestações carnavalescas foram trazidas pelos colonizadores portugueses em meados do século XVII, o Entrudo. A brincadeira do Entrudo popularizou-se no Brasil, tornando-se sinônimo de Carnaval. No século XVIII, os entrudos passaram a ser mais organizados e assim, divididos em populares e familiares, já no século XIX, a tradição de jogos e brincadeiras dos entrudos foram enfraquecendo, devido às suas características ofensivas e violentas. Na medida em que o tempo passava a alegria do carnaval contagiava novas pessoas que acabavam aderindo a ele, essa era a maior preocupação das autoridades que incentivaram a criação de leis para proibição do Entrudo (CALLAI, 2004).

Em meados do século XIX, conforme Diniz (2008), os entrudos perderam seu espaço, surgindo assim, no Rio de Janeiro inicialmente, os bailes de carnaval em clubes, organizados pela elite do Império. No entanto, a repressão ao Entrudo impulsionou as camadas populares a se organizarem a fim de obterem licença da polícia para desfilar, fazendo com que surgissem os cordões carnavalescos.

O Carnaval no Rio Grande do Sul, assim como no Rio de Janeiro, também se originou do Entrudo, sendo que mais tarde surgiram os bailes nos clubes, posteriormente os corsos e as escolas de samba, tornando a festa mais popular em algumas cidades. Em 1873, tem-se notícia de sociedades carnavalescas nas cidades de Rio Grande e Pelotas no Rio Grande do Sul (FERREIRA, 2004). Araujo (2012, p. 16) afirma que “os porto-alegrenses começam a esquentar as turbinas a partir de janeiro, com as chamadas Muambas (ensaios de manifestações carnavalescas)”.

Alguns estudos têm discutido como as celebrações carnavalescas foram influenciando as sociedades ao longo dos anos. Para Araujo (2012), o Carnaval influencia a sociedade e é influenciado por ela. Como no Egito Antigo, com funções claras quando manifestavam adoração aos deuses, seja pela fertilidade, pelas boas colheitas ou para contar a fúria das divindades. Já o Carnaval Pagão, na Antiga Roma, caracterizou-se pelas celebrações bacanaís, lupercais e saturnais, todas como festas com exageros, inversões de regras sociais, como se negassem a rotina diária.

Do mesmo modo, para Silva (2004, p. 46), “como festa pagã, surgiu o Carnaval que só ganhou esse nome após a interferência da Igreja Católica”. Com a popularidade e difusão das

festas, em meados do século XV, o Papa Gregório I incorporou a festa ao calendário eclesiástico. O intuito era justamente que ela antecedesse a Quaresma, respeitando o período que os Cristãos deveriam preparar-se para a Páscoa, visto que folias, orgias e exageros caracterizavam as festas carnavalescas, impactando as regras sociais da época.

É importante compreender que o Carnaval, no mundo, deixou de ser puramente uma festa católica para se transformar numa festa especializada de uma cidade, vindo a acontecer de acordo com os seus interesses climáticos, sociais, culturais, turísticos e econômicos. Segundo Araujo (2012, p. 6), “nos tempos contemporâneos o Carnaval deixou de ser apenas uma grande festa em que as principais ruas e praças se convertiam em palcos e a cidade se tornava um imenso teatro [...] para se enquadrar na velocidade do mundo pós-moderno”.

Para Matos (2007, p. 91), o Carnaval constitui uma atividade de base cultural, com fama e o reconhecimento por parte dos espectadores e do público em geral. Porém, por ser uma atividade permeada por alto grau de incerteza quanto à sua aceitação e apreciação como um produto oferecido, a constante interação com o consumidor se revela fundamental para nortear as atividades destas organizações culturais.

Ainda de acordo com o autor, o planejamento da produção do Carnaval tem sido marcado crescentemente pelo profissionalismo, como reflexo da crescente concorrência entre as escolas e a transformação no desfile em um grande espetáculo. De uma atividade gerida de forma amadora por um pequeno número de pessoas, as escolas de samba assumiram gradativamente características de empresas, com a incorporação de profissionais especializados em diversas áreas, como marketing, contabilidade, recursos humanos, advocacia, comunicação etc. A profissionalização da produção do desfile nas escolas de samba tem possibilitado uma redução de custos organizacionais e de produção, bem como a captação de novas fontes de recursos e o melhor planejamento (MATOS, 2007).

Nas folias momescas é que a dinâmica social assume o papel de valorização das interdependências entre os saberes através da diversidade cultural propiciada pelos atores sociais. Para Santos (2010, p. 142), “o reconhecimento da diversidade epistemológica do mundo sugere que a diversidade é também cultural e [...] ontológica, traduzindo-se em múltiplas concepções de ser e estar no mundo”.

Essa dinâmica sociocultural e econômica é fortemente visualizada no município de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, foco empírico desta pesquisa, onde há uma tradição do Carnaval de Rua, em que as escolas de samba realizam desfiles anualmente, atraindo público de toda região,

do Estado e do exterior. A terra de Érico Veríssimo, como é conhecida, tem em suas raízes, presente o Carnaval de clubes sociais com blocos e bandas musicais que animam a folia, mas principalmente, encanta com a beleza de suas escolas de samba que atraem o público desde a criação da primeira escola de samba do município. Este estudo teve como objeto o Carnaval do município de Cruz Alta e foi desenvolvido a partir das temáticas propostas pelo Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social - PPGPSDS da Universidade de Cruz Alta, contemplando a linha de pesquisa Práticas Socioculturais e Sociedade Contemporânea, a qual se centra na discussão teórica das práticas de intervenção que envolve diferentes faces da formação e desenvolvimento humano, numa abordagem ética e cidadã que perpassa os ciclos da vida.

O Carnaval é uma festa popular de grande importância para o povo brasileiro, neste estudo, o cruz-altense, que se organiza anualmente para apresentar à sociedade um verdadeiro espetáculo de originalidade tanto na beleza das fantasias e alegorias, quanto nos versos dos sambas-enredo criados para realizar uma crítica social ou mesmo para exaltar positivamente questões que permeiam a sociedade, ou ainda lendas e personagens.

Talvez nada possa traduzir mais os anseios da alma do povo brasileiro do que o Carnaval, seja pela sua criatividade ilimitada, pela diversidade cultural que apresenta ou pela pluralidade de gêneros, idades, crença ou classes sociais que vivem a euforia dessa grande festa.

Pode-se afirmar que o Carnaval constitui uma prática sociocultural, como o festejo popular mais esperado pelos brasileiros, neste estudo os cruz-altenses, e traz em si não apenas beleza e originalidade, mas conteúdo informativo que visa apresentar ao público que o prestigia uma crítica social ou mesmo para reverenciar a sociedade diante de questões que a permeiam de forma positiva, além da possibilidade de gerar recursos e colaborar no desenvolvimento socioeconômico e cultural do município.

Como um fenômeno social, o Carnaval é também interdisciplinar, pois se encontra intrinsecamente como um instrumento de resgate do ser humano e das atitudes que se constituem como interdisciplinares. Segundo Fazenda (2008a, p. 66), a interdisciplinaridade “é um exercício fascinante, já que ela pavimentou o caminho para outra nova ordem de se pensar o ser humano, o mundo e as coisas do mundo [...]”.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar o Carnaval como um festejo popular para o município de Cruz Alta- RS, enquanto prática sociocultural e econômica. Quanto aos objetivos específicos, pretendeu-se: caracterizar o carnaval do município de Cruz Alta –

Rio Grande do Sul, a partir de um contexto histórico e global; identificar os fatores que contribuíram para a formação da identidade do Carnaval cruz-altense, os quais o tornaram referência no Estado; verificar as contribuições econômicas e socioculturais do carnaval para o município de Cruz Alta;

Diante do exposto, justificou-se a escolha da temática analisar o papel do Carnaval como festejo popular para o município de Cruz Alta - RS, considerando-se que o referido estudo poderá contribuir cientificamente para gerar conhecimentos à comunidade acadêmica, e à sociedade cruz-altense e região.

O conhecimento somente existe em sociedade e quanto maior seu reconhecimento, maior será a sua capacidade de contribuir para a identidade de uma sociedade, conferindo inteligibilidade ao seu presente e ao seu passado e dar sentido ao seu futuro. Mesmo que a natureza não existisse em sociedade, se houvesse o conhecimento, ela existiria (SANTOS, 2010).

Além disso, a temática vinculou-se à linha de pesquisa denominada Práticas Socioculturais e Sociedade Contemporânea do PPGPSDS da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ - RS, a qual se centra na discussão teórica das práticas de intervenção que envolve diferentes faces da formação e desenvolvimento humano, numa abordagem ética e cidadã que perpassa os ciclos da vida.

Dentro deste contexto, a questão norteadora deste estudo foi investigar: que contribuições intrínsecas ao Carnaval, como um festejo popular, para o município de Cruz Alta-RS, o constituem como prática sociocultural e econômica?

Constituiu-se hipótese desta pesquisa:

- o Carnaval constitui uma importante prática sociocultural e econômica na medida em que propicia a interação social, a solidariedade econômica, a geração de conteúdos informativos, bem como a promoção de críticas ou exaltações a questões que permeiam a sociedade.

Para dar conta dos objetivos, esta dissertação foi estruturada em seis capítulos.

O primeiro capítulo apresenta a introdução, no qual se encontram articulados os subitens problema de pesquisa, objetivos, hipótese e a justificativa da pesquisa. No segundo capítulo encontram-se o caminho metodológico, com a epistemologia da metodologia e os processos metodológicos adotados para esta pesquisa.

O capítulo três apresenta os pressupostos teóricos, por intermédio de uma contextualização do Carnaval e seus aspectos históricos, com o objetivo de apresentar uma linha do tempo imaginária do surgimento dessa festa, bem como seus impactos socioculturais e econômicos para as sociedades ao longo dos séculos. O festejo popular, que tanto anima multidões anualmente no Brasil, atraindo turistas estrangeiros e movimentando a economia do país teve sua origem na Europa, assim como alguns de seus personagens mais conhecidos.

Na sequência, nos capítulos quatro e cinco descreve-se os resultados da pesquisa de campo, bem como a análise das entrevistas realizadas no município de Cruz Alta, junto aos integrantes das quatro escolas de samba que integram o seu Carnaval de Rua, assim como com servidores públicos integrantes da Secretaria de Cultura e Turismo de Cruz Alta e com pessoas da Comunidade que fizeram ou ainda fazem parte da história do Carnaval do município.

Finaliza-se o estudo com o capítulo seis, apresentando-se as considerações finais, com a retomada da hipótese da pesquisa, as relações com os resultados do estudo, as principais limitações, bem como sugestões para futuras pesquisas.

## **2 CAMINHO METODOLÓGICO**

Conceitua-se metodologia da pesquisa como o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, que simultaneamente engloba o método, as técnicas e a criatividade do pesquisador, resultando em muito mais que técnicas, pois permite incluir as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade (MINAYO, 2012).

Neste capítulo, é abordado o caminho metodológico utilizado para o desenvolvimento da pesquisa a partir dos seguintes itens: Processo Epistemológico; Práticas Socioculturais; Interdisciplinaridade; Processo Metodológico; Abordagem e Tipo de Pesquisa; Contexto de Realização da Pesquisa; População e Amostra de Pesquisa; Instrumentos e Procedimentos de Pesquisa; Análise e Interpretação dos Dados; Cuidados Éticos; Pressupostos Teóricos.

### **2.1 O Processo Epistemológico**

O processo epistemológico desta pesquisa compreendeu o estudo científico ou a base teórica na qual o PPGPSDS e a referida pesquisa se apoiam, cita-se: A Ecologia dos Saberes de Boaventura de Souza Santos, a Interdisciplinaridade, segundo Ivani Fazenda e Olga Pombo e nas Práticas Socioculturais, Terry Eagleton, Pierre Bourdieu, Marcelo Bispo e Zygmunt Bauman.

#### **2.1.1 A Ecologia dos Saberes**

O Carnaval enquanto uma festa popular que envolve a sociedade como um todo, perpassando-a em todos os seus diferentes saberes e práticas, vem ao encontro da ecologia dos saberes, a qual compreende todas as práticas relacionais dos seres humanos e entre esses e a natureza, implicando na não aceitação do relativismo, considerando assim que todos os projetos que visem à transformação social são válidos.

Para Santos (2010, p. 137), as formas de conhecimento, “quaisquer que elas tenham sido, em um dado momento histórico e em dada sociedade, foram objeto de debate sobre a natureza, as suas potencialidades, os seus limites e o seu contributo para o bem-estar da sociedade”. O Carnaval traz em suas configurações (fantasias, alegorias, sambas-enredos e

público) uma diversidade de saberes que se entrelaçam, à medida que seus atores sociais trazem histórias de vida diferentes, construindo novos conhecimentos, tão essenciais ao desenvolvimento social.

[...] só existe conhecimento em sociedade, e, portanto, quanto maior for seu reconhecimento, maior será a sua capacidade para conformar a sociedade, para conferir inteligibilidade ao seu presente e ao seu passado e dar sentido ao seu futuro. Isto é verdade qualquer que seja o tipo e o objeto de conhecimento. Mesmo que a natureza não existisse em sociedade – e existisse – o conhecimento sobre ela existiria. (SANTOS, 2010, p. 137).

É no Carnaval que as diferenças entre os indivíduos, as quais se configuram na distinção entre classes sociais, culturas e relações econômicas e de poder se fundem, gestando os saberes empíricos e científicos. Para o autor, nenhum saber é capaz de se bastar, portanto, na ecologia dos saberes, a credibilização de saberes não científicos não enfatiza a descredibilização do saber científico, envolvendo tão somente o uso contra hegemônico deste (SANTOS, 2010).

Enfim, o Carnaval representa um espaço democrático que possibilita traduzir os anseios da alma do povo brasileiro na sua criatividade ilimitada, na multiplicidade econômica e sociocultural que apresenta ou na pluralidade de gêneros, idades, crenças e classes sociais que vivem a euforia dessa grande festa, contemplando as múltiplas concepções de ser e estar no mundo.

### 2.1.2 A Interdisciplinaridade da Pesquisa

Segundo Fazenda (2002, p. 25), “a memória retida, quando ativada, relembra fatos, histórias particulares, épocas, porém o material mais importante é o que nos permite a análise e a projeção dos fatos [...]”. Essa frase vem ratificar o papel do Carnaval, enquanto festa popular e prática sociocultural que perpassa a interdisciplinaridade, trazendo à luz da sociedade as mais diversas questões que a permeiam, conferindo-lhe sentido, isto é, o ser e estar no mundo.

A pesquisa interdisciplinar somente torna-se possível onde várias disciplinas se reúnem a partir de um mesmo objeto, porém é necessário criar-se uma situação-problema no sentido de Freire (1974), onde a ideia de projeto nasce da consciência comum, da fé dos investigadores no reconhecimento da complexidade do mesmo e na disponibilidade destes em redefinir o projeto a cada dúvida ou a cada resposta encontrada. Neste caso, convergir não no sentido de uma resposta final, mas para a pesquisa do sentido da pergunta inicialmente enunciada. (FAZENDA, 2008a, p. 22).

O PPGPSDS da Universidade de Cruz Alta traz no contexto de sua estrutura curricular a Interdisciplinaridade, promovendo através de suas disciplinas, a formação de sujeitos com

características dentre as quais a formação crítico-reflexiva, de inserção, conhecimento, participação, liderança, parceria, capazes de se apropriarem dos conhecimentos interdisciplinares que contribuam para o desenvolvimento social. Assim,

[...] ao orientarmos nossas pesquisas para a gênese das definições mais comuns utilizadas na educação, verificamos uma gradativa mudança na compreensão dos pesquisadores por nós iniciados. Essa compreensão, que acreditamos nascer do cuidado com a potencialidade do estudo de conceitos, tem conduzido nossos pesquisadores à aquisição de um olhar divergente e paradoxalmente convergente para a história do conceito e sua representação sociocultural, aliando-se, sobretudo às diferentes perspectivas de produção (FAZENDA, 2008a, p. 22).

No contexto dessa pesquisa, encontra-se como objeto o Carnaval, o qual constitui uma prática sociocultural, interdisciplinar, enquanto festejo popular que traz em si não apenas beleza e originalidade, mas conteúdo informativo sobre a própria sociedade, seja como uma crítica social ou modo de reverenciá-la diante de questões que a permeiam. Nesse sentido,

O fenômeno da interdisciplinaridade como instrumento de resgate do ser humano com a síntese projeta-se no mundo todo. Mais importante que conceituar é refletir a respeito de atitudes que se constituem como interdisciplinares. A dificuldade na sua conceituação surge porque ela está pontuada de atitudes, e não simplesmente em um fazer. [...] isto é um exercício fascinante, já que ela pavimentou o caminho para outra nova ordem de se pensar o ser humano, o mundo e as coisas do mundo; velhos caminhos há muito esquecidos foram reabertos e, além disso, permitiu rever conceitos e certezas cristalizados na mente humana e viajar no tempo. (FAZENDA, 2008a, p. 66).

Para Pombo (2009, p. 15), “uma aproximação interdisciplinar não é uma aproximação que deva ser pensada unicamente do lado do sujeito, daquele que faz a ciência. [...] tem a ver com o próprio objeto de investigação e com a sua complexidade”. Assim, é na consolidação dos mais diversos conceitos que deram e dão significado ao Carnaval, como nos diferentes atores envolvidos no seu processo de construção e que representam a essência da festa que se vislumbra a interdisciplinaridade.

Portanto, é diante desse fenômeno social que se constitui o Carnaval que a interdisciplinaridade se encontra intrínseca como instrumento de resgate do ser humano e das atitudes que se constituem como interdisciplinares. Se essa interdisciplinaridade deve ser vista para além do sujeito, no objeto a ser investigado, têm-se nas peculiaridades da folia carnavalesca das escolas de samba de Cruz Alta um vasto e rico espaço a ser explorado.

### 2.1.3 Práticas Socioculturais

Pensar o Carnaval enquanto uma prática sociocultural aproxima o estudo realizado com a linha de pesquisa Práticas Socioculturais e Sociedade Contemporânea (PPGPSDS, 2018), do Mestrado em Práticas socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta, a qual justifica sua relevância pela necessidade da formação profissional de agentes sociais qualificados ao exercício de práticas socioculturais essenciais às transformações sociais.

O Carnaval ganhou diferentes formatos ao longo do tempo e pensá-lo como uma prática sociocultural torna fundamental compreender o significado dessa prática. Eagleton (2011), refere em sua obra que “cultural é o que podemos mudar, mas o material a ser alterado tem sua própria existência autônoma, a qual então lhe empresta algo da recalcitrância da natureza”. Assim, o conceito de cultura:

Com base em suas raízes etimológicas no trabalho rural, a palavra primeiro significa algo como “civildade”; depois, no século XVIII, torna-se mais ou menos sinônima de “civilização”, no sentido de um processo geral de progresso intelectual espiritual e material. Na qualidade de ideia, civilização equipara significativamente costumes e moral [...] A palavra implica uma correlação dúbia entre conduta polida e comportamento ético [...] (EAGLETON, 2011, p. 19).

Para Bauman (2012, p. 2), os antropólogos britânicos veem pouca utilidade no conceito de cultura, diferente dos americanos, que consideraram útil descrever o que ouviam sobre cultura. Os britânicos resumem e a conceituam com base no que definem como estrutura social e afirmam “estrutura social é aquela parte do alinhamento social – da mesma forma que das relações sociais – que parece ser de fundamental importância para o comportamento dos membros da sociedade [...]”. Deste modo:

A identidade de uma sociedade tem raízes, em última instância numa rede mais ou menos invariante de relações sociais; a natureza “societal” da sociedade consiste acima de tudo numa teia de interdependência desenvolvida e sustentada pela e na interação humana. As relações sociais são elas próprias “o núcleo duro” da interação concreta (tal como a estrutura social é o núcleo duro da organização social – da “forma como as coisas são feitas na comunidade ao longo do tempo”) (BAUMAN, 2012, p. 2).

Já para Bourdieu (2004, p. 43), “a cultura é essa espécie de saber gratuito, para todos os fins, que se adquire em geral numa idade em que ainda não se têm problemas para colocar. Pode-se passar a vida a aumentá-la, cultivando-a por si mesma”. Pode-se dizer que a cultura acompanha o indivíduo ao longo de sua existência, ou seja, vai se construindo na dinâmica de suas ações cotidianas.

[...] pode-se usá-la como uma espécie de caixa de ferramentas, quase inesgotável. Os intelectuais são preparados pela lógica de sua formação para tratar as obras herdadas do passado como uma cultura, isto é, como um tesouro que se contempla, que se venera, que se celebra - e que por isso mesmo os valoriza - em suma, como um capital destinado a ser exibido e a produzir dividendos simbólicos [...] (BOURDIEU, 2004, p. 43).

O conceito de prática possui vários usos e significados, inicialmente, é o oposto da teoria, devendo-lhe complementar. A prática é a ação que se desenrola com a aplicação de conhecimentos, os quais se vislumbram no contexto de um determinado campo das ciências. Em sua pesquisa sobre o conceito de prática, Bispo apresenta a contribuição de alguns teóricos, quando enfatiza que:

Iniciando pelo marxismo, a noção de prática traz em seu bojo a ideia de que conhecemos apenas fatos e estes, por sua vez, são objetos da nossa prática, de modo que o pensamento e o mundo estão sempre associados à atividade humana. Dessa maneira, o pensar é apenas uma das ações humanas, a prática é composta pela união de nossa produção do mundo com o resultado desse processo. A prática é sempre o produto de condições históricas específicas, resultantes de práticas prévias que se transformam em nossa prática presente. O processo material de produção envolve tanto a criação de bens quanto a reprodução da sociedade. A grande contribuição dessa tradição é epistemológica e metodológica no sentido de que a prática é um sistema de atividades em que o saber não está separado do fazer e considera a aprendizagem uma ocorrência social e não apenas uma atividade cognitiva (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003, p. 11).

Para Bourdieu (2004, p. 10), “a ação não é a simples execução de uma regra, a obediência a uma regra. Os agentes sociais, tanto nas sociedades arcaicas como nas nossas, não são apenas autômatos regulados como relógios, segundo leis mecânicas que lhes escapam”. Logo, os agentes sociais assumem, com consciência crítica, um papel no desempenho de atividades que se consolidam como práticas no contexto social em que esteja inserido.

As práticas socioculturais aqui referendadas, no âmbito do Carnaval, compreendem uma diversidade de práticas enquanto ações dos agentes sociais, os quais integram uma sociedade e carregam consigo diferentes conceitos que atravessam o cultural.

Do ponto de vista da abordagem, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, a qual responde a questões muito particulares, e com um nível de realidade que não pode ou não deve ser quantificado nas Ciências Sociais. Para Minayo (2012, p. 21) “Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

Quanto aos objetivos, o trabalho proposto constituiu uma pesquisa descritiva e exploratória, pois teve como propósito analisar, caracterizar e identificar as informações obtidas sobre a temática pesquisada. Para Gil (2002, p. 42) “as pesquisas descritivas têm como objetivo

primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações variáveis”.

Sobre as pesquisas exploratórias, o autor afirma que elas têm como objetivo possibilitar maior familiaridade com o problema a ser pesquisado. Gil (2002, p. 41) relata que “com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses, têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”.

Em relação à estratégia de investigação, a abordagem constituiu uma pesquisa de campo, sendo que, segundo Minayo (2012, p. 26), “[...] essa fase combina instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados, levantamento de material documental e outros”.

A autora afirma ainda que a pesquisa de campo permite que o pesquisador relacione a prática e o conhecimento construído e elaborado na fase teórica e deste modo, possibilita, de acordo com Minayo (2012, p. 26) “[...] um momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação e refutação de hipóteses e construção de teoria”.

A pesquisa foi realizada no município de Cruz Alta, localizado na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, o qual possui uma população de 62.821 habitantes (IBGE, 2010). O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDH do município, em 2015, foi de 0,750, o que compreende desenvolvimento médio; e o Produto Interno Bruto por pessoas - PIB *per capita* é de R\$ 47.062,67 no ano de 2015, conforme o Caderno de Dados Socioeconômicos: município de Cruz Alta (2016).

A economia do município está alicerçada na atividade agropecuária, voltada à agricultura intensiva, predominando a produção de grãos, ensejado pela expansão das culturas de trigo, milho, e principalmente, soja. Recentemente, amplia-se a produção da pecuária de leite, devido à instalação e ampliação de indústrias lácteas na região (CDS, 2016).

O contexto do estudo compreendeu os membros da comunidade carnavalesca do município e que estão atrelados às escolas de samba de Cruz Alta. As Escolas que compõem o Carnaval no município de Cruz Alta são: Gaviões da Ferrô, Imperatriz da Zona Norte, Sociedade Recreativa e Filantrópica Unidos de São José e Sociedade Academia de Samba Unidos do Beco. Neste universo fizeram parte da pesquisa, os presidentes das 4 (quatro) escolas de samba do município de Cruz Alta, e membros mais antigos por escola, elencados pelos presidentes.

Da mesma forma, a pesquisa foi realizada junto à Secretaria de Cultura e Turismo do município de Cruz Alta – RS, com funcionários e pessoas da comunidade que estão envolvidos no Carnaval do Município. O presidente da Liga das Escolas de Samba e a Secretária de Cultura do município foram contatados via Carta de Solicitação de Pesquisa (APÊNDICE A e B).

O total de participantes da pesquisa foi de 25 (vinte e cinco) entrevistados. Destes, 15 (quinze) integrantes das escolas de samba, 4 (quatro) integrantes da Secretaria de Cultura e Turismo do município 6 (seis) pessoas da comunidade de Cruz Alta.

Os participantes da pesquisa, por meio de entrevista, responderam às perguntas do formulário semiestruturado (APÊNDICES E, F e G), com o objetivo de descrever fatos, registrar marcos importantes para as escolas, abordar as questões econômicas e socioculturais sobre a temática pesquisada.

Também foram pesquisados, junto aos participantes da pesquisa, material fotográfico e informativo, fantasias e alegorias para registro fotográfico das memórias referentes aos desfiles (APÊNDICE C). Cabe destacar que cada participante que forneceu material recebeu um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, estando cientes dos riscos e benefícios desta pesquisa (APÊNDICE D).

As entrevistas foram transcritas por esta pesquisadora, sendo que o formulário elaborado para entrevistas realizadas com os integrantes das escolas de samba conta com um total de 32 (trinta e duas) perguntas, divididas em blocos. O bloco 1 (um) contém 10 (dez) perguntas e refere-se à caracterização do Carnaval de Cruz Alta, buscando responder ao primeiro objetivo específico da pesquisa. O bloco 2 (dois) é composto por 10 (dez) perguntas referentes aos impactos socioculturais do Carnaval, visando contemplar o segundo objetivo específico da pesquisa e o bloco 3 (três), sobre os impactos econômicos do Carnaval, conta com 12 (doze) perguntas e deverá responder ao terceiro objetivo específico desta pesquisa.

Da mesma forma, o formulário de entrevistas aplicado junto aos servidores da Secretaria de Cultura e Turismo do município. Este formulário apresenta 7 (sete) perguntas no bloco 1 um, 10 (dez) perguntas no bloco 2 (dois) e 9 (nove) perguntas no bloco 3 (três). Totalizando 26 (vinte e seis) perguntas.

A partir de indicações dos entrevistados da Secretaria Municipal de Cultura e integrantes das escolas de samba foram realizadas as entrevistas com pessoas da comunidade que, ao longo dos anos, participaram da história do Carnaval de Cruz Alta, totalizando 5 (cinco) perguntas e 6 (seis) entrevistados.

A pesquisa de campo foi realizada de acordo as seguintes etapas:

a) Etapa 1: Contato, pessoalmente, com a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Cruz Alta/RS, a fim de identificar junto à Secretária de Cultura os 5 (cinco) servidores públicos mais antigos da Secretaria, bem como os presidentes das escolas de samba e indicações de pessoas da comunidade, que pudessem contribuir para a caracterização do Carnaval em Cruz Alta;

b) Etapa 2: Solicitação aos presidentes das escolas de samba para identificação dos 5 (cinco) membros mais antigos de sua escola e pessoas da comunidade que fizeram parte do Carnaval de Cruz Alta, vindo a contribuir com a pesquisa. E agendamento das entrevistas que foram individuais;

c) Etapa 3: Contatos, via ligações telefônicas e pessoalmente, com os servidores públicos indicados pela Secretária Municipal, os membros de cada escola sugeridos pelos Presidentes e pessoas da comunidade indicadas por ambos para agendamento das entrevistas;

e) Etapa 4: Realização das entrevistas individualmente com os participantes da pesquisa, com registros fotográficos de fotos e registros informativos, bem como fantasias (camisas e camisetas usadas em desfiles) que possuíam;

f) Etapa 5: Sistematização dos dados da pesquisa para a análise e interpretação.

A análise e a interpretação dos dados da pesquisa foram realizadas através do método de investigação denominado Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2011, p. 40), o qual refere que “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Assim, os dados obtidos na pesquisa foram analisados através de categorias escritas numa matriz de análise. (APÊNDICE H)

Sobre o método de análise de conteúdo, o mesmo deve estar relacionado com a base teórica do estudo.

Outro elemento a ser considerado é reconhecer que a análise de conteúdo requer que as descobertas tenham relevância teórica. Uma informação puramente descritiva não relacionada a outros atributos ou às características do emissor é de pequeno valor. Um dado sobre o conteúdo de uma mensagem deve, necessariamente, estar relacionado no mínimo a outro dado. O liame entre este tipo de relação deve ser representado por alguma forma de teoria (FRANCO, 2012, p. 16).

Portanto, na relação entre os dados coletados e as bases teóricas relevantes do estudo é que se efetivou a análise dos elementos constitutivos presentes nestes dados de forma que estes possibilitaram não apenas unir informações e experiências, mas construir a partir destas, novos conhecimentos, contribuindo cientificamente com a comunidade acadêmica e a sociedade cruz-

altense e região, dando solução ao problema desta pesquisa e um retorno positivo aos seus participantes através do envio de uma cópia deste trabalho para a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Cruz Alta.

O quadro 1 apresenta os dados de caracterização da população participante da pesquisa, enquadrada por sua representatividade, idade, gênero, profissão, escolaridade, função que ocupa na Escola de Samba ou Instituição e a data em que ocorreu a entrevista. O objetivo da construção desse quadro foi demonstrar o panorama geral da população participante desta pesquisa científica. Optou-se também, por questão de preservação da identidade dos entrevistados, por não citar o nome real de cada participante, mas sim de numerá-los de 1 a 25, conforme consta no quadro. A relação nominal e as entrevistas, contudo, estão preservadas com a instituição e com a pesquisadora.

Quadro 1: Caracterização da população participante da pesquisa.

<b>Representatividade</b>	<b>Idade</b>	<b>Gênero</b>	<b>Profissão</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Função na Escola/ Instituição</b>	<b>Data Entrevista</b>
<b>Entrevistado 1:</b> Imperatriz da Zona Norte	54	Masculino	Não exerce atividade remunerada.	Ensino Médio	Diretor de Bateria	26/11/2019
<b>Entrevistado 2:</b> Imperatriz da Zona Norte	50	Masculino	Servidor Público Municipal	Ensino Fundamental Incompleto	Mestre de Bateria	29/11/2019
<b>Entrevistado 3:</b> Gaviões da Ferrô	60	Feminino	Auxiliar de Buffet	Ensino Fundamental Incompleto	Fiscal de Ala	28/11/2019
<b>Entrevistado 4:</b> Gaviões da Ferrô	50	Feminino	Assistente Parlamentar	Ensino Médio	Tesoureira	28/11/2019
<b>Entrevistado 5:</b> Sociedade Academia de Samba Unidos do Beco	42	Masculino	Empresário	Ensino Superior	Presidente	06/12/2019
<b>Entrevistado 6:</b> Gaviões da Ferrô	63	Masculino	Assessor Parlamentar	Ensino Médio	Presidente	23/11/2019
<b>Entrevistado 7:</b> Gaviões da Ferrô	57	Feminino	Servidora pública Municipal (Pedagoga)	Ensino Superior	Diretoria da Escola	11/12/2019
<b>Entrevistado 8:</b> Sociedade Academia de Samba Unidos do Beco	60	Feminino	Pedagoga (Aposentada)	Ensino Superior	Coordenação da Velha Guarda da Escola	12/12/2019
<b>Entrevistado 9:</b> Sociedade Recreativa e Filantrópica Unidos de São José	40	Masculino	Empresário	Ensino Médio	Presidente	12/12/2019

(Continuação do Quadro 1: Caracterização da população participante da pesquisa.)

<b>Representatividade</b>	<b>Idade</b>	<b>Gênero</b>	<b>Profissão</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Função na Escola/ Instituição</b>	<b>Data Entrevista</b>
<b>Entrevistado 10:</b> Sociedade Recreativa e Filantrópica Unidos de São José	60	Feminino	Do lar	Ensino Médio	Vice-Presidente	10/12/2019
<b>Entrevistado 11:</b> Imperatriz da Zona Norte	42	Feminino	Personal Trainer	Ensino Superior	Rainha da Bateria	16/12/2019
<b>Entrevistado 12:</b> Imperatriz da Zona Norte	35	Masculino	Assessor Parlamentar	Ensino Superior	Presidente da LESCA Sem função na escola no momento.	19/12/2019
<b>Entrevistado 13:</b> Sociedade Academia de Samba Unidos do Beco	71	Masculino	Mecânico eletricitista	Ensino Médio	Diretor de Bateria e Patrimônio	14/01/2020
<b>Entrevistado 14:</b> Comunidade	55	Masculino	Radialista	Ensino Médio	Não possui no momento.	04/12/2019
<b>Entrevistado 15:</b> Comunidade	60	Masculino	Servidor Público Escritor/Pesquisador e Compositor nativista	Ensino Superior	Não possui	05/12/2019
<b>Entrevistado 16:</b> Comunidade	55	Feminino	Servidora Pública Municipal	Ensino Médio	Filha da Fundadora da Escola. Atualmente, apenas componente.	17/01/2020
<b>Entrevistado 17:</b> Comunidade	60	Masculino	Servidor Público – Oficial de Justiça	Ensino Superior	Não possui no momento	05/12/2019
<b>Entrevistado 18:</b> Comunidade	70	Masculino	Autônomo	Ensino Médio – Curso Técnico em Agropecuária	Não possui	14/01/2020
<b>Entrevistado 19:</b> Comunidade	54	Feminino	Cuidadora	Ensino Médio	Não possui no momento	16/12/2019
<b>Entrevistado 20:</b> Secretaria Municipal de Cultura e Turismo	45	Feminino	Secretária de Cultura e Turismo	Ensino Superior (Comunicação Social)	Não possui agora, devido à função de Secretária Municipal	21/11/2019
<b>Entrevistado 21:</b> Secretaria Municipal de Cultura e Turismo	60	Masculino	Servidor Público Municipal	Ensino Médio	Não possui no momento	15/12/2019

(Continuação do Quadro 1: Caracterização da população participante da pesquisa.)

<b>Representatividade</b>	<b>Idade</b>	<b>Gênero</b>	<b>Profissão</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Função na Escola/ Instituição</b>	<b>Data Entrevista</b>
<b>Entrevistado 22:</b> Secretaria Municipal de Cultura e Turismo	57	Masculino	Servidor Público Municipal	Ensino Médio	Não possui no momento	16/12/2019
<b>Entrevistado 23:</b> Secretaria de Cultura e Turismo	35	Masculino	Servidor Público Municipal	Pós-Graduação (Mestrado)	Padrinho da Escola	12/12/2019
<b>Entrevistado 24:</b> Gaviões da Ferrô	47	Feminino	Professora	Ensino Superior	Fiscal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira	23/11/2019
<b>Entrevistado 25:</b> Sociedade Academia de Samba Unidos do Beco	66	Masculino	Aposentado	Superior Incompleto	Velha Guarda e Diretoria da Escola	14/01/2020

Fonte: pesquisadora 2019/2020.

O projeto para esta dissertação foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ, para que a pesquisa fosse realizada de acordo com as premissas estabelecidas na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, sendo aprovado, conforme número do Parecer: 3.085.376, de 14 de dezembro de 2018 (Anexo A). Além disso, foi entregue aos participantes da pesquisa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

### 3 CONTEXTUALIZANDO O CARNAVAL

Apresenta-se nesse capítulo uma discussão sobre os impactos socioculturais do Carnaval para o local de origem, ou seja, para o município que o realiza, bem como os impactos socioeconômicos e a importância da economia da cultura, a qual se refere ao uso da lógica econômica e de sua metodologia no campo cultural, como um instrumental que empresta seus alicerces de planejamento, eficiência, reforçando a coerência e a consecução dos objetivos traçados pela política pública.

Inicialmente, apresentam-se os aspectos históricos do Carnaval, a partir da abordagem de alguns autores que contribuem com a temática.

#### 3.1 O Carnaval: Aspectos históricos

O Carnaval, festejo popular, que tanto anima multidões anualmente no Brasil, que atrai turistas estrangeiros e movimentava a economia do país teve sua origem na Europa e alguns personagens que fazem parte dessa festa, são originários do Carnaval europeu, como o pierrô, sua amada colombina e o rei momo.

Sobre a origem do Carnaval, Callai (2009, p. 10) menciona que “[...] o termo é encontrado no latim medieval como “*carnem levare* ou “*carnelevarum*”, palavra do século XI e XII, que significa a véspera da quarta-feira de cinzas”. É do conhecimento popular que nesse período os cristãos iniciam o jejum com abstinência do consumo de carne por quarenta dias, realizam orações, reflexões e penitências preparando-se para a Páscoa.

Ferreira (2004, p. 19) desconstrói o argumento que “[...] o nome Carnaval teria origem em *carrus navalis*, ou seja, um carro em forma de navio [...] hipótese, que, anos mais tarde, foi suplantada por outra teoria que associa a palavra Carnaval à carne vale ou “*adeus à carne*” [...]”. Dizer adeus à carne também significava preparar-se para a Páscoa, devendo o cristão abster-se de exageros e inversões de regras sociais neste período.

O costume de incorporar charretes em forma de pequenos navios às procissões também era comum em outras comemorações, como as Panatenéias que aconteciam em Atenas. É a presença nas festas, desses pequenos barcos com rodas que acabou por fazer com que alguns pesquisadores considerassem tais celebrações como um exemplo de folia carnavalesca da Antiguidade [...] (FERREIRA, 2004, p. 19).

Assim, é possível afirmar que a história do Carnaval remonta à Antiguidade e, acredita-se, que tenha começado no Antigo Egito, nas civilizações greco-romanas, como festas de cunho religioso, de adoração aos deuses ou ainda como ritos agrários das primeiras sociedades de classe, nos períodos de colheitas de grandes safras. Naquela época, as pessoas dançavam, bebiam e já se caracterizavam com pinturas no rosto. Mas é importante que se tenha claro que as festas e celebrações das antigas civilizações e o Carnaval possuem a mesma raiz, porém não possuem o mesmo significado (FERREIRA, 2004).

Há autores como Hiram Araujo (2012) que optaram por estudar o Carnaval através de referências pontuais, pelos chamados Centros de Excelência e apresenta em sua Obra quatro Centros de Excelência do Carnaval, sendo que o Primeiro Centro se localizou no Egito há cerca de seis mil anos atrás, o qual corresponde ao período denominado Carnaval Originário.

O Segundo Centro de Excelência do Carnaval que corresponde a Era Pagã, desenvolveu-se na Grécia e em Roma, a partir do século VI a.C. Já o Terceiro Centro de Excelência do Carnaval, Carnaval da Era Cristã, fixou-se nas cidades de Roma, Veneza, Paris e Nice, e finalmente, o Quarto Centro se desenvolveu no mundo novo, correspondendo ao Carnaval Contemporâneo ou Pós-Moderno no século XVIII, destacando-se principalmente nos países de maior atuação da cultura negra.

A ideia de que qualquer brincadeira, assim como qualquer excesso ou inversão de valores era considerado um Carnaval, é bastante remota e eram vistas pelos religiosos como manifestações demoníacas, denominadas paganismo e até o século XVIII, todas essas festas celebradas em dezembro, janeiro e fevereiro, eram vistas como a mesma coisa, ou seja, um Carnaval, uma bagunça.

A palavra Carnaval não se refere a um tipo específico de festa, mas sim a qualquer tipo de alegria coletiva, farra, banzé, folia, confusão, desordem ou simplesmente “festa” (FERREIRA, 2004). Essas festas eram formas de marcar momentos especiais do ano e incluíam desde as fantasias e máscaras, como bebedeiras e comilanças, sendo assim consideradas um exagero.

Mas o Carnaval que se conhece hoje surgiu da interferência da Igreja Católica, isto é, nasceu da imposição religiosa com o advento da Quaresma, quarentena subsequente à quarta-feira de cinzas, que antecede a Páscoa, na qual os religiosos se dedicam às orações, reflexões e às penitências, devendo abster-se de celebrações de inversões ou subversões de papéis sociais. Motivo pelo qual, o período anterior à quarentena foi utilizado para realização do mais animado

festejo popular que se conhece, pois se diz de uma festa de orgias, exageros e inversões destas regras sociais.

### 3.1.1 O Carnaval originário

Alguns estudos têm discutido como as celebrações carnavalescas foram influenciando as sociedades ao longo dos anos. Para Araujo (2012) o Carnaval influencia a sociedade e é influenciado por ela. Como no Egito Antigo, com funções claras quando manifestavam adoração aos deuses, seja pela fertilidade, pelas boas colheitas ou para narrar a fúria das divindades.

Uma das celebrações mais importantes era realizada na primavera em devoção à deusa Ísis, deusa da castidade, que era invocada para superar pequenas e grandes tragédias e caracterizava-se por atos piedosos, não havendo orgias descontroladas. Pode-se dizer que as festas em homenagem tanto à deusa Ísis egípcia como ao deus Baco romano, não se configuram como festas carnavalescas, mas precursoras do Carnaval e outras festas públicas populares que o mundo conhece, tais como as Natalinas e as celebrações em homenagem a São João.

O modelo simples de danças e cânticos em torno de fogueiras, se converteu nos cultos aos deuses, sobretudo à **deusa Ísis** e ao **boi Ápis**. A deusa Ísis se projetou no mundo antigo como a figura paradigmática de mãe, sendo considerada protetora das crianças. O mais importante culto a animais sagrados era o do boi Ápis, que os egípcios acreditavam encarnar Rá, o deus-sol. Em virtude de a deusa Ísis ser por vezes representada com atributos de vaca, o seu culto juntou-se ao do boi Ápis, transformando-se numa das mais suntuosas e magníficas cerimônias dos povos antigos. (ARAUJO, 2012, p. 11).

No Antigo Egito, as festas de inversão e exagero conhecidas eram a procissão do boi Ápis e a Babilônia, local das sacéias (FERREIRA, 2004). Na primeira, havia um touro com chifres pintados e o corpo coberto por fitas coloridas e tecidos. O animal carregava uma criança pelas ruas da cidade e era acompanhado durante sete dias, em procissão, por grupos caracterizados com fantasias e máscaras.

Já nas celebrações das sacéias babilônicas que duravam cinco dias, em um rito, um prisioneiro substituíam o rei, sendo que este “novo rei” dormia com as esposas reais, comia finas iguarias e exibia-se no trono. No último dia o escolhido era despojado de suas roupas, chicoteado e, por fim, enforcado (FERREIRA, 2004).

Outro rito realizado pelo rei ocorria nos dias que antecediam o equinócio da primavera, período de comemoração do ano novo naquela região. Nesse ritual o rei perdia seus emblemas

de poder e era surrado na frente da estátua de Marduk. A sua humilhação servia para demonstrar submissão à divindade. Logo, ele assumia o seu lugar no trono.

### 3.1.2 O Carnaval na era pagã

O Carnaval Pagão, na Antiga Roma, caracterizou-se pelas celebrações bacanais, luperciais e saturnais, todas como festas com exageros, inversões de regras sociais, como se negassem a rotina diária.

Do mesmo modo para Silva (2004, p. 46) “como festa pagã, surgiu o Carnaval que só ganhou esse nome após a interferência da Igreja Católica”. Com a popularidade e difusão das festas, em meados do século XV, o Papa Gregório I incorporou a festa ao calendário eclesiástico. O intuito era justamente que ela antecedesse a Quaresma, respeitando o período que os Cristãos deveriam preparar-se para a Páscoa, visto que folias, orgias e exageros caracterizavam as festas carnavalescas, impactando as regras sociais da época.

**O Segundo Centro de Excelência do Carnaval** desenvolveu-se na Grécia e em Roma, a partir do século VI a.C. As celebrações ganharam caracteres orgiásticos e funcionaram como “válvulas de escape”, em sociedades reprimidas pela divisão de classes sociais, produzindo um efeito catártico ou purificador. Por serem ritos emblemáticos, representavam desrepressões simbólicas, evitando inclusive revoluções e revoltas armadas. (ARAUJO, 2012, p. 12).

As festas dionisíacas aconteciam no mês de março, em homenagem ao deus Dionísio, deus do vinho. As lupercálias, ao deus Pã, protetor dos rebanhos, aconteciam no mês de fevereiro e as saturnálias, festejo dedicado a Saturno, ocorriam no mês de dezembro e celebravam o fim do ano lunar. Todas como festas pagãs, com práticas de exageros e transgressões, com inversão de regras sociais.

Não é por mera coincidência que essas festas que se davam aos deuses Saturno, Luperco e Dionísio aconteciam entre dezembro e março, período em que brincamos o Carnaval [...] dias [...] propícios a vários tipos de festejos por seu caráter limítrofe e ambíguo, marcando o final de um ciclo solar e o início de um novo tempo. (FERREIRA, 2004, p. 20).

Essas festas marcavam, enfim, um período de liberação das convenções sociais, onde todos saíam às ruas para comemorar a liberdade, igualdade entre os homens, sem distinção de etnia, sexo ou classes sociais.

### 3.1.3 O Carnaval na era cristã

A Igreja Católica sempre combateu as festas consideradas orgiásticas, porém não conseguiu exterminá-las, pois elas estavam impregnadas na memória coletiva dos povos. Por volta de 325 d.C. o Concílio de Nicéia debateu sobre estratégias que pudessem neutralizar as festas orgiásticas greco-romanas, proibidas, mas ainda fortes. Em 590 d.C., o **Papa Gregório I, o Grande**, marcou, em definitivo, a data do Carnaval no Calendário Eclesiástico, associando à Páscoa. Assim:

Determinou-se a data do equinócio da primavera no Hemisfério Norte, que ocorreu em 21-22 de março. Observou-se na folhinha o primeiro domingo após o 14º dia da lua nova. Ou numa regra mais prática, o 1º domingo após a lua cheia. Se o 14º dia da lua nova (ou primeira da lua cheia) cair no dia 21 e for sábado, o domingo 22 de março será o domingo de Páscoa. E assim por diante. O domingo de Páscoa só pode cair entre o dia 22 de março e 25 de abril. Para marcar o carnaval observaram-se os quarenta dias que Jesus passou jejuando no deserto (Quaresma) e fixou, no 7º domingo, chamado de quinquagésima, a permissão para se comemorar, comendo carne, antes do sacrifício da quaresma. (ARAUJO, 2012, p. 4).

Esse domingo recebeu de Gregório I o título de “*dominica ad carne levandas*”, expressão essa posteriormente abreviada para *carne levamem*, *carneval* e por fim *Carnaval*. A terça-feira “*mardi grass*” seria, legitimamente, a noite de Carnaval. O Carnaval Cristão inicia o seu desenvolvimento quando a Igreja Católica oficializa as datas do Carnaval, em 590 d.C. e ganha características definitivas na Renascença (ARAUJO, 2012).

Em suma, nesse período, o Carnaval europeu ganha força, sendo mais expressivo nas regiões mais quentes da Europa, como a mediterrânea, fixando-se assim, o **Terceiro Centro de Excelência do Carnaval** nas cidades de Roma, Veneza, Paris e Nice com máscaras, fantasias, carros alegóricos, entre outros. Iniciava-se a estação carnavalesca em janeiro e ganhava proporções até a Quaresma, sendo que as principais ruas e as praças se convertiam em palcos, as cidades em teatros sem paredes, e seus habitantes, em atores ou espectadores.

### 3.1.4 O Carnaval contemporâneo

O Carnaval Contemporâneo ou Pós-Moderno começa a delimitar seu modelo a partir do século XVIII com o advento da industrialização, quando ganha uma identidade própria, após o término da Segunda Guerra Mundial, momento em que ocorreram importantes mudanças filosóficas, morais e estéticas na humanidade. Segundo Araujo (2012, p. 6), “o carnaval se

enfraqueceu na Europa e o **Quarto Centro de Excelência do Carnaval** se desenvolveu no novo mundo, em especial nos países em que as culturas negras mais atuaram”.

O epicentro do modelo se localiza no Brasil, especialmente na cidade do Rio de Janeiro, espalhando-se pela América do Sul e Caribe onde o carnaval adquiriu características próprias. Nos tempos contemporâneos o carnaval deixou de ser apenas uma grande festa em que as principais ruas e praças se convertiam em palcos e a cidade se tornava um imenso teatro, sem paredes, no qual os habitantes eram, ao mesmo tempo, atores e espectadores (modelo clássico) para se enquadrar na velocidade do mundo pós-moderno (ARAUJO, 2012, p. 6).

Já na metade do século XIX, duas cidades disputavam a hegemonia do poder mundial, sendo as mesmas Londres e Paris, cada uma exercendo influência após as transformações advindas das Revoluções Industrial e Francesa no mundo que, neste momento, se reorganizava. A Inglaterra se fixava como polo econômico-financeiro, enquanto Paris assumia o papel de centro cultural do período, donde recebe o título de Capital do Século XIX. É nesse contexto que surge o Carnaval que hoje se conhece. (FERREIRA, 2004).

Portanto, o Carnaval contemporâneo organiza-se no movimento e na velocidade, bem como no espaço e no tempo da organização da sociedade, a partir da aceleração dos acontecimentos seja nas práticas políticas, sociais, artísticas ou culturais e é nessa dinâmica que surge toda a base carnavalesca das escolas de samba, quando em seus espetáculos trazem a público as demandas sociais ou as maravilhas que permeiam o mundo.

### 3.1.5 O surgimento do Carnaval no Brasil

A história do Carnaval no Brasil teve início no período Colonial, onde as primeiras manifestações carnavalescas foram trazidas pelos colonizadores portugueses em meados do século XVII, o Entrudo, sendo que sua prática era realizada pelos escravos e classes menos abastadas.

O Entrudo se caracterizava pela brincadeira de sujar uns aos outros com polvilho, pó-de-sapato ou farinha de trigo e de atirar limões-de-cheiro em familiares e vizinhos (DINIZ, 2008). O Entrudo tornou-se muito popular no Brasil, tornando-se sinônimo de Carnaval, apesar de ser considerado como uma prática ofensiva e violenta.

No século XVIII, os entrudos passaram a ser mais organizados e assim, divididos em Popular e Familiar. O Entrudo Popular acontecia nas ruas das cidades e reunia grande parte dos marginalizados da sociedade e permitia a eles alguns momentos de diversão desordenada

(CALLAI, 2009). Era mais violento e ofensivo, enquanto o Entrudo Familiar, era entre membros das famílias abastadas, amigos e vizinhos e acontecia mais como jogos e brincadeiras, sem o intuito de machucar:

As tentativas de caracterização do entrudo como um jogo ligado ao passado vão, com o passar dos anos, tornando-se mais frequentes. Suas bases estão em um tipo de raciocínio expresso em 1876 por um articulista [...]: “O carnaval entre nós tem tido variadíssimas fases. A princípio chamava-se entrudo e era brutal, como tudo quanto a civilização moderna ainda não pode polir”. [...] O entrudo, embora fosse [...] uma modalidade de carnaval, era caracterizado como uma de suas manifestações mais primitivas, estando por isso fadado ao desaparecimento. (PEREIRA, 2004, p. 88-89).

Já no século XIX, a tradição de jogos e brincadeiras dos entrudos foram enfraquecendo, pois governantes e autoridades consideravam uma manifestação grosseira e violenta. Na medida em que o tempo passava a alegria do Carnaval contagiava as novas pessoas que acabavam aderindo a ele, essa era a maior preocupação das autoridades que incentivaram a criação de leis para proibição do Entrudo (CALLAI, 2004).

Em meados do século XIX os entrudos perderam seu espaço, surgindo assim, no Rio de Janeiro, os bailes de Carnaval em clubes, com músicas, organizado pela elite do Império. A ordem e sofisticação previstas para os bailes à fantasia fazem com que a elite da época decida reforçar a distância que separa sua festa das brincadeiras grosseiras que teimavam em resistir nas ruas das cidades brasileiras.

Era uma brincadeira, por vezes violenta, que levava ao riso. No entrudo não havia música. Embora houvesse sempre falta d'água na capital, nos três dias o precioso líquido jorrava para o entrudo e os negros carregavam latas d'água para encher as bacias, seringas, limões etc. Em 1857, mais um edital proibia o entrudo, estabelecendo de quatro a doze mil réis de multa ou oito dias de cadeia. Estava proibido também o uso de máscaras, das 10 horas da noite às 4 horas da manhã. Diversas proibições foram tentadas, mas o entrudo só foi enfraquecendo a partir da implantação do “**Carnaval Refinado Europeu**” na segunda metade do século XIX (ARAUJO, 2012, p. 31).

Mas as classes mais empobrecidas da metade século XIX não aboliram suas práticas carnavalescas e delas surgiram as primeiras músicas. A repressão ao Entrudo impulsionou as camadas populares a se organizarem, a fim de obterem licença da polícia para desfilar, fazendo com que surgissem os cordões carnavalescos (DINIZ, 2008).

Em que consistia o nosso primitivo Carnaval ao ar livre? É fácil de cogitar: em pequenos grupos de máscaras errantes, um *princez* desgarrado, e assim por diante. Em 1854, já alguns carros com máscaras apareceram e das janelas atiraram-lhes flores. O *Jornal do Comércio*, noticiando o fato, aconselhou que para o ano futuro se reunissem, o que daria mais relevo ao festejo. Até então a loucura descobria o prazer ao som da música escolhida, inundava-se da luz dos lustres e candelabros, mitigava a sede provocada pelas danças ardentes nas taças de champanha, e requintava de gozo

naqueles abrigos resguardados e ideais como as cismas voluptuosas dos crentes de Maomé (FILHO, 2002, p. 41).

Nos cordões desfilavam personagens como cantadores, dançarinos, palhaços a morte, os diabos, os reis, as rainhas, os sargentos, as baianas, os morcegos e os índios (CALLAI, 2009). Havia uma preocupação com a estética das procissões religiosas com manifestações populares, como a capoeira e os zé-pereiras, tocadores de grandes bumbos. Já os ranchos nada mais eram que uma evolução dos cordões, porém mais organizados.

Vem de longe a organização das comunidades que hoje sediam as escolas de samba, trabalhando para o seu êxito (DINIZ, 2008). Justamente desses movimentos carnavalescos que nasceram ricas e belas composições e alegorias, as quais participaram de concursos organizados à época.

Outras formas de brincar o Carnaval como os afoxés, os frevos e os maracatus surgiram na virada do século XIX para o século XX. Os corsos e as escolas de samba se tornaram populares junto ao Carnaval no Brasil ao longo do século XX e alguns gêneros musicais, destacaram-se como as marchinhas e os sambas incorporados a mais rica manifestação cultural do país. Segundo (MATOS, 2007, p. 53):

O carnaval se apresentava, ao início do século XX, segmentado entre a festa popular e a das elites. Enquanto grande parte da população brincava em cordões, ranchos e blocos, a alta sociedade realizava grandes bailes. O surgimento do samba se deu no seio da comunidade negra no centro da cidade e este passa, então, a ser o ritmo dominante do carnaval. Na mesma época surgem as primeiras escolas de samba, com um número médio de 70 a 100 integrantes, e a Praça Onze se torna o reduto do carnaval popular carioca, onde desfilavam as escolas de samba e blocos.

O Carnaval no Rio Grande do Sul, assim como no Rio de Janeiro, também se originou do Entrudo, sendo que mais tarde surgiram os bailes nos clubes, posteriormente os corsos e as escolas de samba, tornando a festa mais popular em algumas cidades. Em meados de 1873, tem-se notícia de sociedades carnavalescas nas cidades de Rio Grande e Pelotas no Rio Grande do Sul (FERREIRA, 2004). Araujo (2012, p. 16) afirma que “os porto-alegrenses começam a esquentar as turbinas a partir de janeiro, com as chamadas Muambas (ensaios de manifestações carnavalescas)”.

**Porto Alegre:** o carnaval de Porto Alegre atrai muitos turistas principalmente argentinos e uruguaios com suas Escolas de Samba, tribos carnavalescas, cordões de sociedades, bailes e bandas. [...]. Os desfiles das tribos indígenas são atrações, as mais famosas são: Najados, Goianeses e Aimorés. Na Rua Santana o carnaval flui com desfiles de Escolas de Samba e tribos. Na Av. Perimetral ocorrem dos desfiles organizados das Escolas de Samba de Porto Alegre 13. Há também, os *Blocos Burlescos* (homens fantasiados de mulheres). Após a avaliação do Carnaval 2012, a

prefeitura de Porto Alegre determinou a retomada do projeto para construção permanente do Complexo Cultural do Porto Seco, que certamente irá fortalecer o carnaval na região. (ARAUJO, 2012, p. 16).

O Carnaval, no mundo, deixou de ser puramente uma festa católica para se transformar numa festa especializada de uma cidade, como se vê atualmente, vindo a acontecer de acordo com os seus interesses climáticos, sociais, culturais, turísticos e econômicos. Segundo Araujo (2012, p. 6), “Nos tempos contemporâneos o Carnaval deixou de ser apenas uma grande festa em que as principais ruas e praças se convertiam em palcos e a cidade se tornava um imenso teatro [...] para se enquadrar na velocidade do mundo pós-moderno”. Um exemplo é o Carnaval de Salvador, sobre o que o autor afirma:

O carnaval de Salvador virou uma indústria com vários trios elétricos comandando a festa. Os abadá são camisas customizadas para cada bloco, que dão direito ao folião brincar dentro das cordas. A multidão acompanha separada pela corda, onde ficam os que compram os abadá, e a pipoca, onde se concentra o povão. Em 2006, **Carlinhos Brown** abriu uma discussão dizendo que as cordas são segregacionistas, e impõem um *apartheid* entre pobres e ricos na folia baiana. (ARAUJO, 2012, p. 20).

Para Matos (2007, 91), o Carnaval constitui uma atividade de base cultural, com fama e o reconhecimento por parte dos espectadores e do público em geral. Porém, por ser uma atividade permeada por alto grau de incerteza quanto à sua aceitação e apreciação como um produto oferecido, a constante interação com o consumidor se revela fundamental para nortear as atividades dessas organizações culturais.

Ainda de acordo com o autor, o planejamento da produção do Carnaval tem sido marcado crescentemente pelo profissionalismo, como reflexo da crescente concorrência entre as escolas e a transformação no desfile em um grande espetáculo. De uma atividade gerida de forma amadora por um pequeno número de pessoas, as escolas de samba assumem gradativamente características de empresas, com a incorporação de profissionais especializados em diversas áreas, como marketing, contabilidade, recursos humanos, advocacia, comunicação etc. A profissionalização da produção do desfile nas escolas de samba tem a possibilidade de uma redução de custos organizacionais e de produção (Matos, 2007).

Nas folias momescas é que a dinâmica social assume o papel de valorização das interdependências entre os saberes, por intermédio da diversidade cultural propiciada pelos atores sociais. Para Santos (2010, p. 142), “o reconhecimento da diversidade epistemológica do mundo sugere que a diversidade é também cultural e [...] ontológica, traduzindo-se em múltiplas concepções de ser e estar no mundo”.

No município de Cruz Alta - RS, existem hoje quatro escolas de samba que realizam desfiles de rua anualmente e contam com público de toda região, do país e do exterior. A terra de Érico Veríssimo, como é conhecida, tem fortemente presente o Carnaval de clubes sociais com blocos e bandas musicais que animam a folia, mas principalmente, encanta com a beleza de suas escolas de samba que atraem o público desde a criação da primeira agremiação carnavalesca.

Enfim, o Carnaval é uma festa popular de grande importância para o povo brasileiro que se organiza anualmente para apresentar à sociedade um verdadeiro espetáculo de originalidade tanto na beleza das fantasias e alegorias, quanto nos versos dos sambas-enredo criados para realizar uma crítica social ou mesmo para exaltar positivamente questões que permeiam a sociedade, trazendo consigo não apenas a possibilidade de um impacto sociocultural, mas também econômico para o município de Cruz Alta, no qual se realizou essa pesquisa.

### **3.2 Impactos socioculturais do Carnaval**

Apresenta-se aqui uma discussão sobre os impactos socioculturais do Carnaval para seu local de origem, ou seja, para o município que o realiza. As comemorações momescas possuem uma grande relevância na cultura e na vida social brasileira, tanto que se ouve seguidamente que o ano começa somente após os festejos carnavalescos no Brasil. Bourdieu (2004, p. 234) refere que “a cultura é um desafio que, à semelhança de todos os desafios sociais, supõe e impõe a um só tempo, que o indivíduo entre no jogo e se deixe levar pelo jogo [...]”.

[...] além disso, o interesse pela cultura, sem o qual não existe corrida, nem concurso, nem concorrência, e produzido pela própria corrida e pela própria concorrência que ele produz. Fetiche entre os fetiches, o valor da cultura engendra-se no investimento originário implicado no próprio fato de entrar no jogo e na crença coletiva relacionada com o valor do jogo que faz o jogo e que refaz, sem cessar, a concorrência pelos desafios. (BOURDIEU, 2004, p. 234).

É praticamente impossível ficar alheio aos reflexos socioculturais que os dias de folia produzem, por outro lado, também é claro que o Carnaval constitui uma importante atividade econômica que se mobiliza a partir da cultura nacional. Portanto, é fundamental se pensar o social, considerando-se que há um imbricamento entre cultura e desenvolvimento, sem que um inviabilize ou anule o outro, mas sim que contribuam mutuamente para a realização de uma atividade ou organização da sociedade, neste caso o Carnaval. Desse modo:

Cultura e desenvolvimento se referem a processos sociais, e não a variáveis, razão pela qual não há sentido em se dizer que um gera ou obstaculiza o outro. Ambas as dimensões estão envolvidas e se referem a uma realidade e a um porvir de realizações, construídos socialmente, a que se deve almejar e alcançar. Cultura e desenvolvimento relacionam-se, portanto, com os ideais de respeito às liberdades individuais e de organização da sociedade, de forma a garantir as condições para que as liberdades sejam realizadas em um contexto de promoção da diversidade e de respeito democrático pelo pluralismo de opiniões e pela diferença. (SILVA, 2010, p. 9).

Para Silva (2010, p. 9), o desenvolvimento envolve o contexto cultural e o cultural o condiciona. O próprio movimento de organização das escolas de samba representa um grande exemplo de criação cultural popular que se manifesta no seio de uma comunidade, muitas vezes, com grandes problemas de ordem econômica e estrutural, mas que traduz durante os desfiles, através dos sambas-enredo, fantasias e alegorias essas questões como uma forma de trazer à sociedade uma reflexão sobre as necessidades, tão mascaradas em seu cotidiano.

Da mesma forma, o Carnaval como um espetáculo de alegria que encanta aos olhos do público, trazendo-o para festejar, envolve toda uma dinâmica social e econômica, contribuindo no processo produtivo, enquanto gerador de empregos temporários na confecção de fantasias, carros alegóricos, samba-enredo, bem como organização de eventos que captam recursos para que se torne viável o desenvolvimento artístico da festa carnavalesca que expressa todo um movimento cultural e por que não dizer reivindicatório ao se refletir sobre emancipação social dos sujeitos? Assim:

[...] emancipação social é um conceito absolutamente central na modernidade ocidental, sobretudo porque essa tem sido organizada por meio de uma tensão entre regulação e emancipação social, entre ordem e progresso, entre uma sociedade com muitos problemas e a possibilidade de resolvê-los em outra melhor, que são as expectativas. Então, é uma sociedade que pela primeira vez cria essa tensão entre experiências correntes do povo, que às vezes, são ruins, infelizes, desiguais, opressoras, e a expectativa de uma vida melhor, de uma sociedade melhor (SANTOS, 2009, p. 17).

O Carnaval, portanto, traz em seu bojo impactos socioculturais, à medida que faz a mediação da construção/reconstrução do sujeito a partir das trocas e vivências sociais que propicia ao seu público. Segundo Diniz (2008, p. 11), “o Carnaval por definição – as definições são válidas no território de Momo – uma obra voraz, em sua incansável vontade de carnavalizar o resto do mundo. Não é possível compreendê-lo em sua totalidade, em todos os seus detalhes”. Sobre a mensagem ou conteúdo dos sambas-enredos que contribui a uma crítica ou reverência social, o autor é enfático:

A música, linguagem democrática e universal, ocupa, no Brasil, posição central nas principais questões políticas, sociais e culturais, a partir da segunda metade do século

XX. Em seu seio, as classes sociais, dialogam, os espaços urbanos encurtam, os compositores atingem status de poeta, os músicos ocupam simultaneamente a escola e a rua, os debates culturais acontecem, o acirramento ideológico se explicita. (DINIZ, 2008, p. 13).

Conforme Eagleton (2011, p. 41), “a palavra ‘cultura’, que se supõe designar um tipo de sociedade, é de fato uma forma normativa de imaginar essa sociedade. Ela também pode ser uma forma de alguém imaginar suas próprias condições sociais [...]”. Nas letras das músicas que embalam o Carnaval, isto é, na tradução dos sambas-enredos em questões sociais e ideológicas construídas socialmente, têm-se bem visíveis os diálogos entre carnavalescos e foliões, desse modo:

Embora “cultura” seja uma palavra popular no pós-modernismo, suas fontes mais importantes permanecem pré-modernas. Como ideia, a cultura começa a ser importante em quatro pontos de crise histórica: quando se torna a única alternativa aparente a uma sociedade degradada; quando parece que, sem mudança social profunda, a cultura no sentido das artes e do bem viver não será mais nem mesmo possível; quando fornece os termos nos quais um grupo ou povo busca sua emancipação política; [...] A cultura, em outras palavras, chega intelectualmente a uma posição de destaque quando passa a ser uma força politicamente relevante.” (EAGLETON, 2011, p. 41- 42).

Bauman (2012, p. 2), ao mencionar que “as relações sociais são elas próprias o núcleo duro” da interação concreta (tal como a estrutura social é o núcleo duro da organização social – da “forma como as coisas são feitas na comunidade ao longo do tempo”), evidencia exatamente a importância que as interações exercem na construção de uma sociedade e o Carnaval nesse contexto efetiva um papel de suma importância enquanto gerador de conteúdo informativo, ao possibilitar a formação de opiniões, desmistificar preconceitos e propiciar a inclusão social e cultural.

Assim, o Carnaval representa as várias dimensões da vida e da cultura de um povo e ou local e apresenta nos seus elementos constitutivos como a música, a dança, as alegorias e fantasias, importantes produtos culturais que representam a formação e o desenvolvimento da sociedade. E é nessa manifestação sociocultural que o homem expressa valores sociais que contribuem para contar sua história, seja política, econômica ou social, numa representação do passado, do presente ou vislumbrando o futuro.

Pode-se dizer que para além dessa visão cultural, a cultura interage com outros setores que permeiam a sociedade, como turismo, meio ambiente e economia e que será tratada no próximo item.

### 3.3 A Economia da Cultura: aspectos econômicos do Carnaval

Para melhor compreender a concepção e a importância da economia da cultura é essencial refletir sobre o contexto histórico que a depreende. Para os pais da ciência econômica, a cultura e as artes se situam, em geral, no lado do irracional ou da utopia. Em meados do século XVIII e seguindo pelo início do XIX, dois dos maiores economistas clássicos, Adam Smith e David Ricardo, consideravam as artes atividades economicamente improdutivas e o trabalho empregado na execução das obras, bem como os gastos realizados com sua aquisição, desvios de recursos que poderiam ser empregados nos setores produtivos da economia (REIS, 2006).

Nem por isso, porém, o valor simbólico e social das artes lhes era negado. Smith reconheceu em sua obra máxima, *A Riqueza das Nações*, que o teatro consegue dissipar na maioria das pessoas a disposição à melancolia. Mas talvez a maior contribuição de Smith para o que viria a ser o estudo da economia da cultura reside no fato de ter sido o primeiro a admitir a existência de valor de uso e valor de troca: "As coisas que têm o maior valor de uso possuem frequentemente pouco ou nenhum valor de troca; e, ao contrário, as que têm o maior valor de troca possuem com frequência pouco ou nenhum valor de uso." (REIS, 2006, p. 27).

Para Tolila (2007, p. 19) refletir sobre economia da cultura “não constitui de modo algum uma derrota dos argumentos humanistas a respeito da cultura que todos conhecemos e defendemos”. Significa, ao contrário, é uma arma que o setor cultural deve se apossar para melhorar e defender sua existência, participar de maneira ativa do seu desenvolvimento.

Apresenta-se aqui uma discussão sobre os impactos econômicos ocasionados pelo Carnaval e para melhor visualizá-los é fundamental explicitar o conceito de economia da cultura, que segundo Machado (2009, p. 92) “parte do princípio que os bens e serviços culturais trazem em si um valor cultural e um valor econômico”. Nessa perspectiva, os termos que compõem a expressão economia e cultura são compreendidos não como contraditórios, mas como duas esferas que podem ser conciliáveis sem uma anular a outra. Para (REIS, 2006, p. 23):

A economia da cultural se refere ao uso da lógica econômica e de sua metodologia no campo cultural. A economia passa assim a ser instrumental, emprestando seus alicerces de planejamento, eficiência, eficácia, estudo do comportamento humano e dos agentes do mercado para reforçar a coerência e a consecução dos objetivos traçados pela política pública. A economia não é normativa, ela não julga a legitimidade da política pública e não se propõe a definir quais seriam seus objetivos, mas se coloca a serviço da cultura para garantir que estes sejam atingidos.

Assim, o Carnaval enquanto atividade cultural encontra-se permeado pela lógica da economia da cultura, a qual deverá identificar a melhor forma de utilizar os recursos, os agentes

e as estruturas disponíveis para atingir os objetivos da política pública que abrange a cultura e fazê-lo com a máxima eficiência possível. Desse modo, é fundamental ter clareza do significado da economia, da cultura e do desenvolvimento na lógica cultural. Sobre economia Reis (2006, p. 21) aborda que:

A economia ganhou corpo com a expansão mercantilista, quando as questões comerciais foram separadas da teologia, em nome dos interesses nacionais. Tornava-se possível discutir “valor” de modo abstrato e sem julgamentos morais. Séculos depois, a definição mais corrente vê economia como a ciência da alocação de recursos escassos (trabalho, dinheiro, matérias-primas, água etc.). Em essência, portanto, a economia lida com escolhas, utilizando um sem-número de modelos para explicar a relação entre variáveis e propor a melhor solução para os objetivos traçados. Como qualquer ciência, ela evolui e se transforma a cada dia, aglutinando correntes ortodoxas e heterodoxas.

Sobre o conceito de cultura a autora refere que deriva do cultivo da terra, sendo posteriormente transposto ao cultivo da mente, trazendo em si a ideia de que uma pessoa que absorve conhecimento colhe bons frutos intelectuais, tornando-se uma pessoa culta. Em se tratando de uma abordagem antropológica, cultura engloba os conhecimentos, crenças, línguas, artes, leis, valores, morais, costumes, atitudes e visões de mundo. A cultura em um sentido mais estreito, cultura com “c” minúsculo, refere-se aos produtos, serviços e manifestações culturais os quais trazem em si uma expressão simbólica da cultura em sentido amplo.

Ao conceituar desenvolvimento a autora aponta que o mesmo enquanto crescimento diz respeito à acumulação, sendo o crescimento, então, apenas um aspecto do desenvolvimento, o qual lida também com sua distribuição, analisando o bem-estar e a qualidade de vida na sociedade. Esses três conceitos motivam debates acalorados e classificações distintas, porém mesmo sem que se atinja um consenso são úteis para alinhar o entendimento da economia da cultura (REIS, 2006).

O Carnaval brasileiro como atividade cultural, festa popular tradicional passou por processos de transformação ao longo de sua história, acompanhando o ritmo das mudanças socioeconômicas e culturais de cada época, adquirindo identidade e significado próprios. Segundo Machado (2009, p. 92), “as atividades, bens e serviços culturais possuem dupla natureza, tanto econômica quanto cultural, uma vez que são portadores de identidades, valores e significados, não devendo, portanto, ser tratados como se tivessem valor meramente comercial”.

Para Leite e Silvestre (2017, p. 69), a natureza econômica do Carnaval é bastante ampla, visto que propicia uma série de empregos temporários do início ao fim das festividades,

contribuindo no processo produtivo, pois permite a profissionalização de seus agentes culturais, bem como potencializa os recursos públicos a partir da geração de empregos e impostos, conforme os autores explicitam:

A profissionalização dos agentes culturais não é o único caminho para o desenvolvimento regional, mas se constitui como o principal no apoio e na disseminação da arte e cultura, como geradores de emprego, valorização profissional, reconhecimento do valor profissional e elevação de recursos públicos através do recolhimento dos impostos, na medida em que os empreendimentos culturais e artísticos tornam-se um modelo de geração de emprego e renda, contribuindo para a revitalização e reocupação de espaços públicos. [...] Habilidades que estão muito associadas ao campo da arte e cultura, visto que é expressivo o poder de criação, adaptação e construção subjetiva e simbólica destes profissionais.

Conforme Matos (2007, p. 57) “é ampla a variedade de atividades relacionadas ao Carnaval e realizada por integrantes das escolas de samba que não são ligadas ao desfile”. Desse modo, a economia local se beneficia dessa geração de recursos, pois este agente irá usufruir do recurso financeiro obtido com sua força produtiva. Da mesma forma, os recursos provenientes dos eventos produzidos pelas agremiações, na medida em que são utilizados na aquisição de matéria-prima, no comércio local, para produção dos elementos fundamentais aos festejos.

Embora o principal atrativo (ou serviço) oferecido pelas escolas de samba ocorra apenas durante o carnaval, trata-se de uma indústria atuante durante todo o ano, com a preparação gradual do desfile, a realização de apresentações e eventos. A “produção do desfile” pode ser desmembrada em quatro “sub-sistemas” que convergem para o produto final: a produção de fantasias e adereços, a produção dos carros alegóricos, a criação e preparação de elementos musicais (samba-enredo e bateria) e a criação e preparação dos elementos performáticos (coreografias etc.). (MATOS, 2007, p. 57).

Enfim, pode-se afirmar que o Carnaval apresenta impactos positivos para a economia local e regional, pois gera renda, empregos, tributos, investimentos em infraestrutura e desenvolvimento. É nesse contexto que a economia da cultura vem a contribuir no processo de organização e execução dessa atividade cultural que atrai expressivo público pagante, potencializando a utilização de hotelaria, alimentação disponibilizada pelo município, sem contar com toda a produção dos elementos constitutivos do próprio desfile.

## 4 O CARNAVAL DO MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA – RIO GRANDE DO SUL, A PARTIR DE UM CONTEXTO HISTÓRICO E GLOBAL

“O carnaval de Cruz Alta está em sua essência, sendo uma das tradições culturais mais antigas e de forte tradição, talvez a mais importante historicamente.” (Entrevistado 15 – Segmento: Comunidade, 2019).

### 4.1 A gênese do Carnaval de Cruz Alta

Os capítulos 4 e 5 constituem os resultados e discussões da pesquisa, com o intuito de se apresentar subsídios que possam confirmar a hipótese que norteou este trabalho, bem como responder aos objetivos propostos para a pesquisa. Inicia-se com a caracterização do Carnaval no município de Cruz Alta.

Do mesmo modo que em outras regiões do país, o Carnaval do município de Cruz Alta, teve início com a chegada dos imigrantes portugueses, e data de mais de cem anos de existência. Desde meados do século XIX já se tinha notícias das festas momescas, não sendo possível, através da pesquisa realizada, precisar a data exata de seu surgimento no município, porém no país, segundo Araujo (2012, p. 21):

O Entrudo, costume carnavalesco de Portugal foi implantado no Brasil a partir de 1723. A clássica divisão – rua e casa – encontrou no tempo da colônia e império, uma forte forma de reprimir as culturas dos negros. Os escravos não podiam expressar seus costumes e culturas a não ser em ambientes bem restritos. Nos dias de carnaval, no entanto, a rua era liberada e todos podiam fazer o que quisessem dentro dos limites que não significassem revoltas armadas. Então os escravos vinham em bandos, em loucas correrias, ruas a fora, numa algazarra infernal jogando água, detritos e pó nas pessoas que se protegiam apavoradas. Era o jogo do entrudo que os sociólogos classificam como ocupação selvagem das ruas.

Ainda de acordo com o autor, em 1857, mais um edital proibia o Entrudo, estabelecendo multa de quatro a doze mil réis ou oito dias de cadeia. Da mesma forma, era proibido o uso de máscaras no período que compreendia 10 horas da noite às 4 horas da manhã. Apesar das diversas tentativas de proibir, o Entrudo só foi enfraquecendo a partir da implantação do “Carnaval Refinado Europeu” na segunda metade do século XIX. Mesmo assim em 1879, um jornal apelava para que a polícia impedisse o uso de bisnagas e limões de cheiro. (ARAUJO, 2012).

Na concepção de Ferreira (2004), durante quase trezentos anos, a brincadeira do Entrudo reinou soberana no período carnavalesco das principais cidades brasileiras, mas em torno da década de 1830 essa situação se modifica, pois desde o começo do século XIX, o Brasil vinha passando por grandes modificações e, em 1808, a instalação da família real portuguesa no Rio de Janeiro, faria com que o Centro do Império Ultramarino Português se transferisse

para o Brasil. Com a chegada dos novos e sofisticados habitantes, nascem a Biblioteca Nacional, jornais e teatros e logo mais os bailes mascarados.

Conforme Queiroz (1999) em sua obra “*Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*” foram três as fases sucessivas de atividades carnavalescas no Brasil, sendo a primeira o Entrudo, a mais antiga, que era o Carnaval das famílias por ser organizado por conjuntos de parentes e grupos de vizinhança. A segunda fase ficou conhecida como o grande Carnaval ou Carnaval burguês, pois era financiado e comandado pelas grandes fortunas locais que organizavam de uma forma onde só era permitida a participação das camadas tidas como superiores da sociedade e a terceira fase o Carnaval das escolas de samba, sinônimo de Carnaval popular por abarcar nos seus desfiles a população oriunda das camadas de menor poder aquisitivo, sujeitos estes que acabaram tornando-se os principais atores da festa. (QUEIROZ 1999 *apud* JESUS, 2013, p. 70):

Assim, as duas primeiras fases do Carnaval no Brasil, acima mencionadas, não foram consideradas de início como uma festa nacional, qualificação essa apresentada como um adjetivo para a terceira fase, a do Carnaval das escolas de samba ou popular. Ou seja, demonstra-se o papel desempenhado pelo Carnaval popular, tanto permitindo o acesso à população mais carente, quanto mediante a contribuição desta com a configuração estética do Carnaval.

Para Ferreira (2004), duas correntes nacionalistas se faziam notáveis nas expressões da cultura brasileira, entre os séculos XIX e XX, a ideia de civilizar o Brasil pelo contato com o Europeu, estava presente no Carnaval dos passeios, desfiles e bailes desejados pela boa parte da burguesia, pois pensava-se que através do contato com uma festa mais “distinta”, o antigo Entrudo Popular dos escravos e do povo das ruas, pudesse ser anulado ou transformado numa brincadeira cortês. Uma segunda corrente de pensamento buscava, ao contrário, valorizar as manifestações carnavalescas mais ligadas à cultura do interior do país que expressavam a essência da alma brasileira. Essa abordagem acabaria por destacar as formas de brincadeira popular incluídas por essa razão da categoria Pequeno Carnaval. Para o autor, o conceito de pequeno Carnaval:

[...] Pequeno Carnaval em oposição, a grande Carnaval tinha conotações mais positivas que negativas associando aos grupos populares, ideias de inocência e pureza, além de colocá-lo. Como algo que ainda não cresceu necessitando, portanto, de proteção e cuidados, esse tipo de pensamento teria como veremos importantes consequências para a festa carnavalesca (FERREIRA, 2004, p. 251).

O autor traz outra contribuição importante ao afirmar que na segunda metade do século XIX a implantação da brincadeira, conforme o gosto burguês nas cidades brasileiras reforçava a ideia do Carnaval como contraponto à vida cotidiana, em um momento onde tudo podia acontecer e onde todas as loucuras eram permitidas, o que obviamente não era para ser entendido ao pé da letra, pois apesar do belo discurso, as loucuras só eram permitidas enquanto não fossem consideradas Entrudo. Do contrário, a posição era outra e as reafirmações de posturas policiais proibindo e punindo toda uma série de exageros era visível.

Em Cruz Alta, as folias carnavalescas tiveram suas origens nas brincadeiras da “Chegada de Momo”, também entre as classes menos favorecidas, dentre as quais, os escravos dos senhores portugueses, que percorreriam as ruas da cidade, vestindo todo tipo de fantasia, cantando e tocando instrumentos musicais, conforme afirmam os entrevistados:

[...] originou-se nos primórdios da fundação da então Vila do Divino Espírito Santo da Cruz Alta. As tradições dos povos ibéricos, mais precisamente o Entrudo, foram trazidas pelos portugueses que se instalaram por aqui. Desde o século XIX (dezenove) já se tem notícias da “Chegada de Momo”, quando as lojas se preparavam para comercializar seus produtos relativos ao tema, como as “Bisnagas”, os “Limões de Cheiro”, serpentinas e afins. Com a chegada dos escravos, trazidos pelas famílias de poder econômico forte, teremos o incremento da cultura de matriz africana. A sociedade, no entanto, nunca tolerou a livre manifestação da cultura de matriz africana na cidade. (Entrevistado 15 – Segmento: Comunidade, 2019).

Acredito que o Carnaval de Cruz Alta começou através da folia das brincadeiras e da união entre as famílias e amigos. Era divertimento, por as pessoas gostarem do samba, da batucada da própria descendência, da origem negra, que foi compartilhando sua cultura com as demais raças. Acho que o Carnaval iniciou há mais de cem anos em Cruz Alta e se tornou popular na sociedade por ser uma festa popular, pois na folia do carnaval não tem raça, cor, por ser uma festa contagiante que todos gostam, principalmente quem gosta de samba. É uma adrenalina quando a escola entra na avenida! É uma emoção que só vivendo para entender! (Entrevistado 16 – Segmento: Comunidade, 2019).

O Carnaval de Cruz Alta, conforme os entrevistados, é uma festa popular com raízes fincadas no processo de formação do município, com a chegada dos portugueses e dos escravos, com seus traços culturais. Araujo (2012), em sua obra *Cartilha das Escolas de Samba* retrata a essência do Carnaval como um ato da celebração, em princípio, dos corpos celestes e por fim, dos corpos sociais. Para o autor, os corpos celestes estão relacionados ao culto à natureza, aos astros, principalmente o sol e a lua e suas raízes remontam aos tempos da descoberta da agricultura, há cerca de dez mil anos antes de Cristo. Ocorreu o final da última glaciação da terra, onde as geleiras se derreteram e surgiram os campos e pradarias.

Com isso, os homens, que viviam nas cavernas, saíram dos seus antigos habitat e foram viver nos novos ambientes, praticando a agricultura. Ainda selvagens, os povos começam a

celebrar a natureza festejando a passagem das estações e a vinda do sol através de festas, corpos nus, pintados e dançando em torno de fogueiras. Já os corpos sociais surgem quando os homens civilizados vão viver nas cidades, nas quais havia divisão de classes, gerando tensões sociais e conflitos. Essas festividades misturavam senhores e escravos e serviam como “válvulas de escape”, com a finalidade de reestabelecer a ordem.

Deste modo, as festas carnavalescas ganharam forma, pois a brincadeira do Entrudo tornou-se uma característica marcante por todo o Brasil. Silva (2011), ao pesquisar sobre o Carnaval na cidade de Pelotas-RS, afirma que o ato de jogar farinha ou água de cheiro em uma bisnaga em outros foliões representava, muitas vezes, uma ideia de traição, a brincadeira servia como um sinônimo ou uma forma silenciosa de revelar os desejos mais íntimos que durante o ano eram resguardados.

De acordo com Maia (2008), estudando o mesmo município, afirma que a mão de obra escrava enriqueceu os barões do Charque pelotense do século dezenove, e que, apesar da opressão se sobrepôs culturalmente ao julgo e deixou como herança, uma expressão cultural que dura décadas e se tornou uma das referências da cidade. Afirma ainda que, quando era criança, cansou de ouvir que Pelotas tinha o terceiro melhor Carnaval do Brasil, perdendo apenas para o Carnaval Rio de Janeiro e o de Recife, várias gerações cresceram ouvindo essa afirmativa, cheias de orgulho. No seu entendimento infantil, na década de 1960, apesar de assistir ao vivo e ouvir o som de um tambor que participava dos desfiles não passava na sua cabeça que aquele tambor fosse o responsável pelo caráter distintivo do samba, que era feito na cidade e que tinha um nome estranho, Sopapo.

O Sopapo, um gênero de tambor de grandes dimensões, conhecido hoje nas cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, é cercado por incertezas quanto as suas origens. Produto da reconstrução diaspórica, atribuída aos escravos trabalhadores na Charqueadas em Pelotas e Rio Grande, no século Dezenove, um instrumento foi amplamente usado a partir da década de 1940 em escolas de samba nesta cidades, conferindo particularidades ao samba executado pelas baterias destas escolas, na voz de alguns personagens dessa história, a batida, a Pegada. O Sopapo proporcionava ao samba local, uma característica diferente da atual (MAIA, 2008, p. 13-14).

Com uma visão mais ampla, Jesus (2013), afirma que nos cabe refletir a condição peculiar que o Carnaval brasileiro assumiu com o passar do tempo, tornando-se não só a maior festa popular profana do mundo, mas uma importante fonte de riquezas culturais que propicia trabalho, interações sociais, além da festa popular constituir uma miscigenação de artes e múltiplas culturas. Portanto:

[...] além de festa profana, um mosaico rico e miscigenado de fazeres artísticos, um sem-fim de eventos, organizações, fontes de trabalho e espaços de relações sociais, terreno fértil para experimentações tecnológicas e midiáticas, berço de encontro de múltiplas culturas (JESUS, 2013, p. 70).

Do mesmo modo, o Carnaval de Cruz Alta vem se constituindo ao longo do tempo exatamente em um mosaico rico e miscigenado de fazeres artísticos e conforme o Entrevistado 20 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019), o festejo popular tem história secular, porém existem poucos registros que contem sua história. Afirma que, pelo que se sabe, a Sociedade Filantrópica Unidos de São José é a mais antiga agremiação completando em 2019 seus 60 anos de existência, ostentando por tanto a condição de escola de samba mais antiga da cidade em atividade.

Nesse sentido, o Entrevistado 15 – Segmento: Comunidade (2019) traz uma importante contribuição ao acrescentar que devemos ter bem claro, que o Carnaval não significa especificamente desfile de escolas de samba, pois esse modelo foi uma adaptação que chegou mais recentemente. Os desfiles de Corso (carros enfeitados e transportando Rainhas das Agremiações Sociais) vieram com muita força e como representatividade da sociedade e os Clubes Sociais que realizavam festas alusivas ao evento. Depois, pelos anos de 1950, acredita que se intensificou o desfile de blocos nas ruas, sendo pioneiros, em Cruz Alta, os “Filhos da Lua”, “Os Bandoleiros”, “Paralelo 38”, dentre tantos outros.

Apesar de poucas pessoas terem conhecimento, o Carnaval teve sua origem no Entrudo, trazido pelos colonizadores portugueses e até se chegar ao Carnaval das escolas de samba que se tem atualmente, passou pela fase dos Corsos, dos festejos dos clubes e dos blocos de rua para chegar à formação da primeira agremiação carnavalesca de Cruz Alta, e registros oficiais junto aos órgãos públicos municipais de cultura não existem.

De acordo com o Entrevistado 23 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019), não existem registros oficiais na Secretaria de Cultura, no entanto, depoimentos de integrantes e ex-integrantes de agremiações do município contribuíram com a criação de documentário feito pela TV Câmara, por volta de 2014, que é um documentário sobre o Carnaval de Cruz Alta. Acrescenta ainda que o Carnaval como festa é muito antigo e que Cruz Alta já tinha atividades no Carnaval, como os desfiles das escolas, com desfiles de blocos como “Os Filhos da Lua” (Figura 1), importante embrião dos desfiles das escolas de samba que se tem atualmente no município.

Figura 1: Bloco de Carnaval – “Os Filhos da Lua” – Década de 50.



Fonte: Arquivo cedido pela Escola Sociedade Recreativa e Filantrópica Unidos de São José, 2019.

O Carnaval de Cruz Alta passou por um processo evolutivo como as demais cidades do país, das brincadeiras do Entrudo, como brincadeiras sujas e agressivas, onde brincavam separadamente senhores e escravos, originando o Carnaval D'água que envolvia quem passasse pelos logradouros públicos em um banho de água e alegria. Posteriormente, teve-se os blocos dos clubes sociais como grande representatividade das festas de Momo e, por fim, os blocos de rua que originaram o que se tem atualmente como espetáculo, o Carnaval das escolas de samba. No próximo item serão discutidas as influências culturais nas festas carnavalescas de Cruz Alta.

#### 4.1.1 A influência da cultura negra e portuguesa nas festas carnavalescas de Cruz Alta, RS

Para falar sobre o Carnaval de Cruz Alta, sobre a influência da cultura negra e portuguesa na festa é fundamental abordar a história da construção do município, a qual remonta ao final do século XVII, quando em 1698, a mando do padre jesuíta Anton Sepp Von Rehegg, uma grande cruz de madeira foi erigida, logo após a fundação de São João Batista nos Sete Povos Missionários. A “cruz alta” (Figura 2) tornou-se ponto de internada e um grande

pouso para milhares de tropeiros vindos das fronteiras com a Argentina e Uruguai, que se dirigiam até a Feira de Sorocaba para comercialização dos animais (IBGE, 2012).

Figura 2: O marco do surgimento de Cruz Alta na localidade de Benjamin Nott.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2020.

Mais tarde, ocorre a demarcação do Tratado de Santo Ildefonso em 1777, de acordo com Cavalari (2004, p. 50), “com o Tratado, a Espanha assumiria a posse definitiva da Colônia de Sacramento e das reduções Missioneiras no Rio Grande do Sul, estabelecendo em troca disso, a posse da Ilha de Santa Catarina pelos portugueses.” A linha divisória, Campos Neutrais (Figura 3), que separava as terras de Espanha das de Portugal, cortava o território rio-grandense pelos divisores de água exatamente por esse local onde existia a grande cruz e uma pequena Capela do Menino Jesus (IBGE, 2012).

Figura 3 – Mapa que mostra a linha divisória “Campos Neutrais” do Tratado de Santo Ildefonso, 1777.



Portinho. Na Revolução de 1893, o município apelidado de “Ninho dos Pica-paus” importante palco dos acontecimentos e lugar onde a prática da degola foi mais intensa. Em 1894, Cruz Alta foi atacada pelas tropas maragatas comandadas por Aparício, irmão de Gumercindo Saraiva, com aproximadamente 1500 homens. Na Revolução de 1923, tropas circulavam por seu território, depois dos conchavos registrados nas correspondências trocadas entre Borges de Medeiros e Firmino de Paula para maquirar os destinos da Revolução.

Considerando-se a sua formação histórica, pode-se destacar os intensos processos de povoamento e colonização. Por Cruz Alta situar-se em uma região cultural mista, mais precisamente no Noroeste do Estado, teve assim contribuições de etnias diversificadas, dentre as quais alemã, italiana e portuguesa (NETO, 2007). Com base no que refere o autor, percebe-se a diversidade sociocultural da população que compõe Cruz Alta e que vem contribuindo para seu desenvolvimento econômico e cultural ao longo do tempo.

Essa discussão é corroborada por Aléssio (1981), quando afirma que o território do Rio Grande do Sul não era um deserto. Há mais de 6.000 anos era habitado por índios que perfaziam um total de 500.000 pessoas no início do século XVII, período em que o território começou a pertencer ao domínio português. Os três grupos indígenas básicos eram Gê, Guarani e Pampeano, sendo que se espalhavam pelo território e áreas circunvizinhas, organizados material, social e politicamente de forma própria e com modo rudimentar de cultura.

Conforme o autor, os portugueses, impulsionados por interesses comerciais e apoiados no Estado português, não foram os únicos agentes do processo de conquista e ocupação do território do Rio Grande do Sul. A sua expansão em direção ao Sul envolveu também outros agentes e teve que fazer face à oposição de índios e espanhóis (ALÉSSIO, 1981).

Da mesma forma, Caetano (sd; p. 1), refere que “a influência da cultura portuguesa, como principal etnia formadora do município é verificável através da análise da gênese e evolução de Cruz Alta.” Porém, é essencial recordar que em Cruz Alta viviam indígenas, posteriormente, tropeiros e imigrantes europeus. Sobre a ocupação portuguesa, a autora afirma que a região que compreende Cruz Alta, ficou conhecida pelo bom pasto e pelos rios de regime perene, condições apropriadas para o desenvolvimento da bovinocultura, atividades esta que se constituiu maior tradição no município e na região. Também, de acordo com Zamberlan; Baiocchi e Florão (1989, p.51), “os locais que possuíam bom pasto, boas aguadas e de regime perene, vegetação rasteira, com os campos de matos e rio que facilitassem a passagem de homens e animais tornaram-se pontos pivôs ou chaves no traçado de um novo caminho”.

Muito da cultura portuguesa existente no município não se deve, somente, à presença da população portuguesa que, desde 1801, tomando posse definitiva das terras do Sul, espalharam a cultura lusitana. Os Açorianos também contribuíram muito para a afirmação dos elementos culturais portugueses, principalmente a língua. O idioma português prevaleceu nas terras cruz-altenses (CAETANO, sd, p. 2).

Destaca-se também, segundo Caetano (sd), a influência dos jesuítas neste período, pois tinham como objetivo introduzir os indígenas na vida cristã, porém a expulsão desses missionários e a escravização dos indígenas ocorreu com a chegada dos bandeirantes paulistas entre 1636 e 1641 e muito da cultura portuguesa presente nos bandeirantes influenciou a formação de Cruz Alta e da região, principalmente as habilidades para atividades comerciais. Entre 1682 e 1707, de acordo com Cavalari (2004), os jesuítas atuam novamente e fundam os Sete Povos das Missões, os quais compreendem: São Lourenço, São João Batista, Santo Ângelo, São Borja, São Luís Gonzaga, São Nicolau e São Miguel.

Ainda conforme Cavalari (2004), Cruz Alta sediou a antiga redução chamada Natividade, sendo que em 1756 os Sete Povos foram atacados pelos portugueses e espanhóis, em 1801, não havia mais indígenas. Conforme Aléssio (1981) do ponto de vista dos agentes sociais interessados em se apoderar das riquezas dos territórios descobertos, transformando-as em produtos para o mercado europeu, o destaque era a pecuária com base nas reduções. No entanto, o sistema de organização dos grupos indígenas não era o mais adequado ao processo de expansão mercantil colonial, devendo ser substituído por outro sistema de relações sociais de produção. Assim:

No esforço de integração do território, sua população e seus rebanhos, ao sistema colonial, juntaram-se Portugal e Espanha e empreenderam a conquista das Missões, consumada em 1756 com a derrota dos Guaranis na batalha de Caybaté. Os índios foram arrasados. Só lhes restaram duas alternativas: 1. - a fuga pelas matas, onde um reduzido contingente sobreviveu numa economia de subsistência; 2. - renunciar ao seu sistema de vida e integrar-se na nova organização econômica, atuando como peões de estância, aderindo assim a alguma forma de assalariamento (ALÉSSIO, 1981, p. 22).

De acordo com Zamberlan; Baiocchi e Florão (1989), a partir de então, os portugueses conseguem conquistar definitivamente a região e o Rio Grande do Sul, consolidando sua conquista do Sul do país, acelerando a implantação de estâncias de gado, ampliando a economia regional. “As primeiras estâncias da região de Cruz Alta, surgem com a chegada dos paulistas, que se fixaram por todo o sul do Brasil, atraídos pela mineração. A partir daí iniciam-se as tropeadas” (CAETANO, sd).

A integração econômica do Sul do país – Rio Grande do Sul – onde está inserida Cruz Alta, desde sua origem, a partir de 1600, esteve condicionada a fatores físicos, políticos, militares e econômicos. A comunicação com o centro, em razão dos poucos pontos de acesso pelo mar, fez-se via os caminhos – tropeadas por onde passavam os animais e mercadorias carregadas por animais. (...) Cruz Alta surge como um desses importantes pontos ligados ao caminho das tropeadas. (...) Esta, gradualmente, vai tornando-se polo irradiador da economia gaúcha, ligando o extremo Sul do país ao centro do país. Quase todas as mercadorias: gado em pé, sebo, charque, escravos, couro, milho, batata, mandioca, trigo, muares, equinos, banha, toucinho, café – que eram levados ou trazidos do centro do país – passavam por Cruz Alta (ZAMBERLAN; BAIOCCHI E FLORÃO, 1989, p. 99).

A presença das tradições portuguesas reflete-se na política, nos elementos culturais trazidos pelos portugueses, principalmente nos primeiros habitantes do município. O tipo físico, a organização familiar patriarcal, a arquitetura das casas, os festejos e os hábitos da população local, formaram culturalmente a cidade e caracterizam, até os dias atuais, a etnia predominante no município. (CAETANO, sd).

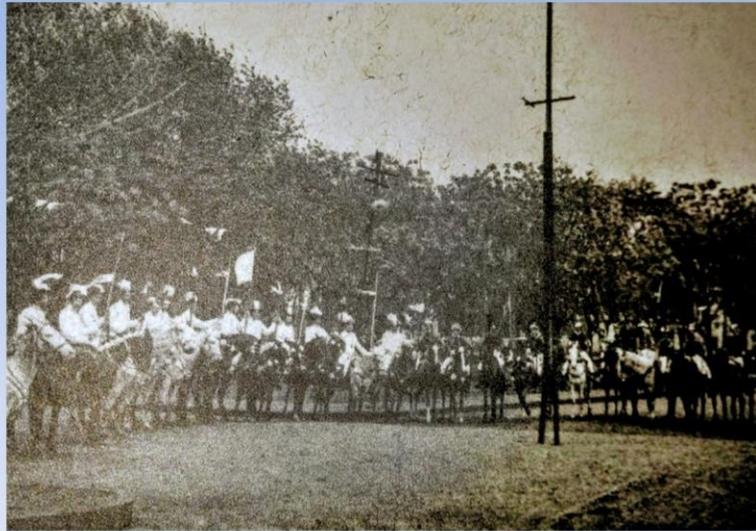
As festas típicas da cidade, de influência lusitana, ocorriam em clubes respeitados como a “Sociedade Bailante Progresso de Cruz Alta”, criada em 9 de agosto de 1879. Outras comemorações eram de cunho religioso, como a Festa do Divino, em que as famílias da antiga Cruz Alta seguiam para lugares determinados pelo trajeto da bandeira e, à noite, concentrava-se grande parte da população na Praça da Matriz, onde eram vendidos quitutes, com muita música (CAETANO, sd, p. 3).

De acordo com Rosa (1981), a devoção ao Divino Espírito Santo excedia a qualquer outra e sua festa era celebrada na capela da Matriz à época. Os foliões saíam a cavalo, com instrumentos musicais levando à frente da cavalaria, a riquíssima bandeira do Espírito Santo. Ao se aproximarem de estâncias, povoados, casas beira-estrada ou escondidas da passagem, a música era logo executada tiros e rojões anunciavam a aproximação dos devotos. Os donos das casas recebiam o estandarte sagrado que percorria toda a moradia, sendo beijado por todos os moradores. Posteriormente, eram dadas esmolos como contribuições para a festa. Findada a parte simbólica, todos os integrantes da comitiva eram convidados a participar de uma mesa farta de iguarias preciosas ao tempo e a última moradia visitada acolhia os cavaleiros para o pernoite. Desse modo,

As festas em honra ao Divino Espírito Santo eram as mais queridas e aguardadas pelo povo. As famílias da Cruz Alta antiga acorriam aos lugares determinados pelo trajeto da bandeira e das atrações programadas. A Praça da Matriz concentrava à noite, um grande número de populares que se confundiam em meio as tendas de quitutes, aos leilões de ofertas, à música e à alegria. (CAVALARI, 2004, p. 196).

Outro evento festivo que acontecia no município eram as cavalhadas (Figura 4) onde era realizada uma dramatização das lutas entre cristãos e muçulmanos, e ocorriam em toda festa cívica e religiosa do Rio Grande do Sul. Essa comemoração, além de ser de herança portuguesa, também tem influência espanhola, pois remonta aos tempos de dominação luso-espanhola em nosso território (CAETANO, sd).

Figura 4 – A última cavalcada em Cruz Alta, nas primeiras décadas do século XX.



Fonte: extraído da obra *A gênese de Cruz Alta* – Cavalari (2004, p. 207)

Do mesmo modo, Cavalari (2004) refere que as cavalcadas constituíam uma festa tradicional de antigamente e foi uma herança dos tempos de dominação luso-espanhola em nosso território e se tornaram muito populares no Rio Grande do Sul, sendo que raramente ocorria de uma festa cívica ou religiosa onde não houvesse o torneio das cavalcadas. Em Cruz Alta, as cavalcadas aconteciam junto aos campos da Praça do Ypiranga, onde atualmente estão localizadas a Praça General Firmino e o prédio da Câmara de Vereadores. Ainda de acordo com o autor, o torneio ocorria da seguinte forma:

Estas corridas ou torneios eram a dramatização das antigas lutas entre os cristãos e muçulmanos que se desafiavam pelos seus respectivos embaixadores. Depois do desafio, os embaixadores retiravam-se e o torneio começava. Uma disputa entre os cavaleiros turcos e cristãos, cavalgando e tentando atingir pequenas caveiras penduradas em postes dispostos sobre o terreno e utilizando para isto, várias partidas de ida e volta, cada uma com um tipo de arma, visando atingir as caveiras. Na parte da Praça, fronteira a moderna Rua Pinheiro Machado, erguia-se o tradicional arco-capela, ornado de flores e enfeites, ao centro do qual ficavam penduradas as argolinhas de prata e ouro, o objetivo maior do torneio. Aquele que, vencidas as provas anteriores conseguisse arrancar as argolas com a lança, era o vencedor e a ele cabia o direito de escolher a moça na plateia e a ela entregar-lhe, com a própria lança, a argola conquistada (CAVALARI, 2004, p. 216).

Já no período da Quaresma, outra celebração religiosa importante, conforme Caetano (sd), o comércio local se preparava para oferecer diversos artigos para garantir o divertimento da população, pois o hábito de esguichar água nas pessoas era uma forma de marcar este período

do ano e, acabou originando o Carnaval D'água de Cruz Alta, já extinto na cidade, conforme será discutido posteriormente neste estudo. Essa brincadeira acontecia nas casas dos senhores, mas eram os escravos que mais se divertiam, brincando pelas ruas no jogo do Entrudo, considerado por muitos uma brincadeira suja e violenta (CAVALARI, 2004).

De acordo com Aléssio (1981, p. 26), a presença do negro escravizado pelo colonizador português, nesse cenário, ocorreu por conta da “articulação econômica do Sul com outros centros do país ou do exterior [...] foi utilizado de acordo com diferentes momentos históricos da economia exportadora ou mercantil [...] quer da economia de subsistência [...]” Os escravos contribuíram muito para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul. Ainda segundo o autor,

Na região de Cruz Alta, o contingente escravo foi mais reduzido, mas nem por isso sua contribuição foi menos significativa. Na região, era comum a utilização do serviço de negros cativos para toda a sorte de serviços braçais nas estâncias. Posteriormente, após a libertação, nas roças de subsistência da fazenda, era comum a utilização de negros ou mestiços. (ALÉSSIO, 1981, p. 28).

Conforme Cavalari (2004), a presença do negro em Cruz Alta pode ser comprovada historicamente desde a Fundação da Vila, quando neste local estabeleceram-se os primeiros posseiros e proprietários de terras. Salienta que antes disso, porém, torna-se necessário acrescentar que a existência de negros escravos no Rio Grande do Sul remonta a sua ocupação e povoamento. No ano de 1680, as tropas portuguesas fundaram a Colônia do Sacramento em frente a Buenos Aires e junto dessas tropas desembarcaram 60 (sessenta) negros, 48 (quarenta e oito) dos quais eram escravos de Dom Manoel Lobo.

[...] e que foram usados ao longo do tempo em diversas atividades como a courama, exploração do couro, sebo e graxa do gado. Com o incremento das tropas de gado e mulas, os escravos foram inicialmente adquiridos na Colônia do Sacramento e trazidos com estes animais (CAVALARI, 2004, p. 151).

DaMatta (1986) afirma que temos um triângulo racial que impede uma visão histórica e social da nossa formação como sociedade, pois quando acreditamos que o Brasil foi feito de negros, brancos e índios, estamos aceitando sem muita crítica a ideia de que esses contingentes humanos se encontraram de modo espontâneo, numa espécie de Carnaval social e biológico e nada disso é verdade. Ressalta ainda que somos um país feito por portugueses brancos e aristocráticos, uma sociedade hierarquizada e que foi formada dentro de um quadro rígido de valores discriminatórios.

Os portugueses já tinham uma legislação discriminatória contra judeus, mouros e negros, muito antes de terem chegado ao Brasil; e quando aqui chegaram apenas ampliaram essas formas de preconceito. A mistura de raças foi um modo de esconder a profunda injustiça social contra negros, índios e mulatos, pois, situando no biológico uma questão profundamente social, econômica e política, deixava-se de lado a problemática mais básica da sociedade. De fato, é mais fácil dizer que o Brasil foi formado por um triângulo de raças, o que nos conduz ao mito da democracia racial, do que assumir que somos uma sociedade hierarquizada, que opera por meio de gradações e que, por isso mesmo, pode admitir, entre o branco superior e o negro pobre e inferior, uma série de critérios de classificação (DAMATTA, 1986, p. 31).

No entanto, esses negros escravos deixaram um importante legado da sua cultura para o Brasil, e especialmente para o município de Cruz Alta. Imprimiram traços da sua herança cultural, dos batuques, da culinária africana, das expressões corporais, da religiosidade, da alegria, contribuindo fundamentalmente para as festas carnavalescas que tem no samba o embalo para os enredos das escolas de samba, como se vê no espetáculo apresentado pelas agremiações de Cruz Alta e nas contribuições dos participantes desta pesquisa. Assim:

Por volta de 1880, os escravos de Cruz Alta, em sua grande maioria africanos nativos, conseguiram algumas oportunidades para lembrar passagens de sua longínqua pátria, reunindo-se para dançar e se divertir. Eram momentos raros, mas a prática do batuque em Cruz Alta acontecia, geralmente nos domingos, em pontos isolados da cidade. Ao longe, ouvia-se a melodia melopeia monótona do canto africano e o som cavo do seu originalíssimo tambor. Estas festas que não tinham algazarra traziam um misto de cerimonial religioso ou fúnebre e por meio da mescla de seus deuses africanos com os santos católicos, promoveram o sincretismo religioso do canbombe (candomblé) e as nuances até hoje preservadas dos terreiros de umbanda. Mas as danças e baile somente de escravos aconteciam com frequência em Cruz Alta, conforme publicou o jornal cruz-Altense na sua edição de 22 de fevereiro época de 1880 (época de carnaval), nesta nota da redação: Pedem-nos para advertir ao senhor delegado de polícia que não se deve S.S. conceder tantas licenças para bailes de escravos nesta cidade (CAVALARI, 2004, p. 207).

O Carnaval de Cruz Alta nasceu exatamente da mistura cultural desses povos que construíram sua história, como uma grande brincadeira entre amigos que foi crescendo com os entrudos inicialmente, depois com o surgimento de blocos fantasiados e mascarados, os quais foram ganhando cada vez mais integrantes e por fim, com a formação das escolas de samba. Na época dos blocos, assim como no Entrudo, tudo era festa, pois não havia regras, como se tem hoje nos desfiles das agremiações.

Para o Entrevistado 12 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2019), o Carnaval faz parte da história de Cruz Alta e relata que o samba-enredo da Imperatriz da Zona Norte trará, no Carnaval de 2020, os duzentos anos de Cruz Alta, fazendo uma crítica social, ao indagar onde estão o negro e o índio no processo de inclusão social.

Afirma ainda que a cidade de Cruz Alta surgiu na localidade de Benjamin Nott e na sua expansão, nasceu a Igreja da Matriz como primeira capela construída por mão de obra escrava, mas o local onde está a igreja era território de predomínio indígena, surgindo os confrontos entre índios e escravos, dizimando os indígenas e nascendo assim os redutos negros. Os dois cinturões negros da cidade, um localizado próximo à escola Unidos de São José e o outro, no chamado Bairro Preto, onde é o Bairro São Miguel e o Bairro São Genaro. Locais esses, berços das escolas mais antigas da cidade e essa história a escola vai contar. Já o Entrevistado 13 afirma que quando o Carnaval nasceu em Cruz Alta:

Naquele tempo, não havia um tema criado como hoje nas escolas, as fantasias eram diversas, o Pierrô, a Colombina, integrantes usando biquínis, entre tantas outras fantasias. Com o passar do tempo, o carnaval de Cruz Alta passou a ser um concurso com samba-enredo, tema e fantasias padronizadas por alas e fantasias de destaques e complementos que vem nos carros alegóricos, todos iguais. (Entrevistado 13 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2020).

Sobre o Carnaval poder representar uma crítica social na Avenida, Ferreira (2004) relata que no período do Entrudo Lusitano dos bonecos gigantes durante os passeios pela cidade eram essas figuras gigantes em palha que recebiam os xingamentos, objetos lançados, servindo de motivos de desabafos da sociedade. No último dia da festa, os bonecos eram queimados, simbolizando a chegada do período de cinzas e um enterro burlesco acontecia, seguido pela leitura de um testamento.

Figura 5 – Bloco de Carnaval “Os Bandoleiros” – 1959.



Fonte: Arquivo cedido pela Escola Sociedade Recreativa e Filantrópica Unidos de São José, 2019.

Conforme relato dos entrevistados, a figura 5 apresenta um momento do bloco de Carnaval “os bandoleiros”, considerado o pioneiro nos registros sobre o Carnaval no município e que deu origem a mais antiga Escola de Samba.

Outra forma de brincar o Carnaval em Cruz Alta, entre as décadas de 1970 e 1980, famoso no Estado e amplamente divulgada na mídia, foi o Carnaval D’água de Cruz Alta (Figura 6), que também percorria as ruas do centro da cidade com foliões de todas as idades. Veículos forrados com lonas, abastecidos com água, carregavam os foliões que, numa brincadeira saudável, molhavam quem estivesse nos logradouros públicos durante a folia que acontecia em meados de janeiro e fevereiro.

Figura 6 - Registro do Carnaval D’água de Cruz Alta, 1976.



Fonte: (CAVALARI, 2012).

Conforme Masutti e Teixeira (2019, p. 11), a Secretaria de Turismo da época calculou cerca de dez mil pessoas e era considerada a maior festa de todos os tempos, repercussão esta transmitida diretamente da TV Cruz Alta para toda a região e para mais de um milhão de pessoas. Ainda de acordo com os autores, em 1982, uma chuva de água colorida foi jogada por aviões da aviação agrícola que largaram também confetes sobre a população. Porém, conforme (Jesus, 2013, p. 71) “o movimento de educação ambiental contemporâneo em defesa da preservação da água fez com que as autoridades locais de Cruz Alta cancelassem a realização do Carnaval D’Água desde o início dos anos 2000”.

Ainda nesse período, nas décadas de 1970 a 1990, o Carnaval também se fazia grandioso nos clubes sociais da cidade, onde a elite cruz-altense divertia-se ao som de marchinhas e confetes. E por que não dizer da separação entre brancos e negros nas festas carnavalescas da época? Pois, dentre os clubes da elite branca da cidade estavam o tradicional Clube do Comércio, o Grêmio dos Subtenentes e Sargentos de Cruz Alta (Figuras 10 e 11), o Clube Internacional Cultural e Recreativo Cruz Alta e o Clube Cruz-Altense, já os negros brincavam o Carnaval junto à Sociedade Recreativa Cruz-Altense e ao Clube 13 de Maio.

O Carnaval se popularizou em Cruz Alta porque é uma festa do povo e sempre teve muito peso até por ter muita gente da raça negra na cidade. Foi ganhando dimensão e hoje é uma das melhores festas do Estado. É um festejo com tendência a cada vez mais melhorar! Os carnavais de clube já eram famosos. A Recreativa era muito prestigiada. Era um dos melhores carnavais do Estado, os clubes CICRS (Clube Internacional Cultural e Recreativo Cruz Alta), o GSSCA (Grêmio dos Subtenentes e Sargentos de Cruz Alta), o Clube do Comércio, a própria Recreativa, o Missioneiro, os Ferrinhos, o Vila Gobbo e o Antero Brás). O Carnaval D'água também era famoso. Os Carnavais da AABB (Associação Atlética Banco do Brasil) eram tradicionais, representavam o esquentado para o carnaval. Havia um bloco chamado Soltando a Franga onde homens se vestiam de mulher. (Entrevistado 17 – Segmento: Comunidade, 2019).

O Entrevistado 18 – Segmento: Comunidade (2020) afirma que, na sua concepção, o Carnaval de Cruz Alta deve ter uns cem anos, pois começou com os Clubes Treze de Maio e a Sociedade Recreativa Cruz-Altense. O Clube Internacional (Figuras 7 e 8), o Clube do Comércio e o cruz-altense eram mais elitizados e negros não entravam, motivo pelo qual os negros começaram se juntar para fazer rodas de samba e batucadas. Era o samba raiz e não o pagode que se ouve atualmente. De acordo com Pinto:

Nos anos Dourados, quando as vacas eram gordas e passavam nos campos de barba de bode, a raça negra movimentava vários clubes sociais que mantinham intensa programação. O mais importante deles era o Clube Treze de Maio, considerado da elite dos de “raça”. Seus bailes eram categorizados e no dia treze de maio, seu salão de festa se engalanava para a comemoração da data de abolição da escravatura. O baile era de gala e todos compareciam de acordo com o traje exigido. Precedendo o baile, havia uma sessão solene comemorativa a data, ato que contava com a presença de autoridades e pessoas gradadas da sociedade cruz-altense. No ato comemorativo, falavam representantes do clube e ao final, o Intendente cumprimentava os afrodescendentes pela data. Depois seguia o baile com orquestra especialmente contratada e foi assim por muitos anos. (PINTO, sd, p. 6).

Figura 7 – Clube Social Grêmio dos Subtenentes e Sargentos de Cruz Alta – Década de 50



Fonte: Imagem retirada do endereço eletrônico do Clube (GSSCA, 2018).

Figura 8 – Bloco “Balança, mas não cai” do Grêmio dos Subtenentes e Sargentos de Cruz Alta – Década de 50



Fonte: Imagem retirada do endereço eletrônico do Clube (GSSCA, 2018).

Com o passar dos anos, o Carnaval de clubes no município foi perdendo espaço e, atualmente, o Carnaval de Rua de Cruz Alta tem uma forte expressão social e cultural que o torna o terceiro maior do Estado do Rio Grande do Sul, devido ao trabalho de um ano inteiro das suas escolas de samba e, conseqüentemente, da riqueza do espetáculo dos seus desfiles

apresentados ao público. “Em 1957 a festa deixou os clubes e ganhou as ruas, por meio da iniciativa de Ermelinda Quadros, fundadora da primeira escola de samba na cidade.” (MASUTTI e TEIXEIRA, 2019, p. 7).

Conforme o Entrevistado 15 – Comunidade (2019), o Carnaval tem significado muito importante para uma parcela da população de Cruz Alta. No entanto, desde que o Carnaval de clubes deixou de ser realizado, muitas pessoas são relutantes em aceitar o Carnaval de Rua, principalmente porque o Poder Público ainda investe financeiramente no evento. Mas o Carnaval de Cruz Alta está em sua essência, sendo uma das tradições culturais mais antigas e de forte tradição, salienta talvez a mais importante historicamente.

Pelas respostas dos participantes da pesquisa, pode-se perceber que essa resistência vai além do investimento do recurso de fomento, há uma questão ideológica religiosa que faz com que parte da população entenda o festejo apenas como um ato de transgressão social, baderna, barulho ou bagunça. Também por ser um Carnaval fora de época que avança o período da Quaresma que compreende purificação e preparo espiritual para as celebrações da Páscoa, conforme retratam os teóricos citados neste trabalho, ao longo da existência do Carnaval.

Do mesmo modo que há essa resistência de parte da população ao Carnaval de Rua de Cruz Alta, no Carnaval de Uruguaiana – RS, de acordo com Duarte (2016), em 2005, uma contenda judicial atrasou os preparativos e ensaios da Escola “Os Rouxinóis”, a Escola de Samba mais badalada da época. A quadra da Escola de Samba foi interditada, mediante ação judicial no Ministério Público, devido a denúncias por parte de vizinhos da sede de ensaios que alegaram que a agremiação transgredia o limite de produção de ruídos durante seus ensaios noturnos diários.

Essa ação judicial gerou uma grande tensão entre a Liga das Escolas de Samba de Uruguaiana (a LIESU) e os sambistas da cidade. A Liga, entidade que organizava o Carnaval na época, reuniu a maior parte das escolas de samba filiadas e comandou uma desistência em massa das agremiações em participar do desfile no Carnaval de 2005, como um ato de protesto à interdição da quadra em questão (DUARTE, 2016).

Ainda de acordo com o autor, a contenda foi resolvida através de uma Lei Municipal, estabelecida em comum acordo entre a nova administração Municipal, com o recém-eleito Prefeito Sanchotene Felice, com a Câmara de Vereadores, numa rápida solução ao problema. A negociação entre a Liga das Escolas de Samba e a Prefeitura culminou na remarcação do

evento numa nova data no mês de março, alguns finais de semana após o feriado oficial em fevereiro. Assim:

[...] através do contato com [...], Evaristo Mutti (na época presidente da associação das escolas de samba de Porto Alegre) conseguiram cópia da lei criada na capital, e, a partir de adaptações e conceberam a lei de decibéis do município de Uruguaiana, que por intermédio e sanção do prefeito Felice, levaram até a Câmara de Vereadores de Uruguaiana, para ser votada. A lei foi aprovada, mas, mesmo assim, a escola de samba, juntamente com a LIESU, teve que apresentar defesa no Supremo Tribunal Federal (STF), pois os promotores responsáveis alegaram que não cabia ao município legislar, e, portanto, não poderiam alterar a lei Federal. (KULMANN; ABREU e LÜBECK, 2019, p. 8).

Mesmo com esses impedimentos, a causa foi ganha no STF e, assim, a Lei Municipal nº. 3434/2005 entrou em vigor no município de Uruguaiana, legalizando os ensaios e liberando “Os Rouxinóis”. Nascia então o Carnaval Fora de Época de Uruguaiana, contrapartida para transformações que evidenciariam o evento como um dos melhores do país. (KULMANN; ABREU e LÜBECK, 2019).

O Carnaval de Cruz Alta conta com quatro agremiações carnavalescas atualmente, considerando que uma escola, a Acadêmicos do Sol, sofreu desligamento da Liga do Carnaval de Cruz Alta, em 19 de novembro de 2019 por descumprimento do Estatuto da LESCA - Liga das Escolas de Samba de Cruz Alta (Anexo B) que em seu artigo décimo apresenta a seguinte redação: “Poderão ser excluídos da condição de sócio: Os que não cumprirem os estatutos, regulamentos e deliberações das Assembleias Gerais e que deixarem de comparecer as convocações da Diretoria, de modo que sua omissão comprometa a existência da entidade.”

A primeira Escola de Samba de Cruz Alta foi a Escola Unidos de São José e posteriormente, a Unidos do Beco. A competição entre ambas surge entre as décadas de 70 (setenta) e 80 (oitenta). Depois, surge a escola Acadêmicos do Sol no fim da década de 80 (oitenta). Os desfiles competitivos surgiram por volta de 1992, quando a Acadêmicos do Sol foi a escola campeã. Em 1993, nasceram as Escolas Acadêmicos da Ferrô e a Imperatriz da Zona Norte. A competição começou mesmo em 1994 entre essas 5 cinco escolas, com desfiles na Avenida Plácidos de Castro, em frente à rodoviária de Cruz Alta. (Entrevistado 23 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo, 2019)

Contudo, existiram outras escolas de samba no Carnaval de Cruz Alta, porém por não conseguirem manter-se financeiramente, findaram suas participações. Em 1995 surgiu a Escola Mocidade Independente da Montanha de Ouro, a AMIMO, e desfilou neste mesmo ano. Em 1996, surgiu mais uma escola que representava a Vila Lizabel, a qual participou do Carnaval

de 1996. Em 2002 nasceu a Escola Mocidade Independente de São Miguel que existiu apenas até 2007, pois também não conseguiu se manter financeiramente, conforme o entrevistado 23, da Secretaria de Cultura e Turismo (2019).

Ainda de acordo com o Entrevistado 23, o Carnaval de Cruz Alta teve períodos de interrupção, pois nem todas as gestões municipais entediam o festejo popular como atividade cultural de suma importância para o município, tanto para o desenvolvimento econômico, quanto para o sociocultural que possibilitam a geração de trabalho e renda para a população envolvida na produção dos elementos e dos desfiles, bem como enquanto entretenimento para as camadas mais vulneráveis, além da integração das comunidades locais e das cidades da região.

Em 2003, não houve desfiles, mas em 2004 retornam os desfiles competitivos. Em 2005, assumiu a primeira gestão do prefeito Wilson Roberto, onde não houve desfile competitivo, somente uma mostra na frente da Prefeitura Municipal, onde se fez uma retomada do carnaval, pois esse Prefeito vê o carnaval como uma política pública, enquanto cultura popular, e sempre investiu no carnaval. Em 2006 começou a grande revolução dos desfiles, ou seja, é o início dessa evolução que o nosso carnaval vem apresentando hoje, onde se busca referências no carnaval de Uruguaiana, enquanto organização, estrutura, espetáculo e desfile e implanta, aqui em Cruz Alta, um novo formato de desfiles que inclui a construção do Sambódromo Mestre Vidal. (Entrevistado 23 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo, 2019).

O ano de 2006 constituiu um importante avanço para o Carnaval de Cruz Alta, pois conferiu-lhe um novo formato, com características de Carnaval das grandes cidades brasileiras pela sua organização e pelo espetáculo que suas escolas de samba apresentam ao público. Todas essas características foram fazendo com que mais pessoas passassem a participar como integrantes das agremiações, inclusive blocos carnavalescos de cidades da região, dos Estados brasileiros e de países como o Uruguai e a Argentina.

A renovação do festejo popular precisou assim ser pensada, a partir do Carnaval que a cidade tinha, buscando-se agregar novos conhecimentos e tecnologias que pudessem modernizá-lo. Santos (2007), afirma que não podemos pensar no novo senão a partir do conceito do velho, da linguagem ou do que temos e, ainda, quando queremos nomear coisas novas devemos fazê-lo a partir de coisas que são velhas. É preciso reconhecer isso sem limitar nossa capacidade de imaginação epistemológica.

As arquibancadas, som, os banheiros químicos, toda essa dinâmica de organização surge neste período. Além disso, as escolas buscam a qualificação dos seus prestadores de serviços, das suas gestões administrativas e dos quesitos, com qualificação de samba-enredo, intérpretes, fantasias e alegorias, Mestres-salas e porta-bandeiras, começam trazer pessoas de fora para que se torne um carnaval de luxo. (Entrevistado 23 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo, 2019).

O entrevistado 23, da Secretaria de Cultura e Turismo (2019) relatou ainda que em 2006, a Imperatriz da Zona Norte resolveu fazer um Carnaval revolucionário, após conhecer o Carnaval de Uruguaiana, buscou um figurinista de Porto Alegre para desenhar os figurinos das suas alas. Foi quando veio de fora a primeira roupa de Mestre-Sala e Porta-Bandeiras e ressalta que a agremiação foi qualificando todos os quesitos, obrigando as demais escolas a também se qualificarem, criando o espetáculo que se tem hoje.

Duarte (2016) afirma que, em Uruguaiana, a tentativa da população de boicotar o Carnaval em 2005, assumiu um papel contrário, pois o que poderia parecer uma derrota das escolas de samba inaugurou um novo formato de Carnaval, trazendo características do Carnaval dos grandes centros, principalmente o carioca, colocando a festa em um novo patamar. Segundo ele, passou a ser um Carnaval:

[...] baseado na possibilidade de contratação de destaques do mundo do samba de outras cidades, e a compra de objetos carnavalescos de outros polos de produção. Justamente por não coincidirem suas datas com os desfiles de carnavais de maior porte no Brasil, Uruguaiana poderia aproveitar para fortalecer seu carnaval local com a contratação de sambistas profissionais, principalmente os provenientes do carnaval carioca. Em poucos anos, o carnaval de Uruguaiana alcançou um novo patamar nos desfiles quanto aos aspectos plásticos e à atração de sambistas cariocas que tiveram grande repercussão nas suas apresentações no sambódromo. (DUARTE, 2016, p. 35).

Vindo ao encontro da fala do Entrevistado 23 (op. cit.), Duarte (2016, p.35) afirma que outras cidades do Rio Grande do Sul decidiram adotar esse novo formato de fazer Carnaval, pois o “formato de sucesso foi adaptado para outras cidades da região, que também passaram a transferir a data de seus carnavais por intermédio de suas Ligas ou Comissões Organizadoras, numa nítida tentativa de repetição do sucesso do maior evento anual dos Pampas”.

Ressaltou também o Entrevistado 23 (op. cit.), que entre 2007 e 2012 houve Carnaval na gestão do prefeito Vilson Roberto e as escolas continuaram evoluindo. Em 2013, apesar do Carnaval ainda ocorrer na Avenida Plácido de Castro, a gestão do prefeito Juliano construiu a pista de eventos no Parque Integrado de Exposições, tendo o primeiro desfile acontecido nesse novo local em 2014. Em 2016, não houve Carnaval de Rua, pois as escolas não entraram em um consenso com o poder público quanto aos valores de repasse municipal.

Já em 2017, ocorreu a retomada do Carnaval em frente à Prefeitura Municipal, com o incentivo da nova Gestão Municipal, porém pela escassez de recursos financeiros, foi realizada apenas uma Mostra com a participação das escolas de samba de Cruz Alta. Contudo, nos anos de 2018 e 2019, Cruz Alta e região passam a assistir ao espetáculo grandioso que se tornou “o

Carnaval”, tanto pelo luxo dos elementos, quanto pela competitividade entre as 4 (quatro) agremiações.

Em 2017 assume novamente o prefeito Vilson Roberto e se faz a retomada do carnaval em frente à Prefeitura Municipal, através de uma mostra, pois não houve possibilidade de se fazer um repasse de recurso maior. Em de 2018 e 2019 o Carnaval de Rua de Cruz Alta se tornou mais grandioso, onde ocorreu o grande ápice dos desfiles. As escolas trouxeram, nos seus desfiles, grandes espetáculos, competitividade e nível superior aos anos anteriores. (Entrevistado 23 – Segmento: Integrante Secretaria de Cultura e Turismo, 2019).

O Carnaval de Cruz Alta é um Carnaval fora de época e ocorre no mês de março, pois como as escolas de samba compram e/ou alugam fantasias e alegorias de outras escolas, como as de Uruguaiana e do Rio de Janeiro, é necessário aguardar o término desses desfiles. A partir de então, cada agremiação freta um transporte particular para buscar esses elementos, os quais devem passar por higienização, reparos e ajustes para serem usados nos desfiles locais.

A escola Império de Casa Verde produziu os elementos para seu desfile e estes irão para o Rio de Janeiro posteriormente, somente após o desfile da escola carioca essas fantasias e alegorias virão para o carnaval de Cruz Alta. O total de investido na compra das fantasias e alegorias é de sessenta e cinco mil reais, junto com o valor do transporte. O total de gastos com o carnaval situa-se em torno de cento e cinquenta a cento e oitenta mil reais (R\$150.000,00 – 180.000,00). A escola sempre compra suas fantasias e alegorias e vende após os desfiles. Os elementos utilizados no Carnaval de 2019 serão alugados para uma escola de samba da cidade de Passo Fundo por uma média de quinze mil reais (R\$15.000,00) e posteriormente, serão vendidos para uma escola de samba da cidade de Guaíba pelo valor de trinta mil reais (R\$30.000,00) (Entrevistado 5 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Para Duarte (2016) a mudança de data no Carnaval de Uruguaiana, assim como no Carnaval de Cruz Alta, foi uma fórmula que assegurou para o Carnaval da cidade a possibilidade de não concorrer contra outros grandes polos de Carnaval na atração de profissionais do samba, como os que a agremiação contrata do Rio de Janeiro, São Paulo, e até mesmo de Porto Alegre. Esses centros carnavalescos produtores de Carnaval passaram a contribuir, mesmo que indiretamente, com sambistas, fantasias, esculturas, júri de avaliadores e profissionais que trabalhavam na organização plástica das escolas, com carnavalescos, decoradores, alegoristas, escultores e costureiras.

Da mesma forma que a criação do Sambódromo em Cruz Alta, junto ao Parque Integrado de Exposições, foi de suma importância para o novo formato do Carnaval de Rua do município, Duarte (2011) afirmou que as modificações do espetáculo carnavalesco em Porto Alegre tiveram como divisor de águas a transferência para o Porto Seco, os carnavalescos na época sabiam que a proporção da festa carnavalesca na cidade já tinha avançado e as formas de produção do Carnaval já não comportavam mais o que se chamava de condição precária de

trabalho dos barracões e a passarela do samba era muito restrita para atender a demanda do público, além da logística de transporte e montagem das alegorias. Ressaltou que com o Porto Seco, as alegorias ficaram maiores e mais suntuosas, as alas mereceram maior cuidado no canto do samba e os destaques, mais ensaios durante o ano, pois a competição se acirrou a cada ano que passou, com interesse maior por parte das escolas; e criação de projetos para as leis de incentivo, no intuito de aumentar o patrocínio.

O Sambódromo Mestre Vidal também representou um avanço para o Carnaval de Cruz Alta, segundo os entrevistados, pois possibilitou a organização das fantasias e alegorias e os desfiles junto ao espaço do Parque Integrado de Exposições de Cruz Alta, apesar de ser somente cedido pelo Poder Público Municipal, evitando os transtornos de transporte até o centro da cidade que podia danificar os carros, bem como ocasionava problemas no trânsito da cidade. Há apenas o inconveniente de ter que desocupar o espaço após os desfiles, para outros eventos que o município realiza durante o ano.

No Carnaval de Cruz Alta, após os desfiles, os elementos são devolvidos por quem os aluga. Já a agremiação que adquire as fantasias e alegorias para seu desfile, aluga e posteriormente, vende para outras escolas do Estado e até mesmo de fora, utilizando os recursos da negociação para quitação de suas dívidas, considerando os altos valores investidos, pois a competitividade entre as escolas de samba torna necessário a originalidade e o luxo de seus elementos, conforme versa o entrevistado citado anteriormente.

Finalizando este item, pode-se afirmar que o município de Cruz Alta tornou-se uma referência carnavalesca no Estado, ganhando espaço nas atividades culturais do município, crescendo em luxo e criatividade, além da importante participação e integração das comunidades que representam as escolas de samba e da Liga das Escolas de Samba que serão discutidas no próximo item.

#### **4.2 O surgimento da Liga das Escolas de Samba de Cruz Alta – LESCA**

A Liga das Escolas de Samba de Cruz Alta - LESCA foi constituída no ano de 1995 como uma sociedade civil, cultural, filantrópica e recreativa e rege-se por estatuto (Anexo B), regulamento e regimento interno, competindo-lhe deliberar sobre tudo quanto não lhe for vedado por lei e/ou seu ato constitutivo. As figuras 9 e 10 mostram o símbolo e a primeira Presidência da LESCA.

Figura 9 - Símbolo da LESCA.



Fonte: Imagem retirada do Facebook da LESCA, 2018.

Figura 10 - Primeira Diretoria da LESCA – 1995.



Fonte: Imagem retirada do Facebook da LESCA, 2018.

A LESCA tem papel fundamental na realização do Evento Carnaval e é da união de esforços da Liga, das agremiações e da Secretaria de Cultura e Turismo do município que se torna possível o espetáculo dos desfiles das escolas de samba do Carnaval fora de época de Cruz Alta. O prazo de duração da LESCA é indeterminado, porém o seu ano social tem início

em 1 de janeiro e o encerramento em 31 de dezembro de cada ano, conforme previsto no seu Estatuto.

Por ser uma entidade civil, sem fins lucrativos, tem por finalidade congregar as escolas de samba do município de Cruz Alta, motivando-as para a prática do bem comum, as atividades do Carnaval e promovendo o desenvolvimento da pessoa humana nos seus diferentes estágios. Entre os seus objetivos sociais cita-se:

Art.2 – A Liga das Escolas de Samba, com base na colaboração recíproca de seus sócios compete:

- a) Incentivar e estimular o desenvolvimento da pessoa humana em atividades de caráter social, educacional e comunitário;
- b) Promover a assistência cultural e econômica as Escolas de Samba filiadas, através da realização de atividades como: cursos, programas, encontros, palestras, participação em eventos, propiciando o crescimento qualitativo de seus membros.
- c) Promover a realização de atividades para obtenção de recursos para aquisição de materiais e equipamentos diversos, a fim de que a entidade possa desenvolver adequadamente as atividades para as quais foi criada.
- d) Estabelecer convênios em regime de reciprocidade ou não, com entidades especializadas, públicas ou privadas, nacionais ou internacionais, para o aprimoramento profissional e técnico de seus associados e Escolas de Samba filiadas, proporcionando a expansão da Entidade e fomentando o aperfeiçoamento do carnaval de Cruz Alta.
- e) Adquirir, na medida em que interesse social o aconselhar, gêneros e artigos de uso diverso, bem como outros materiais de uso para as suas finalidades e fins, bem como equipamentos, instrumentos e peças para as escolas de samba filiadas;
- f) Apoiar todas as quaisquer iniciativas que surjam de ideias da comunidade em prol dos objetivos da Lesca, na busca da integração e a construção de nova sociedade;
- g) Participar como um meio de promover a integração e a solidariedade do carnaval de outros municípios, quando solicitada e convidada.

A LESCA possui uma Diretoria e, conforme o Artigo 21º do Estatuto, é composta por Presidente, Vice-Presidente, Vice-presidente Administrativo, Vice-presidente de Carnaval, 1º Secretário(a), 2º Secretário(a), 1º Tesoureiro(a), 2º Tesoureiro(a), Assessor de Relações Públicas, Assessor de Comunicação e Coordenador de Eventos, eleitos em Assembleia Geral ordinária para um mandato de 03 (três) anos podendo ser reeleito. O Assessor Jurídico será de livre nomeação pela diretoria.

Da mesma forma, possui um Conselho Fiscal e de acordo com o Artigo 34º do Estatuto, cada afiliada indicará 1 (um) membro para compor o Conselho Fiscal, órgão de controle financeiro da LESCA, que será composto de membros titulares e igual número de suplentes, eleitos em Assembleia Geral, para exercerem um mandato de 3 (três) anos, podendo ser reeleitos. O Parágrafo Único diz que os cargos vagos de membros titulares do conselho fiscal deverão ser preenchidos automaticamente pelos suplentes e, no caso de ainda permanecer em

menos de 3 (três) membros em exercício, deverá ser convocada a Assembleia Geral, para preencher as vagas.

A LESCA representa uma grande conquista para o Carnaval de Cruz Alta, pois conforme afirma o Entrevistado 21 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019), no começo dos desfiles não havia verba pública disponível para o Carnaval, era por conta de cada escola e o Poder Público Municipal fornecia apenas o som e algumas arquibancadas para os dias de desfile. Foi a partir da década de 90 (noventa), com a criação da Liga, que começou se investir mais no Carnaval.

Conforme o Entrevistado 20 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019), a partir do ano de 2007, a existência jurídica da entidade máxima do Carnaval de Cruz Alta, passou a dar suporte mais efetivo na organização da atividade. Sendo que cabia ao poder público, além do repasse, a parte estrutural e as demais necessidades ficando de exclusiva responsabilidade das escolas.

Apesar de a LESCA existir de fato desde a década de 1990, passou a existir de direito a partir de 2007, até esse momento, o recurso público era repassado diretamente para as escolas de samba que possuíam CNPJ. Diferentemente do que ocorre atualmente, onde a Liga assume o papel de gerir o recurso de fomento do Poder Público Municipal, fazendo o repasse para cada escola, mediante plano de aplicação prévio e posterior prestação de contas.

Cada agremiação é responsável por elaborar para a LESCA uma previsão de gastos até o limite do recurso disponível por escola, sendo que a Liga irá pagar diretamente aos fornecedores tais valores por transferência eletrônica ou excepcionalmente em espécie, mediante notas fiscais comprobatórias entregues pelas agremiações. Não há necessidade de cada agremiação apresentar um projeto, pois ele é feito pela LESCA para que seja disponibilizado o repasse de fomento para o Carnaval pela Prefeitura Municipal de Cruz Alta. Conforme corroboram os entrevistados:

Em 1995 nasceu também a Liga das Escolas de Samba de Cruz Alta, justamente para ter um regimento ou um estatuto que nortearia as competições. A LESCA, de 1995 a meados de 2007 só existia de fato, mas não de direito, pois não tinha um CNPJ. A Prefeitura fazia um contrato de prestação de serviços com as escolas até meados de 2007 e repassava o recurso direto para as escolas que tinham CNPJ. (Entrevistado 23 – Segmento Secretaria de Cultura e Turismo, 2019).

[...] a Liga que gerencia o repasse para cada entidade (escola) e para a realização dos eventos como no ginásio municipal e contratação dos jurados. Os jurados são provenientes de entidades/ associações com finalidade de julgamento, formadas por profissionais do carnaval e aí quem escolhe são as próprias escolas. São 9 (nove)

quesitos, sendo que para cada quesito são 2 (dois) julgadores. A entidade/associação faz a indicação por currículo desses profissionais. É um projeto global, o Projeto Carnaval. (Entrevistado 23 – Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo, 2019).

O plano de trabalho elaborado pela Liga das Escolas de Samba de Cruz Alta, a qual é uma Organização da Sociedade Civil – OSC, possui uma proposta de trabalho que é o “Projeto Carnaval de Cruz Alta ano X”, no qual constam prazo de execução, objetivo geral, objetivos específicos, público alvo, objeto da parceria, cronograma de execução, descrição das ações, plano de aplicação dos recursos, estimativa de despesas, modo e periodicidade das prestações de contas, prazo de análise das prestações de contas pela Administração Pública, aprovação do plano de trabalho pela administração pública e a Declaração de Regularidade da OSC.

Mediante aprovação do Plano de Trabalho é firmado o Termo de Fomento, ou seja, a parceria entre o município de Cruz Alta - RS e a Liga das Escolas de Samba de Cruz Alta, com fundamento na Lei 13.019/2014, bem como nos princípios que regem a Administração Pública e demais normas pertinentes. O Termo de Fomento tem por objeto estabelecer as condições para a execução do projeto Carnaval de Cruz Alta ano X, na área da Cultura, com a finalidade de realizar uma programação carnavalesca no município de Cruz Alta.

Na programação carnavalesca estão incluídas todas as atividades realizadas durante o ano, dentre as quais o Lançamento do Carnaval do ano X, Ensaios nas quadras de escolas de samba, Escolha da Corte que Intermunicipal, Concurso de Fantasias e Desfiles das Escolas de Samba, Simpósio de qualificação e produção carnavalesca, Ensaio Técnico e Desfile das Escolas de Samba, conforme consta no referido Termo de Fomento nº 001/2019 – Secretaria de Cultura e Turismo.

A transferência financeira para a LESCA é efetuada conforme o cronograma de desembolso constante no Plano de Trabalho do Projeto Carnaval. Em contrapartida, a OSC deverá contribuir para a execução do objeto da parceria através da participação das escolas de samba de Cruz Alta em todos os eventos do projeto, bem como da realização de ensaios abertos ao público nas quadras das escolas, contratação de serviços, ordenação de equipes de som e luz, produção de decoração e material gráfico, confecção das fantasias, conserto e reparo de instrumentos musicais e contratação de profissionais.

A relação de parceria entre o órgão da administração pública e a organização da sociedade civil envolve cinco etapas previstas na Lei 13.019/2014, a qual considera o planejamento, a seleção e celebração, a execução, o monitoramento e avaliação e prestação de

contas de suma importância, pois toda parceria deve ser pensada, executada e avaliada a partir desta lógica processual, onde todas as etapas estão conectadas. Sobre a Lei 13.019/2014:

[...] vai impactar as relações entre poder público e OSCs em todo o País. A sua implementação estimula a gestão pública democrática nas diferentes esferas de governo e valoriza as organizações da sociedade civil como parceiras do Estado na garantia e efetivação de direitos. As parcerias entre o Estado e as organizações da sociedade civil qualificam as políticas públicas, aproximando-as das pessoas e das realidades locais e possibilitando a solução de problemas sociais específicos de forma criativa e inovadora. Com a nova lei, as OSCs podem ampliar suas capacidades de atuação e incorporar muitas de suas pautas à agenda pública. Além disso, as parcerias com o poder público estão agora amparadas em regras claras e válidas em todo o País, com foco no controle de resultados das parcerias. Com um marco legal próprio e práticas institucionais que valorizem as OSCs, é possível responder adequadamente às necessidades de uma sociedade civil atuante, que se expandiu e diversificou nas últimas décadas e que tem muito a contribuir com a democracia brasileira. (BRASIL, 2016).

A Lei 13.019/2014 traz novos requisitos para as organizações da sociedade civil, dentre os quais a exigência de 3 (três) anos de existência, no mínimo, na União, 2 (dois anos), nos estados, e 1 (um) ano nos municípios. Quando forem projetos executados em rede, a organização celebrante deve ter, pelo menos, 5 (cinco) anos de existência, com experiência anterior em atividades ou projetos similares ao da parceria e capacidade técnica e operacional para desenvolver as ações propostas.

É fundamental que as organizações tenham finalidade de relevância pública e social correspondente ao objeto da parceria, a não distribuição de lucros presente no seu estatuto e em caso de dissolução, efetue a transferência de patrimônio para outra OSC. Além de apresentar escrituração de acordo com as Normas Brasileiras de Contabilidade, comprovar regularidade jurídica e fiscal e manter seu Estatuto Social, membros da diretoria e dos eventuais conselhos registrados em cartório e dados cadastrais atualizados no CNPJ e demais sistemas públicos de informação (BRASIL, 2016).

Sobre o valor do repasse de fomento, em 2019, cada agremiação recebeu R\$ 75.000,00 (setenta e cinco mil reais), valor que contribuiu para a realização dos desfiles, porém não tem sido suficiente para que cada agremiação cubra suas despesas com os desfiles. Isso ocorre, segundo os entrevistados, devido ao novo formato que o Carnaval de Cruz Alta adotou, onde o espetáculo proporcionado ao público possui elevado nível em luxo e criatividade. Por esse motivo, as agremiações, juntamente com a LESCA, realizam eventos que possibilitam quitar as despesas de um ano para o outro. Outra questão importante foi a terceirização da estrutura

do carnaval, reduzindo o investimento de recurso público. Conforme corroboram os entrevistados:

A Liga das Escolas de Samba de Cruz Alta, juntamente com as escolas promovem muitas atividades durante o ano para angariar recursos a fim de complementação de verbas para seus desfiles. Por mais que existam classes sociais distintas dentro do carnaval, como em todas as sociedades, são essas mesmas classes que se fundem pelo crescimento do carnaval de Cruz Alta, pois durante os desfiles e até mesmo nos barracões, trabalhando e ensaiando para o espetáculo da sua agremiação não há espaço para discriminações ou diferenciações, pois existe um objetivo maior que é vencer. É esse empenho e garra pela vitória que difunde o carnaval de Cruz Alta como um dos melhores do interior do Estado e lhe confere uma identidade própria. (Entrevistado 15 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo, 2019).

Enquanto poder público, a minha visão é que o poder público também qualificou o investimento ao longo dos anos, ampliando os recursos, também a questão da infraestrutura para os desfiles, aprimorando a organização dos eventos. A partir de 2018 foi inaugurado um novo formato em parceria com a Liga das Escolas de Samba de Cruz Alta, que foi a terceirização da estrutura do Carnaval por uma empresa privada, a qual hoje é responsável pela montagem e contratação dos prestadores de serviço, o que propiciou ao poder público uma redução do investimento de recursos públicos, pois antes era o município que arcava com esses custos. Essa empresa recebe em contrapartida a comercialização dos espaços como camarotes, arquibancadas, mesas, bilheterias, entre outros. (Entrevistado 23 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo, 2019).

Portanto, é a fusão das classes sociais no contexto das agremiações que, juntamente com a LESCA e o Poder Público Municipal possibilita a captação de recursos que, mesmo não sendo suficientes para financiar o luxo que o Carnaval cruz-altense vem apresentando, não deixa que a festa popular que é parte da identidade cultural do município tenha fim.

Do mesmo modo que Cruz Alta possui a LESCA como entidade máxima do Carnaval, com a responsabilidade da organização da festa no município, de acordo com Kulmann; Abreu e Lübeck (2019), em 1992, foi fundada a Liga Independente das Escolas de Samba de Uruguaiana (LIESU), também com o objetivo de organizar o Carnaval de Rua de Uruguaiana. A LIESU foi a gestora do evento de 1993 a 2009, porém após este período a gestão passou para Prefeitura Municipal de Uruguaiana, até o ano de 2017.

No Carnaval carioca não é diferente disso, pois de acordo com Araujo (2012), no Rio de Janeiro existiram várias Entidades máximas representativas das escolas de samba do Rio foram sendo substituída uma pelas outras, por questões políticas e atualmente no ano de criação desta obra existiam apenas 03 (três): a AESCRJ (Escolas de Samba dos grupos C, D e E), a LIERJ (Escolas de Samba do Grupo de Ouro) e a LIESA (Escolas de Samba do Grupo Especial).

#### 4.2.1 O Regulamento para o desfile das escolas de samba de Cruz Alta

A LESCA possui além de um Estatuto (Anexo B) que norteia suas ações, um Regulamento que orienta todas as atividades realizadas durante o Carnaval, bem como estas devem acontecer para garantir o sucesso do “Evento Carnaval”. O Artigo 4º do Regulamento traz na sua previsão legal que “conforme modificação na Lei do Carnaval, a partir do ano de 2004 não há mais o Grupo Especial e de Acesso, ficando a competição em comum igualdade de critérios, entre todas as Agremiações formando assim um grupo único de Escolas de Samba.”

O Regulamento também prevê o Carnaval Intermunicipal de Cruz Alta como um evento oficial do município, coordenado, organizado, realizado e regulamentado pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo e pela Liga das Escolas de Samba de Cruz Alta. O evento acontece junto ao Ginásio Municipal de Esportes de Cruz Alta, dele participam cidades da Região. O evento compreende o Concurso da Rainha do Carnaval (adulto e infantil), Rainha do Carnaval da 3ª Idade, Concurso Intermunicipal de Fantasias.

Quanto aos desfiles das escolas de samba de Cruz Alta, ocorrem em duas noites, sendo que a ordem dos desfiles no Sambódromo Mestre Vidal obedecerá aos seguintes critérios, elencados no Artigo 6º do Regulamento: I - A última classificada da disputa do ano anterior abrirá a primeira noite; II - À escola campeã do Carnaval do ano anterior lhe é reservado o direito de escolha do dia e da ordem em que deseja desfilar; III - As demais escolas efetuarão sorteio.

Os desfiles das escolas de samba terão datas, local e horários previamente estabelecidos pelas entidades realizadoras do evento, sendo as mesmas a LESCA e a empresa Celeiro feiras e eventos. Assim, além do cumprimento do dia, as agremiações também deverão obedecer ao horário previsto na programação do desfile, bem como na retirada dos carros alegóricos dos pavilhões em horário definido pela Liga das Escolas de Samba. A agremiação que não desfilar no dia previsto em sorteio será penalizada com a desclassificação do Carnaval de Rua, o que também implicará na devolução do valor total do repasse destinado à agremiação para a LESCA. Na concepção de Araujo:

As ligas das escolas de samba têm papel importante na organização dos carnavais de rua: Enganam-se as pessoas que pensam que as Escolas de Samba surgem do nada. Uma série de procedimentos tem início tão logo termina o carnaval. Primeiramente as diretorias das Escolas se reúnem para escolher o carnavalesco ou uma comissão de carnaval que irá definir o enredo. Desde que a responsabilidade artística dos desfiles passou a ser da LIESA, as Escolas de Samba seguem um cronograma de dias e

horários que são obedecidos rigorosamente e são penalizadas as que não cumprirem. (ARAUJO, 2012, P. 50).

Quanto ao tempo de desfile para cada agremiação, a previsão legal é de 45 minutos (quarenta e cinco minutos) de tempo mínimo e o máximo de 1h10m (uma hora e dez minutos), sendo que o intervalo para o desfile das escolas de samba, a partir da primeira a desfilar, será de 20 minutos, contados do término do tempo regulamentar de uma hora e dez minutos.

Conforme Araujo (2012, p. 101) referindo-se ao Carnaval do Rio de Janeiro, “a primeira tentativa de controlar o tempo do desfile foi em 1960, quando se estabeleceu o chamado “ponto negativo”, de acordo com o número de horas em desfile [...] não deu certo.” Conforme o Artigo 13 do Regulamento, cada escola de samba, deverá ocupar o lugar destinado para concentração 45 minutos antes do início previamente marcado para o seu desfile, devendo iniciar seu desfile ao sinal da Comissão de Fiscalização do Carnaval de Rua.

O carnaval carioca se constitui como um modelo ideal de evento, da sua forma artística à organização formal para o evento mais importante das Escolas de Samba (os desfiles). Um paradigma festivo que repercute para além da cidade do Rio de Janeiro (DUARTE, 2016, p. 43).

Ao referir-se à organização das agremiações em tempo de cumprir o regulamento, garantindo o sucesso dos desfiles, o autor afirma que a logística dos desfiles é a arte de movimentar com técnica os deslocamentos das escolas de samba em suas apresentações nas ruas. Esses andamentos exigem serem conduzidos por pessoas preparadas, para evitar acidentes capazes de prejudicar os desfiles (ARAUJO, 2012).

Segundo Araujo (2012, p.59), “o narrador anuncia a escola seguinte com seu respectivo enredo, e o som do microfone, antes restrito a apenas uma parte do sambódromo, é liberado para que todos nas arquibancadas possam ouvir.” Logo após, é dado o grito de guerra e o desfile propriamente dito tem início, momento em que o cronômetro começa a correr juntamente com a emoção dos desfilantes e do público que os assiste das arquibancadas e camarotes.

É neste momento carregado de uma multiplicidade de emoções e significados que o trabalho de um ano inteiro, relatado pelos participantes da pesquisa, ganha forma, pois “é na concentração que, pela primeira vez, à maneira de um jogo de armar, o carnavalesco ou comissão de Carnaval vê se materializar o desenho do enredo, antes imaginado no papel” (ARAUJO, 2012, p. 60). Como afirma Santos (2007, p. 33) “o importante não é ver como o conhecimento representa o real, mas conhecer o que determinado conhecimento produz na

realidade; a intervenção no real”, ou seja, em quem desfila, assiste, como em quem produz o Carnaval espetáculo.

De acordo com Diniz (2008), a chamada imposição do Carnaval carioca sobre as folias das demais cidades brasileiras constituiu, na realidade, nas expressões particulares do caráter polifônico e abrangente da brincadeira surgida na capital do país, no século XX. Ao assimilar lições carnavalescas oferecidas ao país pelas ruas do Rio de Janeiro, as cidades brasileiras estariam dando um passo importante para mais tarde deixarem florescer os seus próprios carnavais.

O autor refere ainda que o importante é destacar que o Carnaval resultante das tensões ocorridas nos trinta primeiros anos do século XX não pode ser creditado com uma vitória de apenas um grupo social, pois é o resultado da mistura dos mais diversos pontos de vista, desejos e ações em termos de locais nacionais e globais. De uma forma particular e única, no e pelo espaço urbano carioca, a festa nascida no Rio de Janeiro não representa somente os interesses exclusivo dos habitantes da cidade, mas expressa questões de âmbito nacional ao representar a brasilidade buscada pela nação naquele momento (DINIZ, 2008).

Sobre os jurados que irão avaliar os quesitos previstos no regulamento, a escolha deles é uma atribuição da LESCA, sendo indicados no mínimo de 02 (dois) membros titulares por quesito, sendo vedada a indicação de jurados que ostentem algum tipo de ligação com as Escolas de Samba de Cruz Alta. E os jurados indicados devem ter reconhecida capacidade pública, qualificação e/ou habilitação para julgar os dez quesitos, Comissão de Frente, Fantasia, Alegorias e Adereços, Mestre-Sala e Porta-Bandeira, Enredo, Samba-enredo, Harmonia, Evolução, Bateria e Conjunto. Referindo-se à arte de julgar, Araujo (2012, p. 68) afirma:

Julgar Escola de Samba em desfile também é arte, por isso é preciso em primeiro lugar se ter a sensibilidade e estética que o desfile transmite, se dirige primeiramente aos sentidos (estesia) e, apenas depois, à razão (objetividade – critérios de julgamento) e, sobretudo, deve-se ter o bom senso de se considerar a razão naquilo que ela pode aprimorar os sentidos.

Ainda de acordo com o autor, qualquer espectador presente no desfile, incluindo o julgador, está sujeito a duas leituras desse desfile, ou seja, a leitura emocional e a leitura crítica. A leitura emocional é pessoal e está baseada em uma opinião própria, não leva em consideração os conceitos do outro. O julgamento ocorre de acordo com um repertório já existente e tido como verdadeiro, constituindo uma leitura judicativa: gosto ou não gosto. Afirma que leitura emocional funciona em 80% do julgamento (ARAUJO, 2012).

Já a leitura crítica exige certo distanciamento, não envolvimento emocional, o que é praticamente impossível no estado emocional que está envolvido o julgador no espetáculo das escolas de samba. A leitura deve ser crítica, exigindo a análise e interpretação dos critérios de julgamento sem passar pelo seu eu, pessoal, por isso acredita que esteja presente apenas em 20% do julgamento.

De acordo com Duarte (2015), no modelo paradigmático do Carnaval de Uruguaiana, a contratação de toda a Comissão Julgadora do Carnaval, desde 2007, era composta por indivíduos com trajetórias ligadas ao Carnaval carioca e na sua maioria, nascidos no Rio de Janeiro. E os quesitos de julgamento já eram os mesmos dez do Carnaval carioca, com o acréscimo do décimo primeiro, o “abre alas”, o primeiro carro alegórico, avaliado exclusivamente em Uruguaiana há muitos anos. No Carnaval de Cruz Alta, os jurados também são de fora e o número de quesitos se assemelha aos Carnavais de Uruguaiana e do Rio de Janeiro.

Araujo (2012) define os quesitos como interrogações ou perguntas sobre as quais se pede a opinião ou juízo de alguém, sendo que os critérios de julgamento dos quesitos distribuídos aos avaliadores não são manuais técnicos de como se julgar as escolas de samba em desfile, considerando-se que os julgadores convocados não são leigos no assunto, mas sim pessoas especializadas e com experiências em desfiles. São parâmetros a serem seguidos durante o Julgamento, os significados técnicos de cada quesito em Julgamento.

Atualmente, o grupo único de agremiações é composto pelas Escolas de Samba que se apresentaram no último Carnaval oficial de rua, sendo elas a Imperatriz da Zona Norte, a Gaviões da Ferrô, a Unidos de São José e a Unidos do Beco, levando-se em consideração que a escola Acadêmicos do Sol, sofreu desligamento da Liga do Carnaval de Cruz Alta, em 19 de novembro de 2019, por descumprimento do Estatuto da Liga das Escolas de Samba de Cruz Alta (Anexo B), conforme mencionado anteriormente.

### **4.3 As escolas de samba de Cruz Alta – RS**

Apresenta-se neste item um pouco do histórico das escolas de samba que compõem o Carnaval de Rua de Cruz Alta, considerando as particularidades do processo de formação e organização de cada agremiação, a partir das informações obtidas nas entrevistas realizadas que subsidiaram a pesquisa.

#### 4.3.1 Unidos de São José: A azul e branco!

A escola de samba mais antiga do Carnaval de Cruz Alta é a Sociedade Recreativa e Filantrópica Unidos de São José (Figura 11), com 60 anos de existência. A agremiação, que contou com aproximadamente 450 integrantes no Carnaval 2019, foi fundada em 29 de novembro de 1959, possui em torno de 18 (dezoito) títulos registrados e suas cores predominantes são o azul e o branco.

Figura 11 – Símbolo da Sociedade Recreativa e Filantrópica Unidos de São José.



Fonte: Imagem retirada do Facebook da entidade, (S.R.U.F. SÃO JOSÉ, 2013).

A Unidos de São José nasceu de um bloco carnavalesco chamado “Os Bandoleiros” que era composto por crianças, a partir da iniciativa e organização de sua fundadora, senhora Ermelinda Marques de Quadros, na residência de sua mãe, a qual era responsável pela confecção das fantasias. Nesse período não havia competições entre os blocos. Segundo a entrevistada, filha da fundadora:

A São José é herdeira dos primeiros quilombolas da cidade, ou seja, logo após as campanhas de libertação dos escravos, promovidas pela Maçonaria e as Sociedades de Libertação iniciadas em 1870 e concluídas em 1885. A região do bairro onde a Escola surgiu era denominada “Capoeira”, local onde passaram a viver os negros forros e fugidos, formatando subúrbio dos excluídos. Da mesma forma que outro local, denominado “Barro Preto”, em outro extremo da cidade, cuja região abriga outra agremiação histórica do samba, a Escola Unidos do Beco. Os desfiles das

Escolas de Samba em seu formato moderno iniciaram na década de 80. (Entrevistado 15 – Segmento: Comunidade, 2019).

Comecei participar do carnaval, observando junto à minha mãe a escola, a partir dos treze anos de idade. Na época, minha mãe Ermelinda começou com um bloco, através de uma brincadeira, com seus doze ou treze anos de idade. Juntamente com amigos montou um bloco chamado “Filhos da Lua” que se reunia na Rua Andrade Neves e a minha avó Jaci Viau Marques é que confeccionava as fantasias do bloco. Posteriormente, a minha mãe criou o bloco “Os Bandoleiros” e era ela própria quem criava as fantasias, o samba-enredo e as coreografias. O bloco tinha crianças e adultos e as fantasias eram diversas. Não tinha competição. O bloco cresceu e se tornou a escola Unidos da São José! (Entrevistado 16 – Segmento Comunidade, 2019).

Ainda, de acordo com outros entrevistados: “A história da Unidos de São José está contada em um documentário produzido em comemoração aos sessenta anos da escola. Os integrantes se reuniam na casa da mãe da fundadora e lá se organizavam e confeccionavam as fantasias.” (Entrevistado 9 – Segmento: Integrantes Escola de Samba, 2019). A produção das fantasias era artesanal e não havia padronização, pois o intuito era participar do bloco e levar alegria por onde ele passasse: “Acredito que era mais amor e raça acima de qualquer coisa” (Entrevistado 10 – Segmento: Integrantes Escola de Samba, 2019). As Figuras (Figura 12, 13 e 14) mostram a evolução, se comparados os anos de 1959 e 2019, que foi o último desfile da agremiação.

Figura 12 – Desfile do Bloco “Os Bandoleiros” – 1959.



Fonte: Arquivo cedido pela Escola Sociedade Recreativa e Filantrópica Unidos de São José, 2019.

Figura 13 – Integrantes do Bloco “Os Bandoleiros” – 1959.



Fonte: Arquivo cedido pela Escola Sociedade Recreativa e Filantrópica Unidos de São José, 2019.

Figura 14 – Mestre-Sala e Porta-Bandeira da Escola Sociedade Recreativa e Filantrópica Unidos de São José.



Fonte: Arquivo cedido pela Escola Sociedade Recreativa e Filantrópica Unidos de São José, 2019.

Segundo seu atual Presidente, não se tem informação do número preciso de integrantes na escola nos anos iniciais. Ele acredita que “Os Bandoleiros” tivessem uma média de 20 (vinte) crianças. Como naquela época, a escola não tinha como objetivo concorrer a títulos e sim

brincar o Carnaval, todos que quisessem participar da folia poderiam juntar-se ao bloco pelas ruas da cidade, pois o importante era a grande integração que a festa propiciava.

Diferentemente do que ocorria nos anos iniciais, atualmente crianças não desfilam na escola e o número de integrantes jovens, adultos e idosos é muito relativo, pois a todo o momento a agremiação recebe novos componentes. A escola não possui um cadastro que identifique número de participantes, gênero, idade e escolaridade exatamente por haver essa circulação de integrantes. Conforme corrobora um dos Entrevistados:

Crianças não desfilam na São José. Integrantes jovens, com idade entre vinte e trinta anos, são cerca de cinquenta por cento. Adultos, dos trinta aos cinquenta e nove anos, vinte por cento e idosos mais ou menos dez por cento do total de integrantes. Não tem como precisar esses números, pois a escola está sempre recebendo novos componentes (Entrevistado 9 – Segmento: Escola de Samba, 2019).

No entanto, em relação à escolaridade, os participantes da pesquisa acreditam que a maior parte dos integrantes da escola tenha concluído o Ensino Médio. Os integrantes do gênero feminino representam o maior número de componentes da agremiação, pois as mulheres demonstram ser mais participativas e atuantes. De acordo com o Entrevistado 9 – Segmento: Escola de Samba (2019), sessenta por cento dos integrantes da escola Unidos de São José são mulheres, pois as mulheres gostam mais de desfilar e os homens são mais para acompanhar suas esposas, pois têm receio de colocar uma fantasia, por serem mais envergonhados.

A mais antiga agremiação carnavalesca de Cruz Alta, herdeira de escravos pertencentes aos primeiros quilombos da região da Capoeira, bairro do município em que a agremiação nasceu, conforme os entrevistados, é fruto da cultura africana, que com seu batuque conquistou várias gerações e as mais diversas raças e crenças. É dessa mistura de culturas que vem a determinação para fazer a escola de samba brilhar na Avenida do Samba.

#### 4.3.2 Sociedade Academia de Samba Unidos do Beco: No fim dessa história ao caminho da vitória!

A Sociedade Academia de Samba Unidos do Beco (Figura 15) nasceu em 29 de fevereiro de 1969, tem sua sede atualmente localizada junto ao antigo cinema Cine Rio e contou com aproximadamente 650 (seiscentos e cinquenta) componentes no Carnaval de 2019. Segundo o Entrevistado 18 – Segmento Comunidade (2020), senhor Roque Miranda, um dos integrantes da escola, os fundadores da agremiação faziam parte da escola “Namorados do Luar”, inicialmente.

Figura 15 – Símbolo da Agremiação Sociedade Academia de Samba Unidos do Beco.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2020.

Segundo o Entrevistado 18 – Segmento Comunidade (2020), houve uma desavença entre os jovens Luiz Juarez dos Santos, popular Chaleira; Paulo Oliveira, popular Baiano; Roque Miranda, o Mirandinha; Anildo do Amaral, falecido, popular Bandolo; Irivani Alves da Silva; e um dos donos da escola, o Chico, pai do Paulo Bastos, integrante da Imperatriz da Zona Norte. Foi então que resolveram retirar-se do ensaio da escola, indo parar sobre a linha férrea que margeia o popular “Beco dos Nabarro”, quando alguém do grupo teve a ideia de criarem uma escola, nascendo a Unidos do Beco.

[...] para não complicar mais, resolvemos nos retirar e em diagonal ao Mercado Linke da Barão, tinha o bar do seu Schneider, passamos por lá duas horas da manhã e pegamos duas garrafas de cachaça. Fomos para o Beco dos Nabarro, em cima dos trilhos, tomar cachaça e falar sobre a discussão ocorrida. Foi então que alguém teve a ideia de fazer uma escola e ali mesmo decidimos que seria a Unidos do Beco. Por volta de nove horas da manhã do dia seguinte, fomos na casa do senhor Erni Ross, que era o amigo da negada [...]. (Entrevistado 18 – Segmento Comunidade, op. cit.).

Assim, pode-se afirmar que “a escola nasceu de um encontro de amigos, no Beco dos Nabarro, localizado na Rua Procópio Gomes, e desse grupo de pessoas que se reuniram para se divertir, emergiu a Unidos do Beco.” (Entrevistado 18 – Segmento Comunidade, op. cit.). A data de surgimento da escola é 29 de fevereiro de 1969, conforme os entrevistados.

A Unidos do Beco nasceu em 1969 e hoje é bicampeão do Carnaval de Cruz Alta, fez cinquenta anos de existência em vinte e nove de fevereiro de 2019. Naquela época, éramos jovens e frequentávamos uma escola chamada “Namorados do Luar” da antiga Zona Velha, lugar conhecido por ter muitos cabarés na situava-se nas proximidades da Vila Lizabel. (Entrevistado 18 – segmento: Comunidade, op.cit.).

O “Beco dos Nabarro” localiza-se junto ao atual bairro São Miguel. Não se tem informação precisa sobre o número de integrantes da escola no período de fundação, mas sobre o seu Patrono é de consenso entre os entrevistados, trata-se do senhor Erni Ross, empresário, proprietário do Posto Esso na época. E as cores da escola inicialmente eram o vermelho e o branco, porém, atualmente, são o amarelo e o branco e sua bateria é conhecida como Exército Dourado.

[...] ele estava tomando mate, sentado numa cadeira de balanço. Aí contamos que o Chaleira havia brigado no ensaio da escola. Ele era conhecido como tio Erni, pois ajudava a todos, era uma pessoa de bom coração. Contamos que surgiu a ideia de fazermos uma escola, a Unidos do Beco, e perguntamos ao tio Erni se nos apoiava. O mesmo respondeu que sim, não teria problema. Estamos juntos, disse. E foi aí que nasceu a Unidos do Beco. A primeira secretária da escola foi a senhora Zenir Nabarro, já falecida. Já o senhor Erni foi o patrono da escola. Não se fazia nada sem o consentimento dele. (Entrevistado 18 – segmento: Comunidade, 2020).

A agremiação é a segunda mais antiga do Carnaval de Cruz Alta, no entanto, ainda não possui uma sede, conforme mencionado pelos entrevistados. A agremiação ganhou, verbalmente, do senhor Erni Ross, quando do seu surgimento, um terreno localizado no Bairro São Miguel, conhecido como antigo Bairro Preto. Porém, com seu falecimento, sem ter havido uma doação oficial, com registro de posse em nome da escola, a família não reconheceu a doação como legítima. Conforme corrobora o Entrevistado:

Todos têm culpa pelo Beco não ter uma sede, pois era Oba-oba, churrasco e festa! Foi doado um terreno “de boca” pelo senhor Erni, mas ele morreu e os herdeiros não deram oficialmente o terreno para a escola. Hoje, o Beco tem apenas dois de seus fundadores vivos, eu (Roque Miranda) e Irivani. (Entrevistado 18 – segmento: Comunidade, 2020).

O Entrevistado 18 – Segmento: Comunidade (op. cit.), relatou ainda, que os primeiros instrumentos musicais da agremiação foram produzidos na antiga Anderson Clayton, por intermédio de Irivani, o qual era funcionário da empresa. O gerente da empresa, um paulista que gostava muito de samba, autorizou que fizessem os primeiros instrumentos na oficina. Quem confeccionou os instrumentos foram os funcionários Luiz Carlos Moreira, popular Zero e Cleverson Rodrigues Dias, popular Lelê.

Foram produzidas cuícas, tamborins, caxetas, supapo ou surdo, pois não se tocava com baqueta e sim, com as mãos. Aí então a escola começou desfilar e o primeiro desfile foi na Avenida Pinheiro Machado, juntamente com “Namorados do Luar”, “Filhos da Lua” do Mestre Vidal, “Aí vem eles”, “Os Bandoleiros”. Naquela época, não havia registro de campeãs. O Beco se tornou mesmo uma escola de samba com Vandir Costa, que veio de Porto Alegre para Cruz Alta, como vendedor da Nadyr Figueiredo, e se entrosou conosco. Tinha grande conhecimento sobre carnaval, então, elegemos Vandir como Presidente e a escola ganhou característica de escola de samba.

Trouxe amigos de Porto Alegre para desfilarem na escola, os quais desfilavam na Imperadores do Samba. As cores do Beco eram iguais as da Imperadores, vermelho e branco. (Entrevistado 18 – segmento: Comunidade, op. cit.).

Após a presidência do senhor Vadir, assumiu como Presidente da escola o senhor Sérgio Rodrigues e depois, respectivamente, foi uma Comissão de Mulheres, Luís Carlos dos Santos Barbosa (Pé de pano), Alan da Silva (o Badik), Vanderlei Alves da Silva (Pelé), Maria Jacques, Carlos Manoel A. Nabarro (popular Martinho da Vila), senhora Vani, Alex Alves e hoje, Cristiano Prudêncio. Não existe eleição, o presidente é escolhido pelo entrosamento dentro da escola, ainda conforme o entrevistado 18 – Segmento: Comunidade, (op. cit.).

Em relação à escolaridade média dos integrantes da Unidos do Beco, todos os participantes da pesquisa acreditam que tenham o Ensino Médio completo. Já sobre o número de crianças, jovens, adultos e idosos, bem como desfilantes do gênero feminino não se tem informações precisas.

Em relação à existência ou não de espaço para a organização dos elementos e realização dos ensaios para os desfiles da escola, a Unidos do Beco necessita pagar aluguel tanto da sede, quanto de um barracão onde guarda os carros alegóricos, fantasias e demais elementos após os desfiles, pois os pavilhões do Parque Integrado de Exposições precisam ser desocupados após o Carnaval para demais eventos do município.

A segunda agremiação mais antiga do Carnaval de Cruz Alta conta com a participação de integrantes assíduos e apaixonados pela sua trajetória e, apesar das dificuldades encontradas ao longo dos anos, se manteve forte e resistente devido ao esforço da sua comunidade e mesmo não possuindo uma sede própria, investe na qualidade dos elementos que compõe seus desfiles, bem como na apresentação de seus desfilantes na Avenida do Samba, garantindo o espetáculo que o público deseja assistir.

#### 4.3.3 Imperatriz da Zona Norte! A Furiosa é quem diz: Vermelho e Branco faz Cruz Alta mais feliz!

A Imperatriz da Zona Norte (Figura 16) foi fundada em 18 de janeiro de 1993, portanto, completou 27 anos de existência em 2020. Suas cores são o vermelho e o branco e não se tem informação sobre o número de integrantes no período da fundação da escola, da mesma forma, em 2019. “No ano de fundação acredito que foram 520 (quinhentos e vinte) componentes que estrearam na avenida.” (Entrevistado 1 – Segmento Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Figura 16 – Símbolo da Escola Imperatriz da Zona Norte.



Fonte: Imagem cedida por integrante da Agremiação – 2020.

Sobre o nascimento da escola, pode-se dizer que o Carnaval de Cruz Alta tem na sua concepção, histórias diferentes e períodos diferentes, tendo suas escolas de samba surgido da união de grupos de amigos, de diferentes comunidades locais que compõem o município. Conforme corroboram os entrevistados 1, 2, 11 e 12 sobre a Imperatriz da Zona Norte, a qual originou-se de um bloco de Carnaval do Clube Missioneiro, presidido à época pelo senhor Mário Mafalda:

A escola nasceu em um jantar do Clube Missioneiro, o qual possuía apenas um bloco, o “Bloco Missioneiro.” Foi então que se perguntaram por que não ter uma escola de samba da comunidade? O Presidente da época, Mário Mafalda, juntamente com os membros da Diretoria, fundou a Escola Imperatriz da Zona Norte (Entrevistado 1 - Segmento: Integrantes Escolas de Samba, op.cit).

Nasceu através do Secretário de Cultura da época, Antônio Augusto Sampaio da Silva, conhecido como Baianinho, que veio até o clube Missioneiro, conversar com o Presidente do clube, Mário Mafalda, para que a comunidade formasse uma escola de samba (Entrevistado 2 - Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

A escola Imperatriz da Zona Norte nasceu por vontade da comunidade em ter uma escola e os mesmos por serem mais humildes, terem aonde fazer o seu lazer e se divertirem, estando próximos de suas residências e com amigos e familiares (Entrevistado 11 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

O que eu sei é que a escola Imperatriz da Zona Norte é um departamento do Clube Missioneiro. Tanto que o seu CNPJ é o mesmo do clube, pois vem a ser um segmento dentro do clube. Surge através dos bailes de carnaval do Missioneiro, após surgiram as muambas e destas, surgiu a ideia de formar uma escola de samba (Entrevistado 12 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Quanto ao número de componentes do gênero feminino, metade dos participantes da pesquisa integrantes das escolas de samba não soube responder e a outra metade, acredita que haja mais mulheres do que homens na escola. No tocante ao número de integrantes que são crianças, jovens, adultos e idosos não houve precisão nas respostas fornecidas pelos participantes da pesquisa:

A ala de crianças tem vinte componentes, mas em toda a escola tem mais ou menos umas cinquenta crianças. O número de jovens não sei informar, pois é difícil mensurar. Adultos, mais ou menos metade dos componentes da escola e idosos, acredito que tenha mais na ala das baianas, que são vinte, mas tem idosos em outras alas também, assim como tem gente mais jovem na ala das baianas (Entrevistado 12 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, op. cit.).

Sobre a escolaridade média dos integrantes da escola de samba em 2019, as respostas foram divergentes, pois houve participante que informou não saber, assim como houve quem acreditasse ser o Ensino Médio e até mesmo ser um tanto variada, devido às condições de vida dos componentes serem diferenciadas:

Quanto à escolaridade média dos componentes da escola, tem todo tipo de escolaridade, não há como ser preciso, mas acho que seria importante modificar as fichas e acrescentar a escolaridade dos integrantes. Cada integrante preenche uma ficha (cada ala é composta por vinte pessoas, havendo um responsável por fichamento dos seus integrantes). (Entrevistado 12 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, op. cit.).

Ao se questionar os entrevistados como era a organização da escola e dos integrantes nos anos iniciais à fundação, as respostas foram convergentes quando informaram que a Imperatriz da Zona Norte teve seu surgimento junto ao Clube Missioneiro, a partir da organização dos membros da sua Presidência e participantes do bloco do clube, em conjunto com a Secretaria de Cultura do Município. Assim:

Não me recordo como era a organização da escola nos anos iniciais à fundação, mas lembro-me que não tinham a menor noção de como nos prepararmos para formar uma escola de samba. O primeiro passo foi procurar um Mestre de Bateria, o qual foi um militar do exército brasileiro. Em aproximadamente quinze dias, compramos os instrumentos musicais e iniciamos os ensaios, nascendo a escola. O tema do carnaval da época foi “O Rei Leão” e contava a história mágica dos reis dos séculos passados. A família Prola ajudou muito a escola, principalmente a senhora Vera Prola Farias, atual Coordenadora da Secretaria de Igualdade Racial do município de Cruz Alta, a qual é uma das fundadoras da Imperatriz. (Entrevistado 1 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, op. cit.).

Com o apoio financeiro da Secretaria de Cultura, os membros da escola, Mário Mafalda, Ademar Moreira da Costa, Paulo Bastos, Eloíno Lemos, Vera Prola, Júlio Prola, Anildo Lamaison, Mauro (eu) e Sargento Roni compraram os instrumentos musicais para a bateria, na cidade de Ijuí, na loja Anasom. Foram montadas alas, carros alegóricos, comissão de frente e a comunidade foi

convidada a participar. (Entrevistado 2 - Segmento Integrantes Escolas de Samba, op. cit.).

Nada fácil, pois era uma experiência nova onde todos queriam abraçar, mas não tinham muitas experiências e conhecimento. Foi indo em busca de estatutos do carnaval e com os presidentes de outras escolas para ter maior conhecimento e assim foi montando e surgindo a escola. Onde um ajudava o outro em assuntos mais específicos em que um entendia mais. (Entrevistado 11 - Segmento Integrantes Escolas de Samba, op. cit.).

Não tenho essa informação, mas o carnaval vem das atividades tradicionais do Clube Missioneiro, que era um clube social de bairro da cidade, onde havia muitos bailes e festas próprias do clube. (Entrevistado 12 – Segmento Integrantes Escolas de Samba, op. cit.).

Em relação ao espaço para a organização dos elementos e ensaios para os desfiles, “sempre foi na sede e é até hoje na rua, em frente à sede e ou dentro dela.” (Entrevistado 11 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, op. cit.). A Imperatriz da Zona Norte, conforme mencionado pelos participantes da pesquisa, sempre utilizou o espaço do Clube Missioneiro para ensaios, produção de seus elementos e realização de eventos sociais para arrecadar fundos para seus desfiles.

Portanto, a Imperatriz da Zona Norte permanece fiel ao Clube Missioneiro, o qual é a sua sede desde a fundação. O bloco carnavalesco do clube cresceu e tornou essa agremiação que possui muitos títulos devido ao seu empenho e dedicação durante os desfiles. Seus componentes representam sua força para vencer as dificuldades, pois a beleza da festa na avenida depende do trabalho de todos.

#### 4.3.4 Gaviões da Ferrô: A Verde e Rosa faz tremer o chão!

A Gaviões da Ferrô (Figura 17) foi criada na Vila Ferroviária, nasceu em 23 de abril de 1993, sendo que seu primeiro nome foi Acadêmicos da Ferrô e seu símbolo era inicialmente um trem, em homenagem aos Ferroviários, de onde surgiu o nome da Vila. Em seu primeiro desfile, a Comissão de Frente era formada por profissionais maquinistas da antiga Rede Ferroviária Federal S/A.

Figura 17 – Símbolo da Escola Gaviões da Ferrô.



Fonte: Imagem cedida por integrante da Agremiação, 2020.

Dois entrevistados falam acerca da fundação e dos fundadores da Escola:

Alguns dos fundadores da Gaviões da Ferrô que me recordo são eu, Amauri Rodrigues, o Volmar Camargo, a senhora Claudete, a senhora Xuca, Irmã da senhora Claudete, que reside atualmente no Rio de Janeiro, Alex que é filho da Senhora Xuca, o senhor Sérgio Bastos, que residia na Vila Ferroviária na época, o senhor Vilson Flores, o senhor Carlos Eli do Prado, popular Banha e o Secretário de Turismo na época, Baianinho. Foi ele quem veio fundar a escola [...]. (Entrevistado 14 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Sei falar apenas sobre a Ferrô. Na época, éramos um grupo de pessoas. Eu, a Maria das Graças, minha irmã de apelido Xuca, Carlos Eli que é o popular Banha, Sérgio Bastos, o Amauri Rodrigues, o Volmar Camargo, o Paulinho, irmão do Amauri, o Alexandro dos Santos, meu sobrinho e o Baianinho que era o Secretário de Cultura do município. Eu decidi montar uma escola de samba em 1993 e esse grupo de pessoas se uniu para pensar como montar uma escola. (Entrevistado 19 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

A agremiação surgiu com muito empenho de um grupo de amigos, moradores da Vila Ferroviária e apesar do cansaço sentido por todos, nunca desistiram de lutar para colocar a escola na Avenida. “Eu acho que a escola nasceu na Vila para exaltar o Bairro Ferroviário, que tem uma cultura muito forte, tanto que no primeiro desfile foi feita a abertura com uma Maria Fumaça”. (Entrevistado 7 – Segmento Integrantes Escolas de Samba, 2019).

As reuniões da agremiação aconteciam junto à Escola Estadual de Ensino Médio Major Belarmino Côrtes e eram registradas em livro ata. Segundo relatos dos entrevistados que fizeram parte da fundação da escola, foi a própria comunidade que, através de voto, optou pela troca do nome da escola para Gaviões da Ferrô.

As reuniões da escola aconteciam na minha casa e na casa da Xuca. Já no segundo ano da escola começamos fazer as reuniões na escola Belarmino Cortes, pois não tínhamos espaço. Havia registro de atas dessas reuniões desses eventos. Foram comprados os instrumentos musicais e os ensaios eram a céu aberto na quadra do Belarmino, já para fazermos os carros alegóricos, era no parque de exposições. Depois

que saímos do parque, fomos para Os Ferrinhos, até que um temporal derrubou o prédio e a escola ficou sem sede. Foi então que o Volmar conseguiu o espaço do antigo CERFER com o senhor Catalino Ajala, onde a escola está até hoje. As fantasias eram feitas pela própria comunidade que desfilava e todos se ajudavam. Mais tarde, começamos contratar costureira e bordadeiras. Quem desenhava para a escola era o Volmar Camargo e a bateria era com o Banha como mestre, o Alex e o Fabiano Prado. [...]. (Entrevistado 19 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba).

[...] as reuniões da Gaviões da Ferrô aconteciam na Escola Estadual Belarmino Côrtes. Foi após um período de recesso do Carnaval de Rua que o nome da escola foi trocado de Acadêmicos da Ferrô para Gaviões da Ferrô, através de uma ampla discussão, a comunidade pode sugerir nomes para a escola e, por votação, ganhou Gaviões da Ferrô, no sentido de homenagear a comunidade da Vila Ferroviária e não mais a Rede Ferroviária, como anteriormente. O trem, que era o símbolo da Ferrô, foi substituído pelo gavião [...]. (Entrevistado 14 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Naquela época, as escolas de samba confeccionavam as suas fantasias e alegorias; e a comunidade participava ativamente de todo o processo, da costura ao bordado, até da construção dos carros e suas alegorias. O primeiro desfile da escola foi em 1993, com o samba – enredo “A terra do tinha”, com uma crítica social, pois muitos empreendimentos que existiam no município foram falindo e fechando suas portas. Exemplos citados por entrevistado como as fábricas de balas, café e fósforo geravam empregos para população de Cruz Alta. A escola estreou com determinação e o Rei Momo e a Rainha adulta, eleitos pela Ferrô naquele ano foram eleitos também para a Corte Municipal do Carnaval.

O primeiro desfile da escola foi em 1993 e o samba-enredo era A terra do tinha, falava sobre o que tínhamos na cidade e foi se terminando. Por exemplo, as fábricas de bala, de café e de fósforo. Importante lembrar também que em 1993, a rainha do carnaval da Ferrô foi eleita rainha do carnaval da cidade e o Rei Momo também. Eram a Estela e o Marcos Sampaio. Essa diretoria permaneceu na escola até meados de 2003. (Entrevistado 19 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

A Gaviões da Ferrô “possui 3 (três) títulos de campeã referentes aos anos de 2004, 2009 e 2010” (Entrevistado 6 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019), seu símbolo permanece sendo o gavião e as cores que representam a agremiação são o verde e o rosa. Sobre o número de integrantes na sua fundação, a maioria dos participantes da pesquisa não soube precisá-lo. Já em 2019, o número de componentes da escola foi em torno de 500 (quinhentos), segundo os entrevistados.

Em relação ao número de crianças, jovens, adultos e idosos, não houve uma informação precisa, bem como sobre a escolaridade dos integrantes da escola. Já sobre o número de integrantes do gênero feminino, apesar de também não haver precisão de número, é possível afirmar pelas respostas dos entrevistados 3, 4, 6 e 7 que as mulheres são maioria entre os componentes da verde e rosa.

Em se tratando da organização da escola nos anos iniciais à fundação, parte dos participantes não soube informar por ter ingressado na agremiação após esse período, mas parte dos entrevistados acrescentou que a escola não tendo uma sede, se organizava na quadra e na própria E.E.EM Belarmino Côrtes, posteriormente, no Clube Social Os Ferrinhos e por fim, no CERFER (Centro Esportivo e Recreativo Ferroviário), onde está até o presente momento, pois há uma cedência do espaço pelo poder público para a escola. As fantasias e alegorias eram produzidas pelos próprios integrantes da comunidade, diferentemente da atualidade. Portanto, versam os entrevistados:

Se reuniam na Escola Belarmino Côrtes e ensaiavam a bateria na quadra esportiva, nos fundos da escola. Depois, vieram para o Clube Social dos Ferrinhos para usar como sede. Devido à precariedade do prédio, ocorreu um incêndio, ficando alguns meses sem sede e então, ocuparam a sede do antigo CERFER, pois a rede ferroviária tinha sido privatizada e a associação dos ferroviários, extinta. Então, a escola de samba, convidada pelo antigo Presidente do CERFER, Catalino Ajala, ocupou a sede. (Entrevistado 6 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Inicialmente, as fantasias eram produzidas pelos próprios integrantes. Todo mundo se ajudava, não tinha a organização que hoje existe, com cumprimento de requisitos. Era mais uma festa popular mesmo, uma forma da comunidade se divertir e participar do Carnaval de Rua. (Entrevistado 6 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Assim, a Gaviões da Ferrô é uma agremiação do povo e, de acordo com os entrevistados, não elitiza, prioriza a participação da sua comunidade. Nasceu da união de amigos, sem nenhum tipo de recurso como sede e dinheiro para as fantasias e alegorias, mas o esforço dos seus integrantes fez com que a escola crescesse e ganhasse visibilidade no Carnaval de Rua de Cruz Alta. Das reuniões junto à Escola Estadual de Ensino Médio Major Belarmino Côrtes e ensaios abertos na quadra esportiva da mesma escola, “a Ferrô”, como é conhecida, tem atualmente nas dependências do antigo CERFER a sua casa e o trem deu lugar ao gavião que representa a sua força.

#### **4.4 O Sambódromo Mestre Vidal: uma importante mudança no Carnaval de Cruz Alta**

Sobre o lugar onde aconteciam os desfiles nos anos iniciais à fundação das escolas, os participantes da pesquisa recordam os lugares, porém não a ordem cronológica no espaço em que aconteciam os festejos de Momo em Cruz Alta, tornando-se impossível realizar uma linha do tempo que situe o Carnaval de Cruz Alta nos mais diversos espaços que ocupou desde o nascimento das primeiras escolas de samba. Conforme corroboram os participantes da pesquisa:

A concentração era em frente à Igreja Metodista, situada na Rua General Osório, passava desfilando na frente da Prefeitura Municipal e dobrava à esquerda, na Rua Pinheiro Machado, onde não havia calçada naquela época, e vinha até a Andrade Neves, nas proximidades do IPERGS, Instituto de Previdência do Estado do Rio Grande do Sul. Após o desfile, os clubes sociais recebiam as baterias. (Entrevistado 13 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2020).

O primeiro desfile da escola foi na rua que fica atrás do Ginásio Municipal de Esportes do município (Avenida Presidente Vargas), no ano de 1993. No ano seguinte foi na frente da prefeitura municipal e em 1995, em frente à rodoviária de Cruz Alta, momento em que passou a denominar-se Sambódromo Mestre Vidal. Quanto ao espaço para a organização dos elementos do carnaval, as fantasias e alegorias, era o porão do Clube Missioneiro. A Avenida Sete de Setembro é a quadra da escola desde janeiro de 2003, anteriormente, os ensaios eram fechados, no clube. Em 2003, começou a modernização do carnaval e passou a ter ensaios na avenida. (Entrevistado 1 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Vários foram os lugares de desfiles na cidade. Uma época era atrás do Ginásio Municipal de Esportes, na Avenida Presidente Vargas. Depois, foi em frente à Igreja Nossa Senhora de Fátima. Posteriormente, na frente da estação rodoviária da cidade, na Avenida Plácido de Castro. E hoje os desfiles acontecem no Parque Integrado de Exposições de Cruz Alta. Nos anos iniciais, cada escola de samba organizava o seu espaço, mas quando os desfiles passaram a ser na Plácido de Castro, o Poder Público Municipal cedeu o espaço do Parque Integrado de Exposições para que as escolas pudessem montar os carros alegóricos para os desfiles. (Entrevistado 22 – Segmento: Secretaria de Cultura e Turismo, 2019).

O Entrevistado 8 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2019), afirma que inicialmente o Carnaval era na frente da Prefeitura. Depois, foi atrás do ginásio e na frente da Igreja de Fátima. E, por fim, no Parque Integrado de Exposições. Acrescenta que “Não sei como guardavam as fantasias inicialmente, pois, no começo, só desfilava pela escola e com o tempo, fui me envolvendo nas atividades realizadas.” (Entrevistado 8, op. cit).

Da mesma forma que ocorreu ao longo do tempo com o Carnaval de Rua de Cruz Alta, quanto ao surgimento de novas agremiações, aumento do número de integrantes, organização dos elementos e locais dos desfiles, Duarte (2016) afirma que com o surgimento das escolas de samba e a formação de novas agremiações, o Carnaval de Uruguaiana passou por mais de cinco décadas de transformações na forma de apresentação dos grupos, com um aumento do número de componentes e mudanças constantes de local de apresentações dos desfiles nas datas carnavalescas. Afirma ainda:

O segundo e importante processo de transformação e expansão das Escolas de Samba em Uruguaiana, depois do período de escolarização do carnaval inaugurado pelos Filhos do Mar, foi a mudança de datas do carnaval no calendário uruguaianense, com a realocação dos desfiles para três finais de semana após o feriado nacional a partir do ano de 2005. Ambos os processos, o da escolarização e a inauguração do carnaval fora de época ou temporão como é chamado, nos trouxeram grandes transformações na forma artística dos carnavais e nos modelos de organização e preparação das Escolas de Samba (Duarte, 2016, p. 34).

Conforme a contribuição do Entrevistado 20 – Segmento: Secretaria de Cultura e Turismo (2019), considerando a idade da mais antiga escola, nesses 60 (sessenta) anos diversos espaços foram palco dos desfiles de rua, General Osorio, Venâncio Aires, Presidente Vargas e Mariz e Barros e, finalmente, antes da construção do sambódromo, a Plácido de Castro. Em 2014, o Parque Integrado de Exposições passou a abrigar o Sambódromo construído para essa finalidade, além dos barracões de confecção das alegorias das escolas de samba, também os desfiles das escolas.

Já o Entrevistado 12 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2019) acrescentou que foi em 2018 que se retomou ao carnaval no novo modelo, com a parceria de fomento com a prefeitura, momento em que houve a terceirização da infraestrutura para exploração por uma empresa privada. Em 2018, foi com a empresa Celeiro de Sapiranga e em 2019, a empresa Bah entretenimentos, seguindo o formato da empresa anterior.

Essas empresas recebem recursos da bilheteria e da venda de espaços para comercialização de alimentos e bebidas. Como o gasto com a infraestrutura é em torno de trezentos mil, somente com a bilheteria não se consegue arrecadar mais que duzentos mil reais. Para não terem prejuízo, as empresas exploram a copa que gera em torno de R\$50.000,00 (cinquenta mil reais) e alimentação, em torno de R\$20.000,00 (vinte e cinco mil reais). Eu entendo que não há um lucro para o setor privado. (Entrevistado 12 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, op. cit.).

A partir das falas dos entrevistados, é possível inferir que os participantes recordam os lugares por onde os festejos carnavalescos aconteciam ao longo dos anos, como exposto anteriormente, porém nem sempre como integrantes das agremiações, mas como foliões, pois o Carnaval de Cruz Alta constitui um marco importante nas atividades culturais do município, apesar da escassez de recursos que fez com os festejos tivessem períodos de interrupção.

Para Ferreira (2004), as Escolas de Samba do Carnaval carioca cresceram em importância a partir dos anos de 1970 com a participação cada vez maior da classe média brasileira em seus desfiles, viram seus antigos ensaios de quadra transformarem-se em local de convívio, deixando de ser um ensaio propriamente dito para tornar-se um grande baile ao som da bateria e as escolas passariam a realizar outros ensaios em dias da semana, ampliando as atividades, como mais uma opção de lazer para as pessoas envolvidas com o samba desde a inauguração do Sambódromo no Carnaval de 1984. Assim:

O espaço idealizado por Darci Ribeiro que vinha se mantendo apenas como uma espécie de palco preparado para um espetáculo que acontecia somente nos dias de carnaval, entretanto, a partir da década de 1990, com o surgimento dos “primeiros ensaios técnicos” realizados na pista do próprio Sambódromo, o evento foi aos poucos assumindo o caráter de um verdadeiro desfile antecipado, atraindo cada vez mais pessoas interessadas em assistir à passagem das escolas sem fantasias ou alegorias, mas com os seus componentes cantando e dançando o samba, ao som da bateria e do

puxador numa preparação para a apresentação oficial. organizado de modo que uma ou duas escolas possam ensaiar em dia previamente estabelecido, esses ensaios técnicos vêm tendo um público cada vez maior com o passar dos anos. [...] em 1999 o número de pessoas interessadas em assistir a passagem das escolas escaladas para ensaiar já chegava centenas de pessoas. Para o carnaval de 2001, milhares de expectadores passaram a ocupar a área de desfile [...] para o carnaval de 2004 as arquibancadas passassem a ser abertas para poderem acomodar o público que outrora se comprimia nas laterais da pista. Criava-se, desse modo, uma nova tradição carnavalesca no Rio de Janeiro e uma nova funcionalidade para as arquibancadas do Sambódromo, normalmente vazias, fora do período carnavalesco, numa demonstração do caráter eminentemente dinâmico da festa carnavalesca. (FERREIRA, 2004, p. 370).

A atual “Avenida do Samba” do município, o Sambódromo Mestre Vidal (Figura 18) é um espaço novo, junto ao Parque Integrado de Exposições, conquistado pelas escolas de samba de Cruz Alta, para que possam mostrar o espetáculo dos desfiles, com ambiente apropriado para o público assistir e torcer pela escola do coração e representa uma conquista para a organização das agremiações cruz-altenses.

Figura 18 – Sambódromo Mestre Vidal – Parque Integrado de Exposições de Cruz Alta, RS.



Fonte: Imagem retirada do Facebook – LESCA Cruz Alta, 2018.

Quanto aos espaços para constituição de uma sede legalizada para cada escola, apenas a escola Unidos de São José possui um terreno doado pelo poder público pouco antes do falecimento de sua fundadora, onde está construindo um novo barracão, pois o antigo está em

precárias condições de uso. A Unidos do Beco aluga um espaço para sua sede, a Imperatriz da Zona Norte utiliza as dependências do Clube Missioneiro e a Gaviões da Ferrô tem a cedência do espaço coberto do antigo CERFER.

Diferentemente do que ocorre em Cruz Alta, considerando que aqui os espaços são cedidos, os barracões das agremiações cariocas são próprios das escolas daquele município. No Rio de Janeiro, no início, as instalações onde eram feitas as alegorias, eram pequenas, precárias e improvisadas nas próprias localidades. Porém, à medida que as alegorias foram se sofisticando, as oficinas de artes iniciaram a busca por espaços maiores. Na década de 70, a Prefeitura loteou o espaço interno do Pavilhão de São Cristóvão, o qual logo se tornou precário também. Com a inauguração da Cidade do Samba e as suas fabulosas fábricas de Carnaval, o desenvolvimento estético elevou-se a um novo patamar, profissional, dinâmico e criativo, surgindo os moderníssimos “Barracões”, que produzem o maior espetáculo do mundo que está sempre se renovando e surpreendendo o público. (ARAUJO, 2012).

O Sambódromo Mestre Vidal, mesmo que em espaço cedido temporariamente, surgiu para viabilizar a evolução do Carnaval de Cruz Alta, facilitando a organização dos elementos constitutivo do festejo popular que representa cultura, conhecimento e desenvolvimento econômico para o município. Ampliou as possibilidades de um novo formato para a festa, com mais luxo e criatividade, transformando o Carnaval em um espetáculo de referência no Estado e a cidade, um polo carnavalesco.

#### **4.5 Dificuldades encontradas pelas escolas para participar do Carnaval de Cruz Alta**

Quando se questiona sobre quais as principais dificuldades encontradas pelas escolas ao longo dos anos, da organização dos elementos aos desfiles, a resposta é unânime entre os participantes: a parte financeira.

A maior dificuldade encontrada pela escola sempre foi e sempre será o financeiro, pois a Unidos do Beco nunca cobrou de seus componentes pelas fantasias utilizadas durante os desfiles”. Somente as fantasias de destaques que precisam ser confeccionadas são pagas pelos integrantes (Entrevistado 13 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2020).

A principal dificuldade encontrada pela escola ao longo dos anos é financeira, pois os eventos não rendem muito recurso e o recurso repassado pela prefeitura municipal de Cruz Alta é muito pouco. Em 2020, a escola irá gastar com o carnaval em torno de duzentos e vinte mil reais, porém o recurso público será de setenta e cinco mil reais por

escola, sempre ficando dívidas de um ano para o outro. Excepcionalmente, em 2019, a escola já arrecadou R\$100.000,00 (cem mil reais) em três eventos realizados para custear despesas do carnaval de 2020 [...]. (Entrevistado 1 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Conforme o Entrevistado 1 – Segmento Integrantes Escolas de Samba (2019), dentre os eventos realizados para arrecadar fundos para a agremiação estão a apresentação da Rainha e Madrinhas da Bateria, Jantar dos Padrinhos da escola e Soberanas que irão representar a escola e o quarto evento é o concurso do Rei e da Rainha do Samba Estadual, evento este que conta com a participação de quinze municípios do Rio Grande do Sul, dentre os quais, Uruguaiana, Pelotas e Rio Grande.

Relata, ainda, que a escola aluga fantasias e alegorias do Carnaval de Uruguaiana e que, em 2020, tais elementos virão da escola Cova da Onça, vindo de encontro com a temática escolhida pela escola, a qual abordará Os Duzentos anos de Cruz Alta: negros, pobres e índios. Os custos atingirão cerca de R\$ 97.000,00 (noventa e sete mil reais) em fantasias e alegorias e R\$ 20.000,00 (vinte mil reais) com transporte e equipe de montagem que vem de Uruguaiana. Para ele, a parte financeira é fundamental para colocar o espetáculo na Avenida.

O Entrevistado 20 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019) salienta que se deve considerar a linha do tempo no processo evolutivo do Carnaval. A realização dependeu sempre da organização das próprias escolas de samba; porém, sempre foi fundamental o suporte do poder público, que desde então tinha a responsabilidade total da realização do evento. Mas o que não mudou é a dificuldade financeira encontrada por ambas as partes aliado a validação do investimento público em Carnaval e em cultura de um modo geral, pois há resistência por parte de grupos fundamentalistas que ignoram a importância da cultura popular por mera formação preconceituosa e de certa forma egoísta.

O Entrevistado 23 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019) acredita a maior dificuldade é o entendimento da importância que o Carnaval, como cultura popular, tem para o desenvolvimento da cidade. Os governos, nem todos têm esse entendimento, o que dificulta a manutenção e continuidade do evento Carnaval como política pública. O Carnaval como política pública é justamente para propiciar para a sociedade o desenvolvimento de vários setores, como o cultural, o social e econômico, a manutenção da cultura e a própria inclusão da sociedade como um todo.

Sobre cultura popular, segundo o Ministério da Cultura Brasileiro (2017) na *Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular*, o conceito ou a definição para cultura popular compreende: “o conjunto de criações que emanam de uma

comunidade cultural, fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social” (UNESCO, 1989).

O incentivo do município para o Carnaval é considerado pelos entrevistados, como um investimento, e quando se rompe este investimento, rompe-se também a manutenção de outros aspectos, como geração de trabalho e renda, o incremento da economia e o desenvolvimento do turismo. Na questão social, deixa-se de inserir os jovens, não propiciando um espaço de lazer e entretenimento para as camadas mais pobres e deixa de valorizar as artes como um todo, como o teatro, a dança, a música, as artes visuais e o conhecimento. Além disso, os sambas-enredo contam histórias, e os desfiles são espetáculos que trazem informações e conhecimentos através da história do enredo que é contado na avenida.

Para Tolila (2007), em geral e em qualquer país que se considere, o setor cultural demanda cada vez mais meios dos tomadores de decisões, que devem arbitrar as alocações de recursos de maneira racional e quantificada para justificar democraticamente suas escolhas perante os cidadãos. Num período de expansão econômica geral, as coisas andam muito bem. Num período de crise ou de instabilidade econômicas, a história é outra, pois é nesses momentos difíceis que realmente nos damos conta de que nos faltam instrumentos de diálogo e de convicção.

Sobre a importância da valorização da cultura popular, como um bem de grande valor para a sociedade, promotora de conhecimentos e de desenvolvimento para o município, Kulmann, Abreu e Lübeck (2019) afirmam que o seu conceito contempla o mais profundo dos bens históricos de uma nação, surgido da crença em determinados valores que se creem necessários para a continuidade da vida em comunidade. E que em diferentes períodos da história da civilização constitui a cultura construída por elementos diversificados que particularizam cada comunidade em seu âmbito ou país, fracionando os valores culturais e históricos e provendo a diferenciação dos indivíduos de cada nação do mundo.

Os autores afirmam ainda que é possível apontar que as festas populares são manifestações da cultura e de um povo, independentemente do cenário em que se realizam, podem ser semelhantes na base e com elementos que as diferenciam, destacando o aspecto local ou regional. Citam, como exemplo, o Carnaval de Desfile de Escolas de Samba, pois, é cultivado em diversos locais do país, apresentando suas peculiaridades regionais, não perdendo a característica de uma festa popular brasileira (KULMANN; ABREU e LÜBECK, 2019).

Do mesmo modo, Eagleton (2011) afirma que a cultura pode ser resumida como um complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico e inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade, porém a cultura não é geneticamente transmissível, mas uma prática vivida.

Para Santos (2007) não há nenhuma cultura que seja completa, sendo necessário fazer tradução para ver a diversidade sem relativismo, porque comprometidos com mudanças sociais não podemos ser relativistas. Porém, é necessário captar toda a riqueza para não desperdiçar a experiência, pois somente sobre a base de uma experiência rica e não desperdiçada podemos realmente pensar em uma sociedade mais justa.

Com base nas afirmações de Silva (2011), percebe-se que da mesma forma que ocorre no Carnaval de Cruz Alta, ocorre nos festejos das cidades de Pelotas e de São Paulo, considerando-se a época da publicação deste trabalho. Para o autor, o último Carnaval da cidade de Pelotas assumiu diferentes formas de lidar com a criatividade dos foliões e, além disso, apresenta dificuldades na sua organização, pois o fator financeiro é hoje o principal problema enfrentado.

Portanto, faz-se necessário captar recursos para a produção dos elementos do Carnaval, mesmo que indiretamente, no contexto atual das escolas. As agremiações adquirem o material pronto, na sua maioria, de outros municípios. Considerando-se o nível de exigência dos desfiles, que foram ficando cada vez mais luxuosos, aumentou a demanda de grande soma em dinheiro, superior ao fomento do poder público municipal. Além disso, o comércio local não está preparado para as demandas das agremiações, tanto no fornecimento quanto no custo de materiais necessários, conforme os entrevistados da pesquisa. Assim, a participação do poder público municipal é muito importante, como será abordado no próximo item.

#### **4.6 A participação do poder público municipal no Carnaval de Cruz Alta**

Desde que as festas de momo iniciaram em Cruz Alta, o poder público municipal, mesmo que com formatos diferentes, ou seja, sem investir recurso público inicialmente e com verba de fomento atualmente, é responsável pela organização do Evento Carnaval, segundo informações da Secretaria de Cultura e Turismo de Cruz Alta. E quanto à participação dos servidores públicos municipais pertencentes à secretaria na organização do Carnaval, os participantes da pesquisa pertencentes à secretaria foram consoantes em afirmar que a maior

parte destes trabalha pelo sucesso do evento e há uma parceria com as demais secretarias municipais, tais como Fazenda, Obras e Saúde, as quais dão suporte antes e durante os dias de Carnaval. Conforme corroboram os entrevistados:

Sempre a realização do evento contou com a colaboração efetiva de pelo menos 15 (quinze) servidores da Secretaria de Turismo além das demais secretarias como Fazenda, Obras e Saúde que oferecem suporte durante o evento. Totalizando em média 80 (oitenta) servidores envolvidos com o carnaval. A Secretaria de obras atua na preparação do espaço atendendo reparos com as equipes de elétrica, hidráulica, pintura e capina; Secretaria de saúde – ambulância e Equipe do SAE com o trabalho de orientação e prevenção. Especificamente o SAE não desenvolve suas atividades apenas nos desfiles, faz incursões nas escolas durante o período de ensaio pelo menos nos dois meses que antecedem o espetáculo. (Entrevistado 20 – Segmento: Secretaria de Cultura e Turismo, 2019).

Sim, juntamente com outras secretarias, pois a Secretaria da Cultura não consegue fazer nada sem o apoio das demais. Por exemplo, a Secretaria de Saúde, Obras, Planejamento. O envolvimento de todas é fundamental para que as festividades aconteçam. (Entrevistado 22 – Segmento: Secretaria de Cultura e Turismo, 2019).

Conforme o Entrevistado 23 – Segmento: Secretaria de Cultura e Turismo (2019), desde 2007 os servidores que compõem o quadro da secretaria participam da organização, na parte mais burocrática, fazendo o termo de fomento com a LESCA, do projeto Carnaval e a Lei 13.019 que é a Lei de Parcerias Voluntárias, que rege o convênio com as Organizações da Sociedade Civil. Ressalta que a partir disso, a Liga que é uma organização da sociedade civil precisa cumprir algumas exigências legais para conveniar com o Poder Público, entre elas apresentar o Projeto Carnaval do ano, com o Plano de trabalho que inclui todas as atividades que a Liga e as escolas de samba vão desenvolver do projeto. A Liga presta contas para o Poder Público dos gastos de cada escola.

A Lei 13.019/2014 é conhecida como Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil, entrou em vigor em 23 de janeiro de 2016, na União, Estados e Distrito Federal; e nos Municípios em 1º de janeiro de 2017. A partir dessa lei, passou a ser estabelecido um novo regime jurídico das parcerias entre a administração pública e as organizações por meio de novos instrumentos jurídicos: os termos de Fomento e de Colaboração, no caso de parcerias com recursos financeiros; e o Acordo de Cooperação, no caso de parcerias sem recursos financeiros (BRASIL, 2016).

Sobre a existência de um espaço destinado à divulgação do Carnaval no site da Prefeitura Municipal e demais meios de comunicação locais e como vem acontecendo essa divulgação ao longo dos anos, os participantes da pesquisa integrantes da Secretaria de Cultura e Turismo contribuíram, ressaltando que a administração atual preocupa-se com a publicação

do Carnaval, propiciando um espaço para a Secretaria de Cultura e Turismo fazer a divulgação do evento.

Sim, existe. Hoje está mais presente por causa das redes sociais. A Prefeitura dá todo o suporte através do setor de comunicação para divulgar o Carnaval. Utiliza-se o site do município e as redes sociais. A Liga tem canais próprios (Instagram e Facebook). A partir de 2018, surgiu o Setor 9, que divulga o carnaval como um todo, o ano inteiro. (Entrevistado 23 – Segmento: Secretaria de Cultura e Turismo, 2019).

Conforme contribuição do Participante 20 – Segmento: Secretaria de Cultura e Turismo (2019), o site da prefeitura, bem como as redes sociais das secretarias são as plataformas mais usadas para a divulgação do evento que durante o período de desenvolvimento do projeto ainda se utiliza da contratação de mídia específicas nos veículos de comunicação (Figuras 19 e 20) para divulgação do objeto em questão.

Figura 19 – Recorte de divulgação do Carnaval de Cruz Alta em Jornal local, 2017.



Fonte: Arquivo da Secretaria de Cultura e Turismo de Cruz Alta, 2019.

Figura 20 - Recorte de divulgação do Carnaval de Cruz Alta em Jornal local, 2018.



Fonte: Arquivo da Secretaria de Cultura e Turismo de Cruz Alta. 2019.

Portanto, a divulgação dos eventos relacionados ao Carnaval é efetuada em jornais, internet, através do Poder Público Municipal, das redes sociais das escolas de samba e da Liga das Escolas de Samba de Cruz Alta, com o intuito não apenas de atrair público para assistir aos desfiles, como também para a população participar como integrante das agremiações. É exatamente essa disseminação de informações que populariza a festa fora de época em Cruz Alta, fazendo com que evolua ano após ano.

#### **4.7 Os fatores que contribuíram para a formação da identidade do carnaval de Cruz Alta, os quais o tornaram referência no Estado.**

Para falar sobre a formação da identidade do Carnaval de Cruz Alta é fundamental refletir sobre o conceito de identidade, o qual vem se transformando com o passar do tempo, considerando que o próprio mundo social sofreu modificações e novas identidades foram surgindo. Segundo Hall (2006), o tempo e o espaço constituem coordenadas básicas de todos os sistemas de representação e todo meio de representação, seja escrita, pintura, desenho,

fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação, deve traduzir seu objeto nas dimensões espaciais e temporais. Para Hall:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p. 7).

Conforme Pesavento (2007), as identidades são fabricadas, inventadas, mas não quer dizer que sejam falsas. Enquanto sensação de pertencimento, as identidades são elaborações imaginárias que produzem coesão social e reconhecimento individual. Identidades fundamentam-se em dados reais e objetivos, recolhendo traços, hábitos, maneiras de ser e acontecimentos do passado, como lugares e momentos. A identidade implica na articulação de um sistema de ideias, imagens que explica e convence. Ressalta ainda que as identidades são dotadas de positividade que permite a aceitação e o endosso. Para a autora:

Mais do que isso, a identidade se mostra e se exhibe em ritos e práticas sociais, e se dá a ver, como no caso dos monumentos, feitos para lembrar. E tais marcos, como se pode bem apreciar, têm seu lócus preferencial de referência nos centros urbanos, núcleo onde tudo começou. A construção de identidades urbanas tem seu acabamento na construção de paisagens, onde o enquadramento do espaço construído com seus elementos referenciais e icônicos e ajusta e se enlaça com o meio natural. (PESAVENTO, 2007, p. 4).

Para Dal Forno (2013), o passado, os discursos da cultura e da história refletem seus efeitos na cidade contemporânea, não sendo diferente na cidade de Cruz Alta. Segundo o autor, para compreender a identidade cultural de um indivíduo é importante questionar em qual época, sociedade e circunstância o sujeito está inserido, bem como de que forma ele administra as transformações que ocorrem ao seu redor. Ainda sobre Cruz Alta, Dal Forno afirma:

A identidade cultural da cidade foi construída a partir de diferentes culturas, ora, negativas, ora positivas, bem como por histórias de guerras e desmandos que criaram uma identidade cultural, empobrecida, não menos importante, mas sem uma identificação marcante, influenciando diretamente nas relações sociais da cidade (DAL FORNO, 2013, p. 64-65).

Do mesmo modo que Hall (2006) percebe o tempo e o espaço essenciais na construção da identidade, Pesavento (2008) afirma que resgatar o passado de uma cidade implica lidar com vários tempos: o da cidade que se vê e a da que não se vê, oculta e esquecida; o tempo que passa

e o que não passa, do qual é resultado o resto que fica para ser mostrado [...] e projetos não realizados, e o da cidade que se tem, resultante de fracassos e vitórias.

Hall (2006) apresenta três concepções para identidade, a primeira faz referência ao sujeito do Iluminismo, a segunda aborda o sujeito sociológico e a terceira situa o sujeito pós-moderno. O autor afirma que o sujeito do Iluminismo era baseado numa concepção da pessoa humana, um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, consciência e ação, cujo "centro" consistia em um núcleo interior, que emergia logo que o sujeito nascia. Esse centro essencial do "eu" representava a identidade de uma pessoa.

Já a noção de sujeito sociológico estava relacionada com a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação que o sujeito estabelecia com outras pessoas importantes para ele, mediando para o mesmo valores, sentidos e símbolos. Neste sentido, a identidade costura ou sutura o sujeito à estrutura das suas relações, afirma o autor. Esse sujeito vivido com uma identidade unificada e estável vai se modificando e fragmenta-se em várias identidades, nascendo assim o sujeito pós-moderno, sem uma identidade fixa ou permanente e sim como uma celebração móvel que se modifica continuamente, conforme os sistemas culturais que o cercam.

Com base em Hall (2006), pode-se afirmar que o Carnaval de Cruz Alta, segundo os entrevistados, é atualmente considerado o terceiro maior Carnaval do interior do Estado do Rio Grande do Sul, atraindo participantes de todas as idades, classes sociais, raças e gêneros. Tornando-se um Carnaval Internacional, traz na essência de sua história diferentes atores em tempos e espaço que foram se modificando e evoluindo no decorrer do tempo, fazendo com que as diferentes formas de representação (dança, música, simbologia, arte etc.) traduzam seu objeto de acordo com o momento vivenciado ou com a representação cultural a que cada agremiação deseja trazer ao público.

Esse processo de construção e reconstrução do sujeito no espaço e no tempo que Hall (2006) afirma torná-lo um indivíduo pós-moderno, evidencia-se na análise das entrevistas desta pesquisa, pois verifica-se nas falas dos participantes da pesquisa que a identidade do Carnaval cruz-altense se constrói a partir dos sujeitos que dele fazem parte e que vão se modificando em consonância com a festa, conforme ela vem evoluindo desde a criação da primeira agremiação do município. Dentre os fatores que vêm contribuindo para a formação da identidade do Carnaval de Cruz Alta estão a união das comunidades e o amor pelas agremiações, além da

questão financeira que, apesar de não ser suficiente, possibilitou a implantação de um formato diferenciado da festa carnavalesca.

É essa união dos sujeitos que compõe as comunidades carnavalescas de Cruz Alta, o apego e o respeito pelas próprias comunidades onde vivem e o seu amor declarado que constituem a magia do espetáculo do Carnaval, pois não se permitem esmorecer diante das dificuldades que permeiam toda a organização do festejo popular. A luta diária e a determinação para colocar sua agremiação do coração na Avenida do Samba vêm desde o tempo em que fazer Carnaval era sinônimo tão somente de fazer folia, inverter papéis ou simplesmente integrar-se. Conforme os entrevistados, a construção da sua identidade e conseqüentemente, da agremiação a que pertencem.

É de raiz, de família! Temos uma identificação forte desde que a escola foi criada. Quando o Presidente Silas adoeceu, a comunidade da Ferrô fez promessa pelo seu restabelecimento, para pagar na Romaria de Nossa Senhora de Fátima. Somos uma família! (Entrevistado 7 – Integrante Escolas de Samba).

O que faz com que me identifique com a Unidos do Beco é uma paixão de criança. Me criei dentro da escola, quando ouvia o som da bateria, fugia de casa para assistir aos ensaios! E na volta, sempre apanhava pela desobediência, mas no outro dia fugia novamente! (Entrevistado 13 – Segmento: Integrante das Escolas de Samba, 2020).

De acordo com Mariano; Endere (2017) o Carnaval constitui expressão do patrimônio cultural e imaterial e isso se deve a um conjunto de expressões e representações diversas, pois a festa gera um espaço para as manifestações como a música, a dança, as máscaras, as indumentárias e todos os significados que fortalecem o tecido social de diferentes setores de uma comunidade.

Segundo Fazenda (2008a, p. 21) “não se pode de forma alguma negar a evolução do conhecimento ignorando sua história.” O Carnaval exerce um papel fundamental dentre as atividades culturais do município de Cruz Alta, pois agrega conhecimentos na vida das pessoas que nele se integram. “Carnaval virou patrimônio cultural do município, inclusive foi sancionada uma lei pelo Vereador Everlei Martins.” (Entrevistado 9 – Segmento: Integrante Escolas de Samba, 2019). Trata-se do Projeto de Lei Ordinária 6297/2019, onde consta em seu “Artigo 1º – Ficam declarados os desfiles das Escolas de Samba realizados no Carnaval patrimônio cultural imaterial da cidade de Cruz Alta.” (CRUZ ALTA, 2019). Quanto à exposição de motivos:

Na noite de hoje encaminho ao poder Executivo, Projeto de Lei que declara os desfiles das Escolas de Samba realizados no Carnaval patrimônio cultural imaterial da cidade de Cruz Alta. Com mais de 65 anos, o carnaval de Cruz Alta é um movimento popular que sempre se evidenciou nas manifestações alusivas a data, com bailes, desfiles de rua, rodas de samba, entre outros. Inicialmente, foi marcado pelos blocos

carnavalescos (Ases de Ouro, Filhos da Lua etc.), que na época, embalavam os bailes e apresentações pelas ruas com marchinhas e batucadas. Estes mesmos blocos, compostos por personalidades do samba cruz-altense, mais tarde deram origem as mais tradicionais escolas de samba do município, em especial, a Unidos de São José e a Unidos do Beco, duas grandes rivais que marcaram as competições na avenida por muitos anos (CRUZ ALTA, 2019, p. 1).

O Projeto de Lei Ordinária 6297/2019 (Anexo C) versa ainda que as escolas de samba exercem um papel fundamental na formação da identidade cultural de suas comunidades, pois proporcionam um espaço de convivência social que contribui para a formação do caráter e da qualificação de suas comunidades, tornando-se parte integrante da vida dessas pessoas, que tomam para si a responsabilidade de gerir e de mantê-las. Acrescenta que as escolas são palcos de manifestações para diversos artistas anônimos que, na época de Carnaval, exercem sua expressividade, bem como constituem espaço de lazer e entretenimento para quem não tem condições de usufruir de outros locais de divertimento. Além disso, contribuem economicamente, possibilitando a geração de trabalho e renda. Quanto ao caráter cultural das escolas:

[...] é sua maior evidencia, uma vez que entende-se que a manifestação de cultura popular proporcionada pelo carnaval insere-se num contexto maior e mais complexo de arte, envolvendo as áreas da música, dança, interpretação, artes plásticas e visuais etc.; além, é claro, de evocar o papel social de envolvimento das comunidades e estímulo ao aprimoramento/desenvolvimento da autoestima da população. O poder público vem ao longo dos anos tendo um papel fundamental, fomentando as atividades carnavalescas, proporcionando com que as escolas de samba realizem suas atividades, consolidação do evento ano a ano. As escolas, também estão buscando alternativas de se autofinanciar, não ficando somente dependentes do poder público. Mesmo assim, o fomento destinado a cultura popular contribuiu para a realização da maior expressão artística brasileira garantindo a manutenção e a preservação da identidade cultural da comunidade cruz-altense através do carnaval (CRUZ ALTA, 2019, p. 1).

Sobre o conceito de Patrimônio Cultural Imaterial, de acordo com a *Convenção da Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial* (2006) da UNESCO:

1. Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável. 2. O “patrimônio cultural imaterial” [...] se manifesta em particular nos seguintes campos: a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; b) expressões artísticas; c) práticas sociais, rituais e atos festivos;

d) conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo; e) técnicas artesanais tradicionais (UNESCO, 2006).

O Carnaval de Cruz Alta, enquanto patrimônio cultural imaterial do município, constitui-se de práticas sociais e rituais através de atos festivos e segundo o Entrevistado 7 – Segmento: Integrante Escolas de Samba (2019) “é amor pelas agremiações que faz com que a identidade do Carnaval de Cruz Alta se construa. Porque há pessoas que defendem e se preocupam em difundir a cultura do Carnaval de Cruz Alta”, do mesmo modo, salienta que o apoio da atual administração municipal, a qual valoriza a cultura é muito importante. Como ele disse “Administração popular, festa popular!”

O Entrevistado 16 – Segmento: Comunidade (2019) afirma que “antes mesmo dos desfiles, você vive a escola quando está lidando com as fantasias, carros alegóricos o ano inteiro, convivendo com os integrantes”. No momento da Avenida, para ele é um orgulho ver o trabalho de um ano inteiro, a escola inteira e então “(...) não tem como não bater no peito e dizer: - Eu sou Unidos de São José! A gente briga, discute entre os componentes para organizar tudo e depois ver a escola na avenida, é realmente um orgulho!”, ressalta.

Do mesmo modo, Araujo (2012, p.6) afirma que as escolas são palcos de manifestações para diversos artistas anônimos que, na época de Carnaval, exercem sua expressividade quando afirma que nos tempos contemporâneos o Carnaval deixou de ser apenas uma grande festa em que as principais ruas e praças se convertiam em palcos e a cidade se tornava um imenso teatro, sem paredes, no qual os habitantes eram, ao mesmo tempo, atores e espectadores para se enquadrar na velocidade do mundo pós-moderno. Para o autor, hoje, movimento e velocidade, espaço e tempo, aceleração e desaceleração regulam as práticas políticas, sociais, artísticas e culturais. Neste contexto, o Carnaval contemporâneo tem sua máxima expressão no ato das paradas desfiles – espetáculos.

Sobre o conceito de festa popular, Kulmann, Abreu e Lübeck (2019) referem que resumidamente, podemos compreender festas populares como aquelas manifestações culturais que fazem parte de uma estrutura social comunitária, que transformam e modificam o sujeito e seu cotidiano como um todo organizado, integrado e em constante movimento, exatamente o que representam as festas de Momo ao possibilitarem a integração entre as comunidades a que pertencem às agremiações, com costumes próprios.

A veia cultural e as dinâmicas de vida do povo cruz-altense, seus hábitos, costumes, modos de viver enfim, exercem papel fundamental na construção da identidade do Carnaval de Cruz Alta, tornando-o um polo carnavalesco, pois a festa originou-se da construção da

sociedade cruz-altense, dos povos que nela foram tecendo sua cultura, dentre os quais portugueses, indígenas e escravos. Os participantes da pesquisa reiteram essa afirmação quando referem:

O carnaval é uma história que mexe com a cultura no geral, mas poderia significar muito mais se as pessoas se conscientizassem da importância do Carnaval como cultura para o município; se o comércio local se preocupasse em investir no carnaval e se preparasse para oferecer o que as escolas precisam fazendo assim a cidade crescer. Não esquecendo da folia, da grande festa que o carnaval é, representa também a integração da comunidade, onde não existe distinção entre classes sociais, raças ou gêneros, pois é uma brincadeira sadia, onde participam das crianças aos idosos. (Entrevistado 16 – Segmento – Comunidade, 2019).

Justamente pela história das escolas e a característica de carnaval raiz que passa de geração em geração. A forma de manter a raiz aliada a modernização para adequação conforme a realidade, e por fim a capacidade técnica dos membros das escolas de samba onde congregam todas essas questões e fazem do nosso carnaval o maior do interior do estado. (Entrevistado 20 – Segmento: Secretaria de Cultura e Turismo, 2019).

Pela mobilização das escolas que não deixam o carnaval acabar, ao contrário, trabalham e investem para que o carnaval de Cruz Alta evolua para ser cada vez melhor. A integração do município com os municípios da região, do Estado, de fora do Estado e do Brasil eleva o nome da cidade e populariza ainda mais nosso Carnaval. (Entrevistado 23 – Segmento: Secretaria de Cultura e Turismo, 2019).

O Entrevistado 18 – Segmento – Comunidade (2020), relata que fez uma pesquisa e em Cruz Alta tem cerca de trinta por cento de sua população negra. Segundo ele “O negro gosta de festa e trago e se não tem dinheiro, toma Coca-Cola com cachaça e toca um tamborim! Essa influência negra acaba trazendo a população para dentro das escolas.” Afirma, também, que a elite está em todas as escolas hoje. Os destaques da escola Unidos do Beco frequentam o Clube Arranca que é um clube elitizado. Os negros, antigamente, frequentavam o Treze de Maio e a Recreativa, pois não eram aceitos nos clubes que os brancos frequentavam. Mas os brancos eram aceitos pelos negros, sem preconceitos.

Na cidade de Pelotas, segundo Maia (2008 *apud* Herskovits, 1943) após a abolição da escravatura, a população negra foi aos poucos se inserindo no mercado de trabalho e junto com trabalhadores, imigrantes europeus pobres, fundaram os primeiros sindicatos e associações de trabalhadores. No final do século XIX e início do século XX, nestes mesmos sindicatos que fundaram os primeiros grupos e associações carnavalescas do município, unindo negros e brancos das camadas mais pobres da sociedade pelotense. Nasceram também os primeiros clubes sociais negros constituídos nos mesmos moldes dos clubes sociais da classe dominante branca.

Esses clubes representavam e ainda representam importantes espaços de organização e resistência da população afrodescendente local.

Cruz Alta também teve seus clubes sociais para negros e para brancos, conforme citado pelos entrevistados e essa mesma união entre negros e brancos pelas festas de Momo que ocorre em Pelotas, acontece aqui, pois atualmente, a elite cruz-altense é bastante atuante no Carnaval de Rua do município, que tem nas suas origens a cultura negra presente, não só contribuindo economicamente pelo sucesso dos desfiles das agremiações, como fazendo parte das Escolas de Samba como desfilantes, tanto em alas, quanto em fantasias de destaque ou luxo.

Dentre os fatores mais importantes para a formação da identidade do Carnaval de Cruz Alta, tornando-o referência no Estado e fora dele é de fato a união dos componentes das escolas de samba, os quais acreditam no Carnaval como fonte inesgotável de cultura, conhecimento e alegria e é essa crença que motiva as comunidades a fazerem do festejo um espaço de integração, de trocas de saberes, onde não há distinções entre os indivíduos. Conforme corroboram os participantes:

Acho que pela união de todos, pois se não fossem as escolas se unirem, o carnaval já havia acabado, principalmente pela resistência de parte do povo que é contra o carnaval. Existe um recurso público que é para fazer cultura e carnaval é cultura. O samba-enredo, as fantasias e as alegorias são frutos de pesquisas e isso precisa ser mostrado na avenida. (Entrevistado 19 – Segmento – Comunidade, 2019).

Acredito que pela dedicação dos integrantes das escolas de samba, da própria integração com as cidades da região e por se desejar fazer um mini carnaval como se tem hoje um grande carnaval no Rio de Janeiro, o carnaval do Rio, o de São Paulo e Uruguaiana são espelhos para o carnaval de Cruz Alta. (Entrevistado 16 – Segmento – Comunidade, 2019).

Existe uma divisão grande entre as classes sociais, onde uma não interfere na outra. O Carnaval é feito pela comunidade mais humilde, onde a festa é a sua maior diversão, pois essa comunidade vive para trabalhar e viver o carnaval! Os integrantes da escola de samba são pessoas apaixonadas pelo carnaval! (Entrevistado 14 – Segmento – Comunidade, 2019).

Sobre a troca de saberes que o festejo propicia, Santos (2010, p. 548) afirma que “o lugar de enunciação da ecologia dos saberes são todos os lugares onde o saber é convocado a converter-se em experiência transformadora, ou seja, são todos os lugares que estão para além do saber enquanto prática social separada”, vindo de encontro com os saberes produzidos pelo Carnaval, a partir das experiências vivenciadas pelos seus participantes, seja desfilantes ou assistentes. Para Bourdieu (2004) “o encontro entre duas histórias diferentes, logo, entre duas culturas diferentes: cada um decifra o que o outro diz a partir de seu próprio código, de sua própria cultura [...]”, ou seja, a partir dos próprios conhecimentos.

De acordo com o (Entrevistado 15 – Segmento – Comunidade, 2019), há uma elite produtora, que em números populacionais são muito inferiores à grande massa populacional dos 71 (setenta e um) bairros da zona urbana de Cruz Alta, locais onde se dá a produção carnavalesca e a formatação das escolas das comunidades. No entanto, acrescenta que é possível se ver um número crescente de pessoas ligadas ao agronegócio participando dos desfiles dessas agremiações no Sambódromo Mestre Vidal.

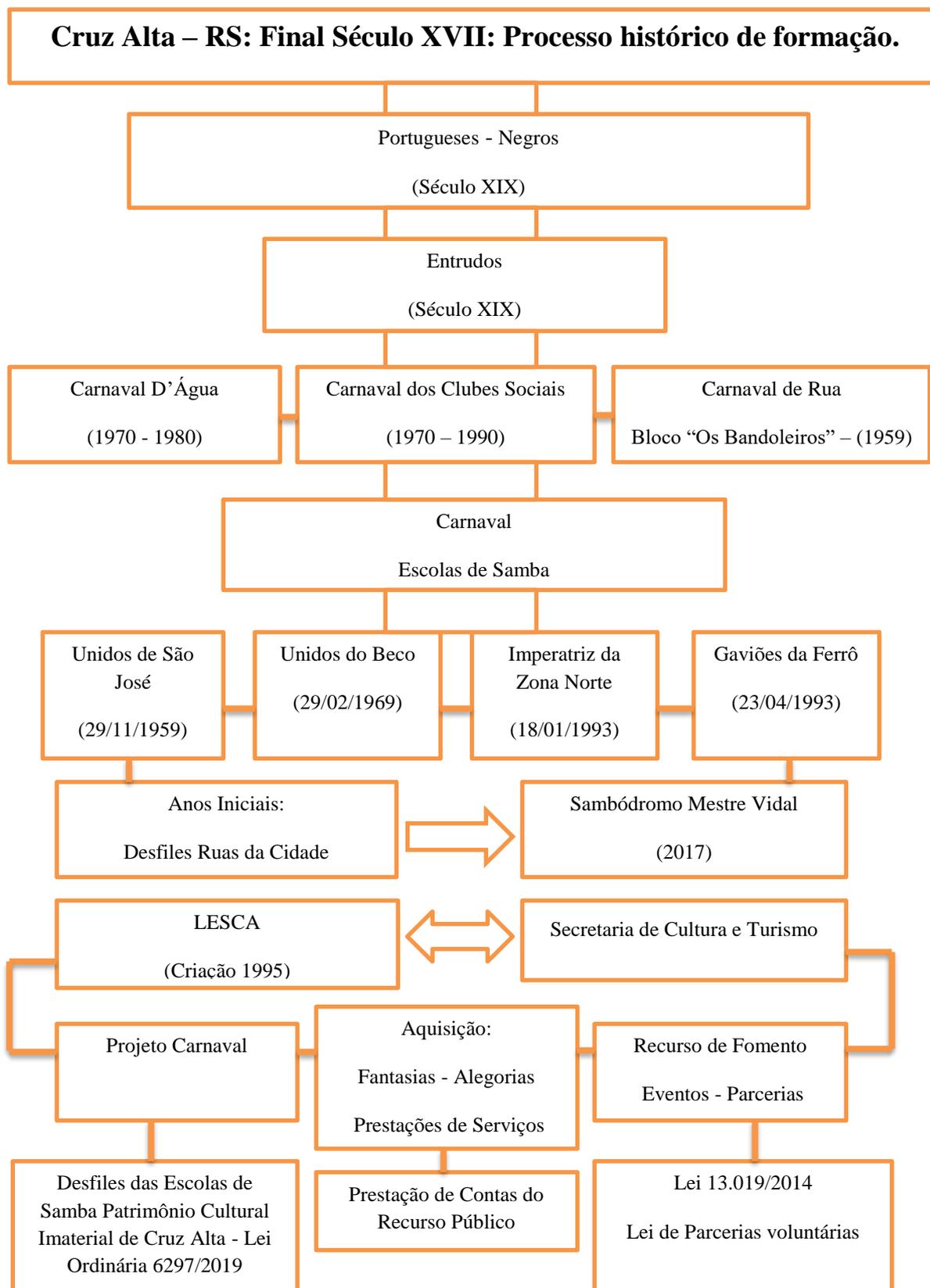
Para DaMatta (1986), o carnaval é percebido como algo que vem de fora, como uma onda irresistível que nos domina, controla e seduz inapelavelmente. Algo que chega até nós periodicamente sem que haja possibilidade de resistir, tornando todos iguais, ou podendo ser iguais, perante o Carnaval, o qual configura-se em um universo social onde a regra é praticar sistematicamente todos os excessos.

Ferreira (2004), afirma que o Carnaval antes de ser uma festa é uma data e não existe uma forma peculiar de se brincar o Carnaval, mais do que isso, pode se apresentar como um fantástico desfile com gigantescas alegorias ou como uma suntuosa batalha de flores, ou ainda como uma solene apresentação de grupos de mascarados ou, quem sabe, uma frenética coreografia ao som dos últimos sucessos musicais ou mesmo um bloco de jovens desfilando em roupas de praia, ao som dos ritmos do momento.

Essas festas tão diferentes, de acordo com Ferreira (2004), têm em comum o fato de se realizarem num determinado período do ano, quando tudo pode acontecer e todas são, cada uma a seu jeito, legítimas herdeiras daqueles dias de excessos que marcavam os últimos momentos de exagero e descontrole antes da Quaresma.

No município de Cruz Alta, apesar do predomínio econômico agropecuário, e apresentar certa resistência ao Carnaval, o festejo popular, considerado uma inversão, iniciou com o Entrudo trazido pelos negros e colonizadores portugueses do século XIX. Cresceu com o tradicional Carnaval D'água, posteriormente com os blocos carnavalescos dos Clubes Sociais e de rua, dos quais se originaram as escolas de samba que ganharam força e se tornaram um espetáculo luxuoso e competitivo, aos moldes do Carnaval de Uruguaiana, de onde também chegam parte de suas fantasias e das alegorias. As agremiações contribuem econômica e socioculturalmente para o desenvolvimento de Cruz Alta, conforme dados apresentados no próximo item da pesquisa. A Figura 21 traz uma sistematização sobre o que foi discutido neste capítulo.

Figura 21. Caracterização do Carnaval no município de Cruz Alta.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

## **5 AS CONTRIBUIÇÕES ECONÔMICAS E SOCIOCULTURAIS DO CARNAVAL PARA O MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA**

O capítulo a seguir apresenta os resultados da pesquisa quanto às contribuições econômicas e socioculturais do festejo popular para o município, considerando que o Carnaval de Cruz Alta é o terceiro maior do interior do Estado do Rio Grande do Sul e atrai público da região, bem como do Brasil e, atualmente, do exterior; realizando uma grande integração, gerando cultura, trabalho e renda e movimentando o comércio local, segundo os participantes desta pesquisa.

### **5.1 As contribuições econômicas do Carnaval para o município de Cruz Alta**

Não existem dados estatísticos ou econômicos atuais no município que comprovem, mas é de consenso entre os participantes de todos os segmentos da pesquisa que o Carnaval contribui economicamente para o crescimento de Cruz Alta, pois necessita trabalho dos mais variados profissionais, prestadores de serviços, bem como movimenta o turismo e, conseqüentemente, o comércio local, que tem suas demandas ampliadas pelo grande fluxo de pessoas no período das folias momescas do município.

De acordo com o Entrevistado 15 – Segmento: Comunidade (2019), o festejo popular consolida uma tradição histórica bastante forte e oferece (não apenas no setor de turismo, como arrecadação de recursos), mas uma vazão importante de profissionais ligados a essa área, como uma série de prestadores de serviços que complementam suas rendas e proporciona ainda a configuração profissional de muitas pessoas ligadas à essa atividade, não somente na cidade, mas em outros centros que produzem Carnaval. O Carnaval, na versão de escolas de samba, reafirma uma identidade natural da cidade, que é um centro histórico e cultural do RS.

Segundo o Entrevistado 19 – Segmento: Comunidade (2019), o Carnaval contribui muito para o crescimento econômico do município, porque traz muitas pessoas de fora e movimenta o comércio local. Porém, também é unanimidade entre os participantes da pesquisa que há uma carência de lojas especializadas na cidade para a produção das fantasias, pois a maior parte dos materiais para a confecção dos elementos do Carnaval é adquirido de fora do município. De acordo com o Entrevistado 19, além da falta de criatividade para produzir fantasias na própria comunidade da escola hoje, pois vem tudo pronto de fora, de outros desfiles,

necessitando apenas de ajustes para o uso. As escolas deveriam fazer cursos, encontros, seminários para falar sobre o Carnaval, além das oficinas que gerariam trabalho e renda para as próprias comunidades, ressalta. Do mesmo modo corroboram os entrevistados:

Hoje o carnaval não contribui mais economicamente de forma considerável. Não temos comércio para o carnaval hoje, as fantasias e alegorias vêm prontas de fora, ficando apenas os ajustes para serem feitos aqui. O município não oferece condições para que a produção das fantasias e alegorias sejam aqui devido ao nível elevado do carnaval da cidade, mas seria bom pela geração de empregos. (Entrevistado 17 – Segmento: Comunidade, 2019).

[...] No tempo da minha mãe, as lojas ofereciam mais matéria-prima para a confecção das fantasias e alegorias e o que não tinha no comércio local, o próprio comércio encomendava e parcelava o pagamento. Hoje, o comércio local não tem interesse em investir, o que faz com que as escolas passem a comprar de fora os materiais para sua produção e assim, poderem apresentar um carnaval bonito para o público. (Entrevistado 16 – Segmento: Comunidade, 2019).

De acordo com Kulmann, Abreu e Lübeck (2019), ao estudar o Carnaval de Uruguaiana, afirmam que este cresceu e ganhou visibilidade graças ao empenho do Presidente da Escola de Samba mais famosa da cidade, “Os Rouxinóis”, ao trazer personalidades cariocas para os desfiles, ampliar a divulgação da festa fora dos limites do município e por poder contar com o apoio do Poder Público Municipal e da Liga das Escolas de Samba, evitando que o Carnaval acabasse. A ideia foi ampliar em inovações, para atrair público de todos os lugares do país, bem como do Uruguai e da Argentina.

Essas mesmas iniciativas em fazer crescer o Carnaval de Cruz Alta, podem ser percebidas nas falas das entrevistas desta pesquisa, pois a LESCA, juntamente com o Poder Público Municipal e as escolas de samba unem esforços para que os desfiles aconteçam, através da divulgação do Evento Carnaval, da participação da LESCA e das agremiações nos carnavais da região, com a própria cidade de Uruguaiana, seu modelo de festa.

Quanto aos registros quantitativos de empregos formais e informais gerados pelo Carnaval anualmente e qual a remuneração paga aos profissionais, segundo os entrevistados, “não existem registros oficiais em relação a esses dados, ainda se quer alcançar isso, através de uma parceria com a Universidade de Cruz Alta, onde se possa mensurar as questões de geração de emprego e receita para o município” (Entrevistado 23 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo, 2019).

O Entrevistado 22 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019) acredita que existem contratos por tempo determinado, informais, e cita alguns exemplos como os puxadores de samba, os mestres-salas e porta-bandeiras, os músicos, os serralheiros e as

costureiras. Quanto aos valores, afirma não ter noção de valores pagos a esses profissionais, devendo variar com as atividades que eles realizam.

Da mesma forma, o Entrevistado 9 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2019), Acrescenta que não há empregos formais porque a escola possui colaboradores o ano inteiro. Conta em média com 25 (vinte e cinco) pessoas, sendo que algumas fazem parte da diretoria. Já os informais, a escola contrata pessoas de Porto Alegre e Cruz Alta, como soldadores, serralheiros, artistas plásticos, costureiras e bordadeiras. Tudo é conforme a temática escolhida pela escola e os valores pagos aos profissionais variam bastante. A escola tenta economizar e tudo que é possível, pelo conhecimento, os próprios membros da escola produzem.

Sobre os profissionais que trabalham no Carnaval, como um artista que trabalha na produção de fantasias e alegorias, Reis (2006) afirma que o artista não necessariamente responde de modo racional às decisões comuns, começando pela relação que estabelece entre satisfação monetária e satisfações não-monetárias, pois é comum abdicar de um trabalho mais bem remunerado, até mesmo ligado à criação, para dedicar-se ao que de fato lhe oferece um prazer criativo. O preço a ser pago por isso é muitas vezes o de exercer uma atividade complementar, quer ligada ao mundo cultural, quer completamente desvinculada dessa esfera.

A criatividade é assim complementada pela atuação profissional variada, requisito fundamental para driblar contratos de curto prazo, horários fragmentados e salários nem sempre à altura do desejável. Ainda quando se analisam os dados do setor formalmente entendido como cultural (edição, música, audiovisual, artes plásticas e performáticas, mídia e entretenimento etc.), é preciso considerar uma tripla ressalva. (REIS, 2006, p. 85).

Diniz (2008) afirma que o anúncio da primeira ornamentação oficial do Carnaval de Rua do Rio de Janeiro, bem diferente dos enfeites organizados desde meados do século XIX, seria paga e aprovada pela prefeitura da cidade, do mesmo modo que o poder público municipal de Cruz Alta participa da organização do seu festejo popular.

Porém, diferentemente do Carnaval de Cruz Alta, pelo formato e pelas próprias características de grande centro, o Carnaval do Rio de Janeiro constitui importante gerador de empregos diretos e indiretos, sendo que o Carnaval desempenha um papel muito relevante para a economia do Estado do Rio de Janeiro, movimentando cerca de 250 milhões de dólares por ano e gerando cerca 400 mil empregos só o com os desfiles do Grupo Especial, conforme (ARAUJO, 2012).

Quanto à escolaridade média dos agentes (trabalhadores) formais e informais das escolas de samba do município, bem como dos integrantes de cada escola, as respostas dos participantes da Secretaria de Cultura e Turismo foram unânimes, considerando que esta Secretaria não possui essas informações, pois isso seria de competência das agremiações. Da mesma forma, o número de crianças, jovens, adultos e idosos que desfilam anualmente nas escolas de samba do município.

Em relação à existência de treinamento ou capacitação para esses agentes que trabalham na elaboração dos elementos do Carnaval, as respostas dos participantes da pesquisa foram unânimes ao informar que tanto as agremiações quanto à Secretaria Municipal de Cultura e Turismo não realizam tais atividades, pois os trabalhadores contratados durante o Carnaval constituem mão-de-obra especializada, sendo que algumas escolas realizam apenas reuniões e seminários sobre o Carnaval com seus integrantes.

Conforme o Entrevistado 4 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2019) a Comissão do Carnaval realiza reuniões para verificar os erros dos carnavais anteriores e corrigi-los para o próximo desfile da escola. A escola tem um componente responsável pelos adereços, o qual realiza reuniões com os componentes para confeccionar e organizar os adereços a serem usados nos desfiles. Já o Entrevistado 12 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2019) relata que a agremiação a qual pertence tem feito a capacitação com alguns de seus membros e cita o seminário de Carnaval, onde um palestrante fala sobre os quesitos avaliados na avenida. O objetivo é aperfeiçoar e corrigir erros dos carnavais anteriores, acrescenta.

Sobre o valor do recurso que cada escola recebe como incentivo à cultura do município e se necessita de projeto para tal, alguns dos participantes da pesquisa têm a informação de que se trata de R\$ 75.000,00 (setenta e cinco mil reais) para cada agremiação. Não há necessidade de cada escola fazer um projeto, porém é apresentado um plano de trabalho para a LESCA, onde cada agremiação faz uma estimativa de gastos e posteriormente, presta contas à Liga, através de notas fiscais.

Conforme relato do Entrevistado 20 – Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019) o fomento que o município oferece para subsidiar o desenvolvimento do projeto Carnaval é de R\$ 350.000,00 (trezentos e cinquenta mil reais), sendo que esse recurso é exclusivo para que as escolas garantam pelo menos 40% do seu custo final. Cabe à Liga das Escolas de Samba buscar parceiros na iniciativa privada que possam garantir a parte de

estrutura, segurança, sonorização, limpeza, enfim, tudo que é fundamental para a realização do evento. Do mesmo modo, contribuem os demais entrevistados:

Não sei exatamente, acredito que para o carnaval de 2020 seja R\$ 75.000,00 (setenta e cinco mil reais) o valor do repasse para as escolas. Não precisa ser elaborado um projeto para recebê-lo, há apenas a necessidade de cumprir com os requisitos do Estatuto da Liga das Escolas de Samba. É feito um plano de aplicação pela escola para informar à Liga onde irá gastar os recursos, devendo realizar uma prestação de contas com notas fiscais posteriormente. (Entrevistado 7 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

A Liga recebe R\$ 350.000,00 (trezentos e cinquenta mil reais) para administrar entre as escolas e pagamento de jurados. Isso é feito com entidades de fora do Estado, devido às relações das escolas de Cruz Alta com escolas de fora. Por exemplo, a CETE é uma das associações de julgamento das escolas. (Entrevistado 12 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Conforme o ano e convênio, os valores se modificam. Esse ano é para ser dividido R\$ 350.000,00 (trezentos e cinquenta mil reais) entre as 4 (quatro) escolas. A Liga das Escolas de Samba de Cruz Alta que elabora o projeto. Essa verba é de fomento para o carnaval. Não é direcionada para conta da escola. (Entrevistado 6 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Para o Entrevistado 2 – Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019), o Carnaval é um vetor de desenvolvimento de suma importância para a cidade, através dos investimentos que são feitos em Cruz Alta, seja pelas escolas de samba, pela contratação de prestadores de serviços, mão-de-obra, compra de material para a costura e atelier, parte musical, material para as alegorias, como ferragens e madeiras, como também pela questão do turismo que incrementa a rede hoteleira e alimentação, afirma.

O Entrevistado 20 – Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019) relata que em 2011 foi realizado um estudo por acadêmicos do curso de Economia da Universidade de Cruz Alta, onde foi constatado que cada real investido no Carnaval o retorno era de R\$ 3,00 (três reais) para o erário público, porém não localizamos o referido estudo para verificar as informações contidas. Ressalta ainda o entrevistado que acredita no incremento da economia local a partir da necessidade não apenas das escolas de samba, mas também daqueles que participam do evento.

Gera aquecimento do comércio com a movimentação da rede hoteleira, transporte de aluguel, restaurantes, postos de gasolina, ambulantes. As escolas colaboram nesse aspecto também com a contratação de prestadores de serviço que deve atingir pelo menos uns 150 (cento e cinquenta) empregos temporários. Além do aumento da população durante o desenvolvimento do projeto Carnaval, atingindo mais de 7000 (sete mil) pessoas que visitam

Cruz Alta de novembro a março, culminando nos desfiles. Outras contribuições apontam que existe incremento econômico no município no período do Carnaval:

Economicamente, o carnaval movimenta o comércio local, tanto que a decoração, o som, os artistas que a escola contrata são todos daqui da cidade, sem contar no custo para os desfiles. Compra de madeira, ferro, pagamento de artistas, costureiras, hotéis, restaurantes. Anualmente, quinze pessoas vêm de Porto Alegre pra desfilar na Unidos da São José e chegam mais ou menos três dias antes dos desfiles e são hospedados na cidade. Mais quarenta pessoas vem de Porto Alegre para desfilar, sendo que quinze são parte da coordenação, oito da harmonia e aí temos Mestres-salas e porta-bandeiras que são dois, porta-estandartes, que também são dois e a comissão de frente para 2019 e foram doze pessoas. Essas mesmas pessoas acompanham a escola faz seis anos. O total de gasto é em torno de dezoito mil reais. Há uma parceria e já trouxeram ala de passistas de graça pra escola. O samba-enredo é criado por essas pessoas também. O Presidente manda a Sinopse da temática e essas pessoas criam o samba. Depois, a escola só altera caso precise de ajustes. (Entrevistado 9 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Sim. Eu acho que na questão econômica para cidade, hotéis, comércio sim, pois vem muitas pessoas de fora. Mas acho um pouco fora da realidade os preços do sambódromo para assistir aos desfiles, principalmente das arquibancadas, pois é festa popular e os de classe baixa, muitos não conseguem ir pelo valor da venda e muitas arquibancadas ficam vazias, por ser muito caro. [...] O valor das comidas e bebidas é um absurdo, pois a classe baixa sempre tem filhos e toda a criança vai querer fazer um lanche e beber algo e isso encarece para eles que acabam não indo [...]. (Entrevistado 11 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Segundo o Entrevistado 12 – Segmento Integrantes Escolas de Samba (2019), o Carnaval colabora, sem dúvida, com a cidade, um exemplo, a hotelaria que lota no período do Carnaval, o transporte como táxis, Garupa e transportes coletivos (ônibus) também tem aumento de passageiros. Da mesma forma, alimentação e combustíveis, tudo isso revertendo em recursos para o município.

Ressalta que própria Associação Comercial da cidade deveria investir, incentivando ações que promovessem o Carnaval, pois isso movimentaria o comércio local ainda mais, com a divulgação dos hotéis, restaurantes e lojas durante o Carnaval. Ainda há certo preconceito por parte da Associação Comercial e Industrial de Cruz Alta (ACI) em incentivar o Carnaval. Isso traria crescimento para o município, pois o valor investido no Carnaval, com certeza, retorna para o município, ainda segundo o entrevistado. Além disso,

O comércio local não tem interesse em investir em produtos, matéria-prima para o carnaval e o que se tem é muito mais caro, os bancos investem em outros eventos, mas não no carnaval. A cidade, por questão cultural, discrimina o pobre, o preto e o puto. Isso é o preconceito dos três “pes”. Empresas não tem interesse em investir no carnaval, na lei de incentivo à cultura por preconceito e por não querer abrir suas contas, pois muito se deduz em impostos que seriam revertidos para a cultura. (Entrevistado 12 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba).

Diferentemente do que ocorre em Cruz Alta, no Carnaval carioca, Araujo (2012) afirma que o mercado de produtos para o Carnaval é promissor, uma vez que durante todo ano os barracões estão em atividades na preparação dos protótipos. Esse mercado sofre um período de entressafra somente nos três primeiros meses que precedem o Carnaval, porém o ramo de atividades materiais utilizados é bem diversificado e conta com uma série de produtos oriundos da madeira, metalurgia, têxtil, química, papel, mineral, entre outros.

Sobre o Carnaval de Cruz Alta, os participantes da pesquisa que integram a Secretaria de Cultura e Turismo de Cruz Alta acreditam que o Carnaval do município tornou-se um polo carnavalesco, devido ao seu Carnaval, fora de época, mobilizar as escolas que não deixam o festejo acabar, ao contrário, trabalham e investem para que o Carnaval de Cruz Alta evolua para ser cada vez melhor, mesmo com a escassez de recursos financeiros e de matéria-prima no comércio local. A integração do município com os municípios da região, do Estado, do Brasil e de fora do país eleva o nome da cidade e populariza ainda mais o Carnaval.

Na percepção dos participantes da pesquisa, Integrantes das Escolas de Samba e da Comunidade, Cruz Alta se tornou um polo carnavalesco porque a comunidade gosta do Carnaval e se empenha pelo espetáculo dos desfiles. Além disso, “é a própria história do Carnaval que foi se construindo. Na região, não há um Carnaval como o de Cruz Alta.” (Entrevistado 9 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba).

Quando se pergunta se a Diretoria da escola socializa suas informações econômicas com todos os seus integrantes e de que forma, há uma unanimidade nas respostas dos participantes da pesquisa que integram as escolas de samba de Cruz Alta, todas as agremiações socializam com seus componentes as informações relacionadas com o seu financeiro, havendo prestações de contas, mural de transparência e planejamento, Assembleias Gerais e Conselho Fiscal.

Sim. Existem Comissões distintas que organizam os eventos da escola e a Diretoria Executiva composta pelo Presidente, Vice-Presidente, Secretário e dois (2) Tesoureiros. A Diretoria realiza prestação de contas das arrecadações por evento e ao que serão destinadas. (Entrevistado 4 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

A diretoria leva as informações para as Comissões da escola sobre tudo o que acontece na escola. A diretoria faz a transparência dos recursos e como serão aplicados, pois cada evento tem uma destinação. Por exemplo, evento da bateria, o recurso será para atender as necessidades próprias da bateria da escola. (Entrevistado 7 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Considerando a dinâmica econômica ao longo de um ano, os tipos de atividades, compras, e vendas (produtos e serviços), produção/preparação, gastos e receitas obtidas,

contratações temporárias, os participantes da pesquisa informaram que as escolas não obtém lucro para o Carnaval do ano seguinte, pois o recurso vindo através do fomento entre poder público municipal e agremiações é insuficiente para cobrir as despesas do Carnaval.

A escola não tem lucro para o ano seguinte. Geralmente, fica com dívidas de um ano para o outro, considerando que os gastos são superiores às arrecadações dos eventos e repasse público. Esse ano foi uma exceção, pois três eventos realizados tiveram boas arrecadações para custeio do carnaval de 2020. (Entrevistado 1 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

No Rio de Janeiro, desde 1996, os enredos vêm assumindo formatos de Projetos Culturais, sendo elaborados por especialistas, que buscam enquadramentos, nas leis de incentivos culturais e deduzindo do imposto de renda. Os novos Captadores de Recursos perceberam que havia um mercado em ascensão na economia do Carnaval, na área do *show business*, proporcionando retorno, de marketing e mídia aos investidores. São os enredos orientados e, conforme alguns diretores das escolas de samba é a única saída para a cobertura financeira de carnavais com custos cada vez mais elevados. Alguns sambistas tradicionais afirmam que o patrocínio fere a autenticidade e liberdade de escolha dos enredos. Porém, se esquecem que a era em que vivem os desfiles das escolas de samba, o *show business* exige cifras milionárias nos seus preparativos, pois um desfile competitivo pode custar em torno de 4 milhões de reais ou mais (ARAÚJO, 2012).

Ferreira (2004) afirma que por volta de 1830 já havia comercializações no Carnaval carioca, visando lucros, mas também salienta que o ano de 1929 constituiu um marco para a festa carnavalesca carioca, pois foi a primeira vez em que o Poder Público agia concretamente para tomar as rédeas da organização da folia. O mais importante, nesse momento, é compreender todas essas modificações que estava passando a festa carioca, sendo que não eram produtos de simples decisões ou determinações deste ou daquele grupo social ou político. As transformações da folia eram o reflexo de uma mudança de comportamento nacional em relação à visão que se procurava elaborar para o país.

Em Cruz Alta, relataram os participantes da pesquisa que sempre restam dívidas para o próximo Carnaval, pois há um gasto elevado para aquisição e/ou aluguel das fantasias e alegorias pela luxuosidade que demanda o nível dos desfiles. Os eventos que as escolas realizam durante o ano inteiro são fundamentais na arrecadação de recursos financeiros que possibilitem saldar essas dívidas no ano seguinte. É através do empenho de todos os integrantes que as agremiações conseguem se manter. Conforme corroboram os entrevistados:

Não há lucro para o ano seguinte, ao contrário, ficam dívidas para o ano seguinte, pois o recurso do poder público é pouco em relação aos gastos que a escola tem anualmente. Apesar da escola usar muito material reciclável nos carros alegóricos para os desfiles, o custo do carnaval é alto (Entrevistado 3 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Os eventos realizados são importantes para custear despesas. O carnaval de 2019 custou R\$ 148.000,00 (cento e quarenta e oito mil reais), sendo que o recurso recebido do poder público foi de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais), o restante é custeado pelos eventos e pelos componentes da escola (Entrevistado 4 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Lucro não, mas há materiais de um carnaval que podem ser vendidos. Por exemplo, em 2019, havia uma dívida de R\$ 7.000,00 (sete mil reais) do Carnaval de 2018, que com a venda das fantasias de 2019, por R\$ 15.000,00 (quinze mil reais), será quitada. Mas normalmente, sempre falta dinheiro, pois o custo do desfile para ganhar o carnaval é muito alto, pelo nível que se criou (Entrevistado 9 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Conforme o Entrevistado 12 – Segmento Integrantes Escolas de Samba (2019), as escolas trabalham com uma meta de não ficar com dívidas ou ficar com o que chamam de uma dívida saudável, ou seja, aquela possível de ser quitada até o Carnaval do ano seguinte. A Liga das Escolas de Samba (LESCA), juntamente com as agremiações, prioriza o pagamento das dívidas e a união de todas, o que fortalece o evento Carnaval.

Em se tratando das compras para as alegorias, demais insumos e serviços para o Carnaval e como são adquiridos, os participantes da pesquisa informaram que as fantasias chegam prontas em Cruz Alta, necessitando apenas higienização e ajustes para o uso, no caso de necessidade de confecção, algumas agremiações compram no comércio local os materiais, já outras informaram que são adquiridos de fora de Cruz Alta, pois acreditam que o município não tem interesse em investir no Carnaval e há pouca variedade de produtos, além dos preços mais elevados.

Os materiais para confecção de fantasias (que necessitem ser confeccionadas) e alegorias são adquiridos de Porto Alegre por questão de preço e disponibilidade de materiais diversos que Cruz Alta não tem a oferecer, mas a maior parte das fantasias vem prontas de Uruguaiana, alugadas pela Imperatriz e posteriormente devolvidas. (Entrevistado 1 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Segundo o Entrevistado 7 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2019), o material necessário é adquirido onde os preços forem mais em conta, mas a escola também compra no comércio local para valorizar Cruz Alta, pois nem todas as fantasias vindas contemplam a temática da escola e algumas precisam ser produzidas aqui. Além disso, muitos ajustes são

necessários para as fantasias que vem de fora e para os carros alegóricos que são feitos e montados no Parque Integrado de Exposições do município.

O Entrevistado 5 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2019) ressalta que para os carros e suas alegorias, matérias-primas como tecidos, ferragens, colas, tintas, arames e madeiras são comprados no comércio de Cruz Alta e que a gestão da Escola de Samba faz um trabalho no sentido da geração de empregos e recursos para a cidade e incentivando o crescimento local. Além do uso da rede hoteleira, pois quem a escola traz de fora para seus desfiles, utiliza hotéis, trazendo recursos para a cidade.

Conforme relato do Entrevistado 12 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2019) o que a agremiação consegue comprar no comércio local é madeira e ferro para os carros alegóricos, o restante, que é a parte plástica, adquire do Rio de Janeiro e São Paulo. Acrescenta ainda que grande parte das alegorias acaba vindo pronta, pois tecidos e aplicações se tornam muito cara a aquisição em Cruz Alta.

Sobre o espaço para a organização dos elementos e valores aproximados, se alugados, A Gaviões da Ferrô tem espaço cedido para sua sede, já a Imperatriz da Zona Norte que tem como sede as dependências do Clube Missioneiro, porém possui gastos com taxas de manutenção sempre que necessita utilizar o Clube. A Unidos do Beco aluga o antigo Cine Rio para sede e um barracão próximo ao Parque Integrado de Exposições para guardar seus elementos. A Unidos de São José tem sede em um terreno cedido à sua Fundadora pelo Poder Público Municipal. Conforme corroboram as agremiações:

A sede (Clube Missioneiro) é usada para a organização dos elementos, como as fantasias. E os carros são montados no parque de exposições de Cruz Alta, os pavilhões são cedidos pela prefeitura para as escolas. Para o dia do desfile é alugado o espaço da Etnia Alemã, junto ao parque de exposições, onde são guardadas as fantasias trazidas do carnaval de Uruguaiana para ajustes, acabamentos e desfile. É alugado desde julho de cada ano por um valor de R\$ 100,00 (cem reais) por mês desde 2017. Na noite do desfile são pagos R\$ 800,00 (oitocentos reais) para que seja disponibilizado um freezer com água. A Imperatriz divide o espaço com a escola São José, porém com gastos distintos. (Entrevistado 1 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

É cedido pela prefeitura o Parque de Exposições. A escola aluga um barracão nas proximidades do parque de exposições para guardar os carros após os desfiles, pois quando termina o carnaval as escolas precisam desocupar os pavilhões do parque para outros eventos, como a Fenatrigô. Para não perder seus carros no tempo (deterioração pelas chuvas e pelo sol) a escola optou por locar um espaço para abrigar seus carros. O valor do aluguel é simbólico, R\$ 500,00/mês (quinhentos reais por mês) A escola ainda tem como despesa a locação da quadra (antigo Cine Rio), totalizando R\$ 2.500,00/mês (dois mil e quinhentos reais por mês) com água, luz e IPTU (Imposto Territorial Urbano). (Entrevistado 5 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Sim. A escola possui espaço, é o pavilhão do antigo CERFER que foi cedido pela prefeitura municipal para ser a sede da Gaviões da Ferrô. Já para a construção dos carros e alegorias é cedido são cedidos os pavilhões do parque de exposições e a Ferrô divide seu espaço com a São José. (Entrevistado 3 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Conforme já ressaltado anteriormente, as escolas de samba produzem eventos durante o ano inteiro com o objetivo de arrecadar fundos para a aquisição dos elementos necessários ao Carnaval, sendo que não há uma média de valores arrecadados, pois varia de acordo com o evento e o público participante. Dentre os eventos promovidos pelas agremiações estão risotos, churrascos, bingos, jantares, coroações de soberanas e rainhas, lançamento de samba-enredo, pagodes, baile funk, cafés coloniais, galetos com massas, muambas e diversas festas temáticas, conforme corroboram os entrevistados:

Tem um calendário anual que inicia com o aniversário da Gaviões da Ferrô, em abril. A escola realiza muitos eventos, dentre os quais estão: Homenagem aos destaques do carnaval, Dia das mães: rifa uma cesta de produtos de beleza ou de café da manhã, Mês de junho: Risoto ou galetto com massa ou feijoada com bingo, Agosto: comemora o dia dos pais com um café colonial e jogo de futebol, Setembro: festa da primavera com brechó. É feito um jantar com escolha da rainha da primavera, Outubro: festa de halloween e bingo, Novembro: escolha da corte da escola (infantil, adulto, gay etc.), Dezembro: dia quinze de dezembro (15/12) acontece a festa de Natal das crianças. Em janeiro, a escola realiza a Festa Tropical, onde a comunidade paga seu ingresso e um buffet de frutas é servido. Apenas as bebidas são cobradas. A partir daí, são realizados os “gritos de carnaval”, muambas que acontecem na Rua Dr. Noronha, com a venda de bebidas e lanches a participação de outras escolas com sua bateria e corte. Outro evento da escola é a “Descida da Borges”, onde a escola desde a Rua Borges do Canto com sua bateria até a Oficina dos Abreu, lá há venda de lanches e bebidas e fica o som para a comunidade se divertir. (Entrevistado 3 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Dentre os eventos que a escola realiza estão coroações das soberanas, coroações das rainhas, lançamento de samba-enredo, apresentação de destaques e festas tradicionais da escola como baile funk, confraternização das baterias, churrascos, bingos e risotos. Os valores arrecadados por evento variam conforme o tipo de evento realizado. (Entrevistado 9 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Dentre os eventos que a Unidos do Beco realiza estão bingos, risotos, pagodes, rifas, mais os eventos tradicionais da escola como apresentação do tema, samba-enredo, Corte e as Quintas quentes, que compreendem um ensaio da bateria da harmonia, apresentação da Ala Show com Passistas dançando e os destaques se apresentando. Depois, tem pagode. Os valores arrecadados são muito relativos, pois depende do público que o evento atrai. (Entrevistado 13 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2020).

As pessoas que desfilam no Carnaval também trabalham na produção de seus elementos, porém, pouco há para fazer, pois as fantasias chegam prontas, necessitando apenas de ajustes

e, por vezes, higienização para o uso nos desfiles. Da mesma forma, participam da produção das alegorias para os carros e dos adereços utilizados pelos próprios integrantes da agremiação.

Sim, hoje, muito mais no ajuste e higienização das fantasias que vem de fora e nas alegorias que precisam ser feitas aqui em Cruz Alta. Algumas fantasias são feitas aqui, por exemplo, ala das crianças, Comissão de frente que tem papel fundamental na apresentação do tema da escola. (Entrevistado 12 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Antigamente, parte do valor da bilheteria era para as escolas. Posteriormente, foi feito uma permuta com uma empresa terceirizada que oferece a estrutura do Sambódromo em troca do valor dos ingressos. Essa empresa destina um percentual para uma entidade e esse ano foi o Hospital São Vicente de Paulo, conforme o entrevistado:

O carnaval teria mais visibilidade se tivesse um barracão na vila, teria mais empregos para as pessoas da comunidade o ano inteiro, como costureiras e bordadeiras, por exemplo. Se o carnaval fosse acolhido pelo Poder Público, havendo um incentivo maior, logo não seria mais necessário o dinheiro público e muitos empregos para a população surgiriam. Antigamente, o comércio local oferecia o que precisava para o carnaval. Hoje, tudo vem de fora e isso significa que o recurso investido vai embora. O problema da cidade hoje é emprego e o carnaval, neste sentido, poderia ser uma grande fonte de trabalho para a população. (Participante 1 – Segmento: Comunidade, 2019).

Ferreira (2004) aponta que a busca pelos lucros com a festa carnavalesca não é nenhuma novidade, pois desde a década de 1830 o comércio se aproveitava do interesse dos brasileiros para vender ou alugar todo tipo de utilidades carnavalescas, como limões-de-cheiro, fantasias perucas, bisnagas, refeições após os bailes, arcos decorativos, carruagens abertas e serviços de motorista, entre muitos outros exemplos. Refere que o aluguel de espaços privilegiados para se assistir aos préstitos, tão pouco pode ser considerado um fato original, visto que desde os primeiros desfiles das sociedades pelas ruas do Rio de Janeiro, o costume de alugar sacadas ou janelas era algo bastante comum.

Portanto, de acordo com os participantes da pesquisa, o Carnaval constitui uma importante fonte de crescimento e desenvolvimento econômico para o município de Cruz Alta, pois é gerador de trabalho e renda, inclusão social e desenvolvimento para o comércio local, necessitando apenas da adesão do comércio local, através da oferta de matéria-prima diversificada e com preços acessíveis que possibilitem que as agremiações possam adquiri-los dentro do município, ampliando a circulação dos recursos financeiros que atualmente são investidos em materiais vindos de fora, assim como as fantasias e parte das alegorias. Da mesma

forma, que as lojas, bares, hotéis auxiliem na divulgação do Evento Carnaval, pois reverterá em benefício próprio.

Para Reis (2006, p. 80), “os valores cultural e econômico são complementares, não excludentes.” Significa dizer que a cultura pode estar aliada ao desenvolvimento econômico como foi constatado junto aos participantes da pesquisa, pois o Carnaval ao mesmo tempo em que se insere no contexto das atividades culturais do município de Cruz Alta, promovendo a geração de conhecimentos, a inclusão social, a união e a integração das comunidades e o entretenimento, viabiliza a empregabilidade e renda para os agentes trabalhadores.

Do mesmo modo, Tolila (2007) afirma que quanto mais aumentar o desenvolvimento de um país, mais ele integrará as capacidades de inovação na sua realização econômica, mais ele refinará suas produções e suas estratégias, e mais ele redescobrirá o setor cultural como um desafio moderno crucial, vindo de encontro com as ações oriundas do Carnaval no município de Cruz Alta, onde seu processo de inovação alia o econômico, o social e o cultural.

Assim, os participantes da pesquisa consideram que a festa popular representa desenvolvimento tanto econômico, quanto sociocultural, pois a festa não elitiza e não discrimina, é para todas as classes sociais e propicia desenvolvimento em ambas as esferas. Essa discussão será abordada no próximo item.

## **5.2 As contribuições socioculturais do Carnaval para o município de Cruz Alta**

O Carnaval de Cruz Alta por ser uma festa popular que reúne pessoas de vários lugares do país, bem como de fora do Brasil, já se tornou uma forte tradição e tem como características a integração e a união entre as escolas de samba. Ao se questionar os participantes da pesquisa se consideram que o Carnaval contribui social e culturalmente para o município de Cruz Alta, os mesmos foram unânimes em afirmar que o Carnaval socialmente, torna seus participantes iguais, independentemente de cor, raça, classe social, etnia e gênero, além de gerar conhecimentos aos indivíduos.

Para o Entrevistado 20 – Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019), o Carnaval tem a capacidade de equiparar as pessoas das mais diferentes camadas sociais, mostrando a partir da vivência dentro das escolas, que todos são iguais e tem o mesmo valor, sendo essa a maior contribuição social que a folia oferece. Culturalmente, o aprendizado que a reunião das mais diversas vertentes culturais como o teatro, a musicalização, artes plásticas, dança enfim,

tudo que é apresentado pelas escolas durante os desfiles, aprimora o conhecimento dos assistentes tornando-os cidadãos livres de pensamento o que é primordial para a construção de uma sociedade melhor. Sobre a diversidade de conhecimentos, no contexto da ecologia dos saberes, Santos afirma:

[...] são as vias para enfrentar uma das condições de incerteza do nosso tempo: a diversidade infinita da experiência humana e o risco que se corre de, com os limites de conhecimento de cada saber, se desperdiçar experiência, isto é, de se produzir como inexistentes experiências sociais disponíveis (sociologia das ausências) ou de se produzir como impossíveis experiências sociais emergentes (sociologia das emergências). (SANTOS, 2004, p. 549).

Do mesmo modo, o Entrevistado 21 – Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019), afirma que “culturalmente, o festejo possibilita entender outras culturas através dos temas apresentados nos desfiles. Quem assiste é como se estivesse vivendo a história, pois enche os olhos do público e alimenta o coração.” Para o Entrevistado 13 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2020), “o Carnaval traz conhecimento e diversão para o povo e, principalmente cultura, pois se estuda muito para fazer um samba-enredo, sendo realizada uma pesquisa para sua criação.”

Sobre os gêneros musicais carnavalescos Diniz (2008) ressalta que para cada gênero musical existe uma introdução sobre o local em que surgiu, realçando a sua formação cultural e histórica, e os compositores, músicos e intérpretes são personagens de pequenas biografias. Por um motivo claro, os compositores das escolas de samba tiveram sua história de vida entrelaçada a história das agremiações carnavalescas.

Conforme o Entrevistado 23 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019) é importante ressaltar que o Carnaval gera um impacto socioeconômico, quando propicia o desenvolvimento desses setores, social e cultural, principalmente com o acolhimento das comunidades mais carentes, gerando oportunidades, seja de lazer e entretenimento, como espaço de socialização, bem como de geração de trabalho e renda para as famílias. Culturalmente, o Carnaval abre espaços para as artes como um todo, além de propiciar informações, conhecimentos e a formação do sujeito. De acordo com Santos (2010), a ecologia de saberes consiste na diversidade de saberes e vivências existentes na contemporaneidade e, à medida que ocorre o diálogo e a interação sociocultural, os sujeitos acabam ampliando os seus conhecimentos.

Por tanto, para o Entrevistado 23, o social, o cultural e o econômico estão fundamentalmente atrelados à medida que o Carnaval, em sua produção, é gerador de trabalho

e renda, lazer e entretenimento, além de constituir espaço de socialização e integração das comunidades e propiciar conhecimentos. A criação dos enredos, fantasias e alegorias demandam conhecimentos que serão vivenciados pelo público na apresentação de um grande espetáculo. Por tanto:

[...] os próprios sambas-enredo contam histórias. As fantasias e carros alegóricos trazem uma história que requer estudo e isso é conhecimento e cultura. Socialmente, eu acho que o carnaval é uma aglomeração de pessoas com culturas, ideias diferentes, mas com mesmo objetivo que é extravasar e ser feliz durante o carnaval. (Entrevistado 22 – Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo).

A geração de trabalho durante o período do Carnaval, mesmo que informal, reflete economicamente na vida das famílias desses empregados e, automaticamente, no comércio local, pois quem trabalha consome e de alguma forma, essa renda temporária agrega na satisfação das necessidades básicas como saúde, alimentação e educação. Da mesma forma, o Carnaval de Cruz Alta, além do entretenimento e do espetáculo, possibilita que suas escolas realizem um importante trabalho de inclusão social em suas comunidades. Portanto:

O carnaval não é só uma festa. É feito todo um trabalho social, pois a comunidade da Ferrô apresenta núcleos de vulnerabilidade, onde a escola procura dar uma assistência, trazendo-os para o seu contexto para que se sintam incluídos. A Vila Ferroviária está dentro da Ferrô! (Entrevistado 7 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba).

A escola também realiza um trabalho social muito importante para a comunidade, o que pensa em ampliar através de oficinas de cabeleireiros, música (ensinar tocar instrumentos), com o objetivo de gerar renda para as famílias dos participantes e assim, evitar situações de drogadição. (Entrevistado 3 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba)

Ao se questionar se os participantes da pesquisa tem conhecimento de pessoas que vem para Cruz Alta, de outros municípios, Estados e países somente para o Carnaval, houve consonância nas respostas, pois acreditam que muitas pessoas apenas assistam aos desfiles das escolas de samba, devido à grande divulgação da festa carnavalesca e outras, para desfilarem nas escolas, seja individualmente ou através de Alas que nascem de blocos carnavalescos de outros municípios.

O Carnaval de Cruz Alta ganhou novas dimensões e municípios vizinhos se fazem presentes como assistentes, bem como desfilantes. Também conta com a presença de foliões do Uruguai e da Argentina nos seus desfiles, havendo um intercâmbio entre o Brasil e estes países. Quanto aos municípios gaúchos, Tupanciretã, Júlio de Castilhos, Santa Maria, Ibirubá, Sobradinho, Santo Ângelo, Santa Rosa, Passo Fundo, Porto Alegre, Pelotas, Uruguaiana e Não-

Me-Toque. E de fora do Estado, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Amazonas. Conforme corroboram os entrevistados:

A Argentina começou a vir para desfilarmos em 2017 e a Imperatriz foi desfilarmos na Argentina em 2017 também. Hoje, outras escolas também participam desse intercâmbio. Quanto aos municípios, Tupanciretã, Júlio de Castilhos, Santa Maria, Ibirubá, Sobradinho participam do carnaval de Cruz Alta, desfilando na Imperatriz e para o carnaval de 2020 virá um grupo de pessoas da cidade de Espumoso para desfilarmos em algumas alas da escola. Para assistir a Imperatriz, vem gente de toda a região, especialmente de Passo Fundo que lota um ônibus para vir assistir o desfile apenas no dia do desfile da Imperatriz da Zona Norte. (Entrevistado 1 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba).

Sim, sempre! Do Rio Grande do Sul inteiro, Júlio de Castilhos, Tupanciretã, Santa Maria, Porto Alegre, Carazinho Canoas, Novo Hamburgo, Panambi e Ibirubá são algumas destas cidades. De Santa Catarina e de outros países, como a Argentina e Uruguai. A nossa escola é uma mãe de braços abertos! Preocupa-se com o acolhimento, o bem-estar, a recepção e a segurança dos que vem desfilarmos e assistir ao nosso carnaval, há uma parceria com as escolas de fora. (Entrevistado 7 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba).

Sim. Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Uruguai, Parintins. Para a Unidos da São José vem pessoas da Argentina desfilarmos e do Uruguai vem pessoas para desfilarmos em outras escolas. Com o Uruguai, apenas negociamos fantasias. (Entrevistado 9 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba).

Tenho conhecimento sim. Por exemplo, do Rio de Janeiro, esse ano, virão o Mestre-sala e a Porta-bandeiras, bem como os autores do samba-enredo. De Parintins, no Estado do Amazonas, virão profissionais responsáveis por fazerem o movimento das alegorias dos carros no desfile da escola Unidos do Beco. (Entrevistado 12 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba).

Ao se questionar os participantes da pesquisa se a escolha dos sambas-enredo, fantasias e alegorias para os desfiles tem alguma relação com as questões que permeiam a sociedade cruz-altense, ou seja, seu modo de viver economicamente, sua história, a organização das comunidades locais, as políticas públicas existentes no município (saúde, educação, cultura, saneamento básico, entre outras), constatou-se pelas respostas dos mesmos que pode haver relação com as questões locais ou regionais, porém também pode ser uma história real ou fictícia, de outros lugares ou até mesmo lendas ou personagens.

De acordo com Fazenda (2008b), vivemos momentos de transição e de questionamentos, uma época em que nossos saberes e nossos poderes parecem estar desvinculados. Mais do que isso, o saber atual fragmentado dispersou-se pelo planeta, e o centro dessa circunferência que antes era ocupado pelo homem se encontra, agora, vazio. O fantástico desenvolvimento científico e tecnológico que ora vivenciamos também trouxe uma preocupante carência de sabedoria e introspecção. Ciência e tecnologia lançaram-se em uma correria cega

sem prestarem atenção à paisagem e são estas questões que permeiam a sociedade que os carnavalescos buscam expressar na Avenida.

Segundo o Entrevistado 9 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, o último ano em que a Unidos da São José foi campeã fez uma homenagem ao município. Por exemplo, no Carnaval de 2018, o tema foi sobre o Carnaval do Brasil. Já em 2019, a escola aproveitou os materiais usados no ano anterior para produzir o que fosse necessário para Carnaval de 2019, pois tem que ter criatividade para modificar as fantasias e transformá-las.

Afirma ainda que escola compra suas fantasias e para o ano de 2020, um estilista do Rio de Janeiro está desenhando essas fantasias que irão primeiro para Porto Alegre e depois virão para Cruz Alta, onde serão adaptadas. É uma parceria com a Escola Vila Isabel, de Porto Alegre e cada escola paga metade do valor total das fantasias. Depois dos desfiles, as escolas vendem essas fantasias e cinquenta por cento do valor fica para cada uma delas. Ainda não há previsão do valor gasto, mas a escola tem uma estimativa de trinta mil reais que poderá gastar com fantasias. Já os carros, ainda estão sendo desenhados.

Para o Entrevistado 5 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2019), não há necessariamente uma relação, pois afirma que essas escolhas são feitas a partir da definição de três a quatro (3 - 4) temas e então a escola procura os materiais (fantasias e alegorias) prontas, através do contato com as escolas de fora. Ressalta ainda que pela escassez de mão de obra qualificada em Cruz Alta para a produção dos elementos, as escolas buscam os elementos que serão utilizados por outras agremiações de fora, o que justifica o Carnaval de Cruz Alta ser fora de época, pois esperam essas escolas desfilarem. Ainda de acordo com o entrevistado:

Para o carnaval de 2020, virão fantasias e alegorias do Rio de Janeiro das agremiações com as quais há uma parceria. A escola Império de Casa Verde produziu os elementos para seu desfile e estes irão para o Rio de Janeiro posteriormente, somente após o desfile da escola carioca essas fantasias e alegorias virão para o carnaval de Cruz Alta. O total investido na compra das fantasias e alegorias é de sessenta e cinco mil reais, junto com o valor do transporte. O total de gastos com o carnaval situa-se em torno de R\$150.000,00 – 180.000,00 (cento e cinquenta a cento e oitenta mil reais). A escola sempre compra suas fantasias e alegorias e vende após os desfiles. Os elementos utilizados no carnaval de 2019 serão alugados para uma escola de samba da cidade de Passo Fundo por uma média de R\$15.000,00 (quinze mil reais) e, posteriormente, serão vendidos para uma escola de samba da cidade de Guaíba pelo valor de R\$30.000,00 (trinta mil reais). (Entrevistado 5 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba).

O carnaval de Cruz Alta vem evoluindo em criatividade e luxuosidade, pois o seu caráter competitivo exige que as agremiações busquem nos carnavais dos grandes centros toda beleza das fantasias e alegorias, podendo haver relação com as questões locais ou regionais, porém também pode ser uma história real ou fictícia, de lugares distantes ou personagens e lendas. “Já teve sim, homenagens a comunidades locais. A

Ferrô, por exemplo, homenageou a Vila Ferroviária e sua comunidade em um dos seus desfiles, mas isso não é um critério.” (Entrevistado 22 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo).

O Entrevistado 20 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019), afirma que não percebe relação dos temas-enredo com questões locais, pois com a modernização da forma de fazer Carnaval obedecendo a lógica do reaproveitamento de material, temos fantasias que quando chegam a Cruz Alta já estão cumprindo sua 3ª ou 4ª função, portanto é muito relativo a adequação desse material obedecer questões locais e pontuais, a menos que haja coincidências. Para o Entrevistado 23 da pesquisa:

A maioria não. Porque o enredo é definido a partir da história que pode ser real ou fictícia, então, algumas escolas optam por desenvolver temas locais ou regionais que mostram nossa realidade. Outras preferem apresentar temas que mostram contextos de outros lugares, lendas, estórias ou personagens. (Entrevistado 23 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo).

Já o entrevistado 7 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2019) afirma que cada vez que a agremiação escolhe um tema, procura fazer um link ou uma relação com a sociedade, inclusive a de Cruz Alta. Para o Carnaval de 2020, o tema escolhido pela escola que representa fará uma relação muito forte com a cultura universal, (histórica e universal) desde a criação da humanidade. Araujo conceitua enredo como sendo:

O Enredo é um gênero novo com linguagem própria, que inventou suas próprias regras e normas. No princípio os temas versavam sobre a história do Brasil. Hoje se diversificam em lendas, folclores, costumes e literaturas em geral. O encarecimento dos desfiles levou ao enredo patrocinado, os temas de acordo com os fornecedores das verbas. Samba-Enredo é a trilha sonora do enredo, a ilustração poético-melódica do tema que a Escola desenvolve durante o desfile. O Samba-Enredo deve possuir a necessária harmonia musical que propicia o canto e a evolução sem esforço dos componentes, facilitando a manutenção da cadência da bateria e possuir melodia com tonalidade adequada para as vozes femininas e masculinas e conseqüente afinação, cujo efeito terá de sobressair-se na massa desfilante. Deve possuir harmonia e as necessárias pausas para permitir um desfile sem cansar os “desfilantes”. O Samba-Enredo possui estilo característico, versejar próprio, e exatamente porque não pode ser julgado como peça erudita, mas como expressão de linguagem popular não lhe deve ser exigidos esquemas rígidos de métrica e rima. O Samba-Enredo pode ser descritivo ou interpretativo. O Samba-Enredo só completa seu ciclo evolutivo na avenida, ou seja, ele pode ser bom na quadra, e no CD, mas não acontecer na avenida. No Quesito Samba-Enredo o Julgador irá avaliar dois sub-quesitos: a Letra e a Melodia (ARAUJO, 2012, p. 77).

Diferentemente ocorria nos carnavais do tempo da ditadura militar de 1964 - 1985, onde segundo Santos (2014), no âmbito cultural, aquelas festas apresentaram duas características gerais: a primeira foi a criação de uma identidade nacional; e a segunda foi a construção, ou a consolidação da imagem de um país onde a cidadania, democracia, alegria e as festas populares, assim como o Carnaval, fossem inerentes a sociedade brasileira. Atualmente, as escolas de

samba têm a prerrogativa de poder apresentar na Avenida a temática que assim desejarem, inclusive críticas a questões sociais governamentais.

De acordo com Santos (2014) no Carnaval de Recife, ao longo da década de 70, as regras da Secretaria de Segurança Pública para o Carnaval poucas mudanças ocorreram e quando houve mudanças foram para criar mais proibições, como no caso do curso e das travestis, parecia haver um temor de que os perigos de subversão da ordem fossem colocados em risco, assim a Delegacia de Costumes era um dos principais órgãos responsável por coibir a livre circulação das travestis no Carnaval. Atualmente, o Carnaval de Cruz Alta inclui no seu evento o concurso da Rainha Gay, com grande participação do município e da região, com belas fantasias e muito samba no pé para mostrar ao público que aplaude euforicamente, desmistificando qualquer tipo de preconceito.

Considerando-se as falas dos participantes da pesquisa, torna-se evidente que as Escolas de Samba têm total liberdade para criar, começando pelo tema que origina o enredo, do qual surgem os elementos, fantasia e alegorias, que irão contar uma história representada pelos integrantes das alas e que poderá ou não ter relação com questões que permeiam a sociedade de Cruz Alta. Santos (2007) afirma que a diversidade do mundo é inesgotável, por tanto, há uma série de possibilidades para a produção da festa popular.

Para Bourdieu (2004), a autonomia dos campos de produção cultural varia consideravelmente não só de acordo com as épocas de uma mesma sociedade, mas também de acordo com as sociedades. No entanto, com o novo formato que o Carnaval de Cruz Alta traz atualmente, observa-se que, mesmo havendo inicialmente autonomia para a escolha por um tema, este tem de estar alinhado com a temática da agremiação da qual irá comprar ou alugar fantasias e alegorias, pois é necessário que os elementos possam ser adaptados (com poucas alterações, quando necessário), pois além do curto espaço de tempo para ajustes, deve existir harmonia entre as alas e o enredo.

Ao perguntar aos entrevistados se há uma integração entre as culturas dos municípios vizinhos, considerando que o Carnaval de Cruz Alta é bastante conhecido na região, os mesmos informaram que há uma relação de reciprocidade entre as escolas de Cruz Alta com as escolas de fora e isso pode ser visto quando uma visita e prestigia eventos ou desfila no município da outra, quando fazem parcerias para compra ou aluguel de fantasias e alegorias e até mesmo quando cedem componentes ou baterias para desfiles de outras agremiações. Cruz Alta tornou-

se um polo carnavalesco do Estado, com ampla divulgação das festividades de Momo, que faz com que haja participação até mesmo Internacional em seus desfiles e eventos e vice-versa.

De acordo com o Entrevistado 20 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo, Cruz Alta consolidou-se já há alguns anos como polo carnavalesco do estado e essa realidade é percebida a partir da participação da região na vida orgânica das escolas que contam com delegações vindas dos mais diversos lugares do estado do RS, do Brasil e também do Mercosul.

O Entrevistado 21 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019) afirma que inclusive as comissões dos carnavais e da LESCA visitam os carnavais de outras cidades e nas cidades que não tem Carnaval de Rua, como Ijuí, Tupanciretã e Júlio de Castilhos sempre convidam as baterias e as alas para abertura dos carnavais. Estes também participam do nosso Carnaval.

Para o Entrevistado 13 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2020), apesar de Cruz Alta ser um município com predomínio agropecuário, os outros municípios da região vêm para assistir e desfilar no seu Carnaval. Por exemplo, de Ijuí virá uma ala com uma média de trinta componentes para o Carnaval de 2020. Esse bloco leva o samba-enredo da escola, ensaia a coreografia e vem para desfilar pela Unidos do Beco.

O Entrevistado 2 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2019) recorda que em um Carnaval “a Imperatriz fez abertura do carnaval de Ijuí com uma apresentação na praça, pois lá só existem blocos de carnaval.” Do mesmo modo, o Entrevistado 9 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2019) acrescenta que “algumas cidades mandam componentes para desfilar na Unidos da São José e a mesma ajuda outras escolas, emprestando fantasias”.

Refere o (Entrevistado 23 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019) que sua resposta é sim, e não. Sim, porque o Carnaval tem um processo de divulgação em que as cidades da região, do Estado, de fora deste e do país são convidadas a participar do nosso Carnaval. As redes sociais, também possibilitam essa integração com a vinda de pessoas de fora, tanto para compor como para assistir aos desfiles. E não porque, muitas vezes, algumas cidades de nossa região não têm a tradição de cultivar o Carnaval, havendo uma certa dificuldade de integração.

Sobre essa integração entre agremiações de diferentes localidades e seus componentes participando ativamente dos festejos de outras, Duarte (2016) aponta que a centralidade do Carnaval nesse contexto, se traduz na intensidade das possibilidades de deslocamento e de

trocas entre os locais que constituem a interculturalidade (ou diversidade cultural), do fenômeno carnavalesco das escolas de samba nos Pampas.

Isso não é diferente no Carnaval de Cruz Alta, pois apesar da proximidade dos municípios, os hábitos culturais são distintos, havendo uma importante e rica troca de conhecimentos. Cruz Alta adotou o modelo do festejo popular de Uruguaiana, segundo os entrevistados 1, 9, 16 e 23, havendo uma espécie de intercâmbio cultural com a própria cidade de Uruguaiana quando as escolas de samba de Cruz Alta participam dos eventos de Uruguaiana e até mesmo pela comercialização de fantasias e alegorias. Do mesmo modo, ocorre entre Cruz Alta e outros municípios do Estado e do exterior.

Outro fato importante a se discutir é como o Carnaval se desenvolveu no Estado, considerando a figura do gaúcho, aquela do homem baseado na exaltação do estilo de vida do campo e com centro produtor simbólico baseado na vida agropastoril. Para Duarte (2016), é curioso entender como se desenvolveu nos Pampas, a prática do samba e a importância do Carnaval das escolas de samba na sua relação com o gauchismo. Pois, tanto na região de Uruguaiana, como na região de Cruz Alta, historicamente, o fato está relacionado com as disputas territoriais frequentes entre a Coroa espanhola e a Coroa portuguesa entre os séculos XVI e XIX, ou seja, do processo de Colonização. Segundo Duarte:

Era a brincadeira do entrudo que fazia sucesso nos carnavais do período colonial e do Império, os jogos de sujeira herdados dos portugueses que trouxeram o costume do velho continente para as ruas brasileiras. Na virada do século XIX para o XX, foram os préstimos carnavalescos oferecidos pelas grandes sociedades de Uruguaiana que disputavam a preferência da sociedade. O público assistia nas ruas o desfile de luxo de carros alegóricos que trazia o garbo e a elegância das elites locais (DUARTE, 2016, p. 33).

Mas foi na década de 1950 que uma grande novidade surgiu na cidade causando grande furor, fazendo com que os blocos de Carnaval se reagrupassem no intuito de se adaptar à nova forma artística, a batucada do samba carioca trazida pelos militares da Marinha que chegavam para guarnecer a fronteira. Fuzileiros navais destacados do centro do país chegaram à fronteira sul do Brasil, anos após a Segunda Guerra Mundial. (DUARTE, 2016).

Duarte (2016) ressalta que para os historiadores, assim como para os sambistas mais antigos da cidade de Uruguaiana, foram os militares que trouxeram da capital do país na época o ritmo envolvente, os desconhecidos instrumentos de percussão, a forma de tocar e as músicas mais populares do carioca que fizeram sucesso no Carnaval de Uruguaiana.

Formavam grupos de algumas poucas dezenas de percussionistas e um porta-bandeira masculino (com movimentos diferentes das porta-bandeiras de hoje) que vinha em frente do contingente realizando manobras com o símbolo máximo da agremiação ao

ritmo do samba. Assim nasceram os primeiros grupos que se auto denominavam *Escolas de Samba*, em alusão à mesma forma artística de carnaval que havia surgido na capital da República por volta dos anos 1930 (Duarte, 2016, p. 34).

Segundo Ferreira (2004), modelo para Uruguaiana e Cruz Alta, o grande sucesso das escolas de samba cariocas faria com que seu formato de apresentação fosse copiado por diversas festas carnavalescas no Brasil e no mundo e sua forma de organização servisse de modelo a ser seguido. A difusão do formato das escolas de samba cariocas pelo Brasil se daria a partir de meados da década de 1940, e grupos de todo o Brasil começaram a se organizar como escolas de samba, dentre as quais a Bambas da Orgia e a Imperadores do Samba em Porto Alegre, Novo Império, em Vitória, X9 em Santos, Garotos do Céu no Recife ou Nenê de Vila Matilde, em São Paulo. Porém:

[...] será a partir da década de 1960, que a difusão do Carnaval ao estilo da “Capital do Samba” tomaria de roldão quase todas as cidades importantes do país. Entretanto, apesar de buscarem reproduzir seus Estados, as normas e formas das escolas cariocas, esses novos grupos carnavalescos espalhados pelo Brasil acabariam por desenvolver uma maneira própria de se apresentar, preservando certas “tradições cariocas” e subvertendo outras tantas de acordo com os diferentes processos culturais de cada região. Um bom exemplo disso é a figura da porta-estandarte nas escolas de samba de Porto Alegre (FERREIRA, 2004, p. 373)

Ao questionar aos entrevistados se percebem alguma distinção entre classes sociais, religiões ou culturas durante o Carnaval, a maioria respondeu que durante os desfiles não há diferenciação, pois existe um objetivo maior, que é a vitória e seu alcance depende da união, esforço e comprometimento de todos. “Chega um componente de carrão, enquanto o outro, de uma mesma ala, chega com uma roupa simples e a pé, mas todos vestem a mesma fantasia e todo mundo é igual, unidos pelo amor à escola.” (Entrevistado 8 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

O Entrevistado 12 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2019), revela que no contexto final, não se tem distinção, pois em todas as atividades feitas no Carnaval, cada um tem o seu papel, mas que se percebe questões diferentes da questão financeira (poder aquisitivo), porém, isso não influencia no objetivo final que é o desfile das escolas. Salienta que, obviamente, a questão financeira interfere na questão do que pode ser proporcionado para a escola pelos seus componentes. Cita as escolas Unidos do Beco e Unidos da São José como as agremiações que mais concentram componentes com melhor poder aquisitivo e exemplifica a família Plentz que ajudou muito no crescimento de uma das escolas, pois o Carnaval sobrevive também de doações de muita gente da sociedade.

Duarte (2011) refere que no mundo carnavalesco, a ordem social é regida pela devoção à escola de samba e seus símbolos e a prática de seu grupo diretivo no poder desde as primeiras reuniões do Presidente, nos primeiros meses após o Carnaval, quando já se trabalha na definição do enredo, no desenvolvimento dos desenhos protótipos, trabalhos em ferro, carpintaria, composição do samba, procura por patrocinadores e apoiadores e procura por adesão de integrantes. Acrescenta ainda:

É um grande esforço se pensando no desfile ideal em que se espera alargar a capacidade de mobilização de indivíduos e a realização de desfiles monumentais - Cerimônias cada vez mais esplêndidas - num jogo de prestígio e devoção da instituição em relação às outras competidoras. Os carnavalescos sabem que o desfile é resultado deste intrincado jogo de relações de produções materiais e simbólicas (DUARTE, 2011, p. 64).

O Entrevistado 23 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019) afirma que “o carnaval é uma festa muito democrática, logo não se consegue perceber distinções, pois é um espaço comum a todos, onde questões políticas, religiosas, de classes ou raças são deixadas de lado, havendo uma integração onde todo mundo é igual”. A única distinção que se tem é quanto ao uso do recurso público, pois parte da sociedade cruz-altense considera desperdício o investimento no Carnaval e que deveria ser investido em outras áreas como educação e saúde. Porém, tal recurso é de fomento à cultura, devendo ser aplicados em atividades culturais como o Carnaval, reforça o entrevistado. Conforme corrobora o entrevistado 13:

Dentro da escola, somos todos iguais! Mas tem uma parcela da sociedade que é contra o uso do dinheiro público no carnaval, sendo que é apenas uma parte dos custos do carnaval que é mantida com esse recurso, em torno de R\$ 70.000,00 setenta mil reais. O restante dos gastos da Escola é custeado através de eventos como promoções, jantares e rifas que a escola realiza. A escola trabalha o ano inteiro para colocar o espetáculo na avenida! (Entrevistado 13 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2020).

Conforme o Entrevistado 3 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2019), também acredita que não existe distinção entre as pessoas ou classes sociais durante o Carnaval, a única reclamação que se tem é que o Carnaval de Cruz Alta é fora de época, considerando que as escolas alugam as fantasias de outras escolas de fora que desfilam antes, como é o caso de Uruguaiana. Da mesma forma, há um preconceito vindo de parte da sociedade cruz-altense em virtude do uso do recurso público para o Carnaval e também por parte da Igreja Católica, pois os desfiles acontecem no período da Quaresma. Conforme alguns entrevistados:

[...] já houve discriminação por parte da Igreja Católica, a qual, judicialmente, solicitou que houvesse o cancelamento do repasse de verbas do poder público municipal para o carnaval (escolas) em 2017. O Bispo, no seu entendimento, afirmou

que esse recurso poderia ser usado para outros benefícios para a sociedade, momento em que houve uma explicação sobre a distinção dos recursos dentro de cada política pública, neste caso, na Cultura. (Entrevistado 1 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Sempre vai ter distinção, pois a cidade é conservadora e o carnaval de Cruz Alta é fora de época, o que a igreja não concorda porque é no período da Quaresma. Ainda há aquela ideia de que o Carnaval é uma bagunça. Sabe-se que aqui o carnaval é um concurso, não apenas uma folia. (Entrevistado 9 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Conforme corrobora o Entrevistado 20 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019), “há predominantemente um debate quanto a destinação dos recursos públicos ao fomento da cultura popular, nesse aspecto afloram, as diferenças ideológicas e principalmente o preconceito que há especificamente com o carnaval.” Diferentemente da Avenida, onde todos são iguais e não há espaço para preconceitos. Para o Entrevistado 21 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019):

(...) o Carnaval equipara as condições socioeconômicas da população. A magia do carnaval une as pessoas, formando uma comunidade carnavalesca. É essa comunidade carnavalesca que impulsiona e eleva o carnaval enquanto cultura popular, provedor de arte, conhecimentos e integração social.

Em relação a guardar elementos característicos dos desfiles, como fantasias, adereços, fotos, recortes de jornais ou revistas, entre outros e qual o significado que esses elementos têm na vida dos participantes da pesquisa, a maioria dos entrevistados informou que guarda apenas fotografias dos desfiles e eventos, pois as fantasias e alegorias são devolvidas ou vendidas e o que sobra de material dos carros alegóricos é reaproveitado posteriormente. “[...] cada vez que revejo esses registros me transporto para o momento e realmente tenho a plena convicção que fez parte da minha história de vida.” (Entrevistado 20 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo, 2019). Da mesma forma, outros participantes da pesquisa corroboram:

Sim, guardo todas as camisas usadas como Presidente, as fotos registro no telefone, pois impressas tenho muito poucas. Nas redes sociais, Facebook e Instagram, também tenho fotos dos desfiles. Representam uma honra para mim! Sou fanático pela minha escola! Já estou nela há dez anos (Entrevistado 9 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Com certeza! Guardo sim. As fotografias, os vídeos, recortes de jornais e as camisetas são guardados, pois contam a história da escola. E o que é alugado é devolvido. Já tecidos, adereços e pedrarias são reaproveitados em outras fantasias e até vendidos para outras escolas (Entrevistado 7 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Guardo sim, roupas da Velha Guarda da escola e de madrinha da harmonia, além de fotos, pois esses elementos são uma lembrança maravilhosa de um ano inteiro de trabalho para colocar a escola na avenida. São tantos eventos para pagar uma hora de desfile! (Entrevistado 8 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

De acordo com DaMatta (1986, p. 45) “[...] o homem é o único animal que se constrói pela lembrança, pela recordação e pela “saudade”, e se “desconstrói” pelo esquecimento e pelo modo ativo com que consegue deixar de lembrar”. Portanto, guardar elementos constitutivos dos festejos carnavalescos, significa poder resgatar memórias das experiências vividas em sociedade. O autor afirma ainda sobre o significado das memórias:

Vivemos sempre entre esses momentos, como passageiros que estão saindo de um evento rotineiro para a ocorrência fora do comum que, por sua vez, logo irreflexivo cotidiano. A viagem da rotina para o extraordinário, porém, depende de uma série de fatores. Ela pode variar de sociedade para sociedade e pode ser realizada tanto coletiva quanto individualmente. Nossa biografia se faz precisamente pela alternância de situações que foram esquecidas com situações que “guardamos” como tesouros ou cicatrizes em nossa cabeça e que formam o que denominamos “memória” (DAMATTA, 1986, p. 44 - 45).

Sobre o significado dos elementos constitutivos dos desfiles, Araujo (2012) afirma que as fantasias no contexto de um desfile retratam a época, caso o enredo gire em torno de um acontecimento histórico, os elementos tradicionais, folclóricos, regionais ou a ideia que o enredo desenvolve. As fantasias são, assim, criações artísticas que constituem as indumentárias dos personagens do enredo. Além da beleza, a roupa deve permitir a dança, a empolgação, o canto, a vibração e o movimento do desfilante.

Em relação às alegorias, Araujo (2012, p. 83) as define como “a representação plástica e ilustrativa do enredo, são uma rica demonstração da inventividade, capacidade de recreação, improvisação e um dos melhores momentos de demonstração da qualidade da arte brasileira”, e em conjunto com as fantasias contam a história que a Escola de Samba deseja passar para o seu público durante o espetáculo dos desfiles.

O Entrevistado 13 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2020) refere que guarda fotografias, camisetas, camisas dos desfiles e recortes de jornais, pois esses elementos têm grande importância na sua vida, pois se apaixonou pela Escola Unidos do Beco quando ainda era criança. Teve propostas para mudar de escola, mas nunca quis. Esses elementos representam a sua paixão pela escola. Atualmente, pelo que sabe, “é o carnavalesco mais antigo que permanece trabalhando na mesma escola”, atuando como Diretor de bateria e patrimônio. O barracão é sua segunda casa, afirma.

Portanto, é o amor pelas agremiações que torna os elementos, que são partes integrantes dos desfiles, um bem precioso, com os quais os componentes das escolas de samba se identificam, pois constituem importantes memórias não apenas do Carnaval, mas de sua história

de vida em sociedade. As Figuras 22, 23 e 24 são imagens feitas pela pesquisadora e cedidas pelo entrevistado 13, elas representam os elementos usados nos desfiles.

Figura 22 – Camiseta usada no desfile do Carnaval de 2014.



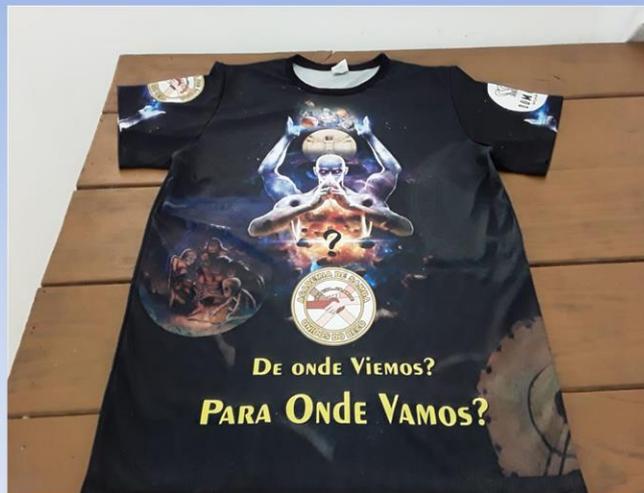
Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2020.

Figura 23 - Camiseta usada no desfile do Carnaval de 2015.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2020.

Figura 24 - Camiseta a ser usada no desfile do Carnaval de 2020.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2020.

Quantos ao número de membros das famílias dos entrevistados que são participantes de escolas de samba do município de Cruz Alta, as respostas foram variadas, mas é notável a fidelidade às agremiações, “são mais ou menos trinta pessoas da minha família. Todos são Unidos de São José, inclusive os que não moram aqui em Cruz Alta, porém vem para desfilarmos e ajudam patrocinar a escola.” (Entrevistado 9 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019). Conforme o Entrevistado 20:

Sim. Boa parte da minha família. Começando pelo meu pai que foi um dos fundadores da Unidos do Beco, uma tia que esteve por muitos anos nas fileiras da Unidos de São José e finalmente a geração mais jovem que compõe a Gaviões da Ferrô. (Entrevistado 20 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo).

Ao se questionar se há uma integração entre as escolas pelo espetáculo dos desfiles ou se a rivalidade é mais acirrada, as respostas foram unânimes, pois todos acreditam que haja rivalidade apenas durante os desfiles. Todas as agremiações brigam pelo título de campeã do Carnaval, mas fora isso, há integração entre as agremiações. “Tem momento de integração, mas há momento de luta. São adversários apenas na avenida. Fora dela, todos se respeitam. Essa rivalidade grande existe apenas no momento dos desfiles.” (Entrevistado 11 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Há uma integração, sim, inclusive a escola divide Barracão com a Gaviões da Ferrô e quando precisa de materiais como colas e espumas, na construção dos seus carros, já tarde da noite, esta escola já nos emprestou. Somente nos desfiles que é cada um por si, pelo título. Todo mundo quer ganhar! (Entrevistado 9 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Hoje em dia, há uma integração maior, onde uma escola de samba participa dos eventos realizados pela outra como escola participante e faz o Grupo Show que se apresenta com seus integrantes. A rivalidade fica mesmo só no dia do desfile nos dias de hoje. (Entrevistado 11 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Conforme os entrevistados, na hora dos desfiles todos se respeitam, mas durante a preparação ocorrem rugas entre os componentes, uns falando mal dos outros e a competição é acirrada porque todos querem vencer. Mas quando termina o desfile, todos se abraçam e desejam boa sorte! Refere ainda que se comove quando acontece de um carro quebrar na Avenida, independentemente da escola que seja, pois é um ano inteiro de preparo, dois meses fechados no barracão, preparando os carros para os desfiles (Entrevistado 13 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2020).

O Entrevistado 21 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019), afirma: “acredito que hoje é bem menos acirrada essa rivalidade entre as escolas, pois já é tão sofrido conseguir colocar a escola na avenida. Hoje há mais união entre as escolas de samba, a própria Liga das Escolas de Samba prioriza e promove essa união.” Para Kulmann, Abreu e Lübeck (2019), as festividades envolvem situações que permeiam o coletivo, ou seja, comunidade, proporcionando envolvimento e convivência, que de certa forma, estimulam a comunicação e ocasionam um ambiente de compartilhamento, confronto de valores, padrões sociais e culturais praticados durante a vida de cada cidadão.

Em relação à participação da comunidade cruz-altense nos desfiles das escolas de samba, bem como a existência de torcidas organizadas e se estas contribuem para o desempenho das escolas no desfile as respostas foram convergentes, pois todos acreditam que as torcidas organizadas e a comunidade exerçam papel fundamental, estimulando as agremiações durante os desfiles. “A comunidade participa dos desfiles e as torcidas são ativas, sendo que a torcida da Gaviões da Ferrô é a maior e a torcida da Unidos do Beco é a mais organizada.” (Entrevistado 8 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Conforme o Entrevistado 20 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019) Cruz Alta tem uma população de cerca de 62 mil habitantes, observa-se que pelo menos 15 a 20 mil pessoas se envolvem no projeto Carnaval das mais diversas formas ou na sua organização dentro das escolas, na prestação de serviços, no comércio, ou simplesmente na

condição de expectador. Esse envolvimento também gera uma identificação e as pessoas naturalmente criam afinidade com uma ou outra escola, ou com todas. Logicamente que a torcida ajuda no desempenho das escolas, pois é uma troca de energia. E há em Cruz Alta uma característica forte nesse sentido, tornando o desfile de pista e a postura das arquibancadas, mesas camarotes um só espetáculo, em sintonia única.

Para o Entrevistado 11 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba (2019), o Carnaval é uma festa popular, onde as pessoas de classe baixa vão para se divertir, pois muitos não têm dinheiro para viajar e o Carnaval representa suas férias. Já a parcela da sociedade com maior poder aquisitivo, em sua maioria, vai para ostentar. Quer holofotes, ressalta. E as torcidas são de todas as classes sociais, uns torcem porque realmente amam a escola e o Carnaval e outros, pelo glamour e fama. Mas que a torcida dá garra e gás para escola entrar na avenida e fazer um belo desfile, isso dá sim e contribui muito, afirma. Ainda conforme os entrevistados:

Existem torcidas organizadas e elas contribuem principalmente na escolha da Corte do carnaval, no Ginásio Municipal de Cruz Alta. É um formato que não se tem no carnaval do Estado. As escolas Unidos do Beco e Gaviões da Ferrô disputam mais a questão da melhor torcida, o que não é prioridade para a Imperatriz da Zona Norte, por exemplo. Esta escola deseja muito mais ter sua representante como rainha do carnaval de Cruz Alta (Entrevistado 12 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Existem torcidas organizadas, vão para as arquibancadas cantar e torcer pela escola. A comunidade também participa, cantando o samba-enredo. A Unidos do Beco tem trabalhado em cima dos quesitos, profissionalizamos os quesitos. Por exemplo, um casal de Mestre-sala e Porta-bandeiras e uma Comissão de frente organizada (Entrevistado 13 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2020).

A participação acontece. Existe uma parcela da população que aprecia, gosta e acompanha a sua escola de samba e o carnaval. A maioria das escolas tem suas torcidas organizadas, as quais vão ao Sambódromo dar uma motivação a mais para os desfiles (Entrevistado 23 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo, 2019).

Ao se questionar os entrevistados sobre o que os levou a se identificarem com determinada escola, as respostas foram múltiplas, dentre as quais o amor pelas agremiações e pelos bairros, pois muitos se identificam por residirem no Bairro em que nasceu a agremiação. “Foi o Bairro! Sempre residi no Bairro Malheiros e estudei na Escola Venâncio Aires, que fica ao lado da quadra da Escola Unidos da São José.” (Entrevistado 9 – Segmento: Integrantes Escolas de Samba, 2019).

Já outros, por terem amizade ou parentesco com integrantes das escolas que os convidaram a fazer parte da mesma ou como afirma o Entrevistado 20 – Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019) “as cores, pessoas, região, procedência. Enfim isso é

sentimento e não há uma única explicação. Apenas se sente.” O Entrevistado 23 - Segmento: Integrantes Secretaria de Cultura e Turismo (2019) afirma “vi a Imperatriz nascer. Não tinha como não ser Imperatriz da Zona Norte, pois meu tio, Mário Mafalda, foi um dos fundadores da escola”.

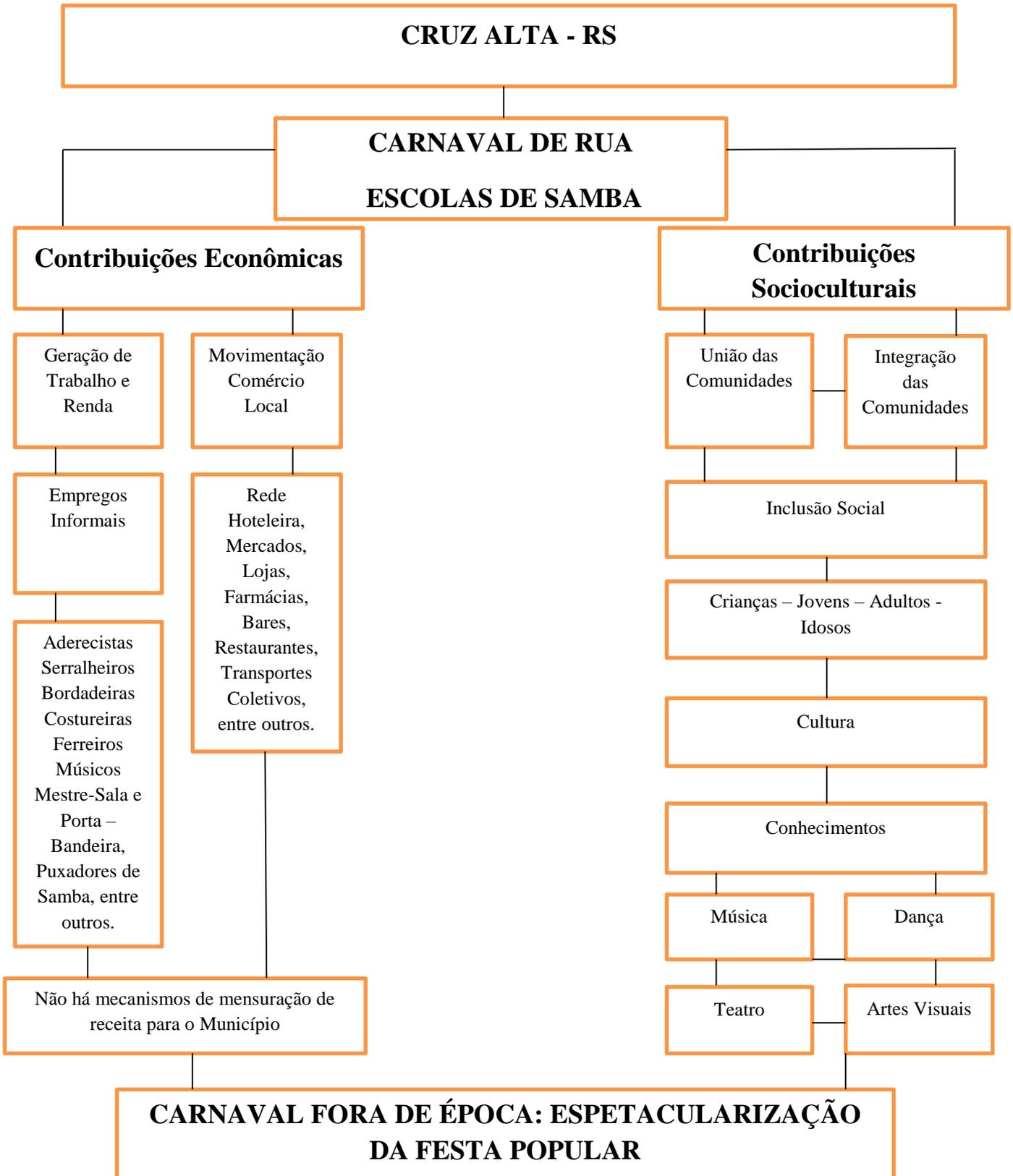
Sobre a noção de pertencer à uma localidade ou bairro e à agremiação que nela nasce, Duarte (2011) traz uma contribuição importante do Carnaval porto-alegrense, da Escola da Vila do Iapi, quando situa a noção de “chão” para estabelecer um atributo positivo, altamente valorizado pelas escolas, dentre os quais a adesão, a participação, a solidariedade e a força das alas movidas pelo amor à escola, na dança e no canto do Samba. Segundo o autor, o grupo diretivo da escola entende que nas vilas e nas suas redondezas, encontra o chão necessário e obrigatório para o sucesso da agremiação, buscando incessantemente esta comunidade idealizada a cada participação mais ativa tanto nos desfiles, quanto na confecção de fantasias por estes moradores.

Ferreira (2004) afirma que se alguém perguntar o que faremos no Carnaval do ano que vem, sabemos muito bem que a pessoa não está se referindo a um momento de alegria qualquer, mas àqueles três ou quatro dias que antecedem a quarta-feira de cinzas. Exatamente, em nome desses dias tão preciosos para os foliões é que as Comunidades se unem e preservam as identidades dos locais aos quais pertencem. Essa identificação é muito forte, fazendo com que as pessoas se mobilizem pelo seu “chão”, como refere Duarte (2011), como espaço de construção da sua identidade.

É exatamente esse sentimento de pertencer à vila (bairro) onde residem e, portanto, à Escola de Samba que nela surgiu que faz com que os integrantes se identifiquem com as agremiações e participem ativamente de todo o processo de preparação e organização dos desfiles, começando pela criação do tema, do samba-enredo, das fantasias e alegorias aos eventos que possibilitam a luxuosidade e a criatividade que transforma o Carnaval em um verdadeiro espetáculo.

Para concluir as discussões sobre as contribuições econômicas e socioculturais do Carnaval para o município de Cruz Alta, apresenta-se um fluxograma (Figura 25) elaborado a partir das percepções dos entrevistados que contribuíram para a pesquisa.

Figura 25 - Fluxograma sobre as contribuições econômicas e socioculturais do Carnaval para Cruz Alta.



Fonte: Elaborado pela Pesquisadora, 2020.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finaliza-se a pesquisa respondendo à indagação que a iniciou: quem nunca ouviu o ditado popular de que o ano aqui no Brasil começa somente após o término do Carnaval? Pois realmente, esse festejo popular anima multidões, anualmente, atrai turistas estrangeiros e movimentava a economia do país. Originário de países da Europa, o Carnaval caiu no gosto do povo brasileiro e até parece uma festa tipicamente brasileira, pelas características que lhe são inerentes como o molejo, a sensualidade e o teor festivo, como afirmam alguns teóricos que nortearam esta pesquisa.

Carnaval, palavra com origem no latim "*carne vale*", que significa "adeus à carne" representa não somente um tipo específico de festa, mas qualquer tipo de alegria coletiva, folia, desordem, inversão de valores ou simplesmente uma festa importante que marca momentos especiais do ano. Por serem consideradas manifestações pagãs, pelas transgressões de regras sociais e, na sua origem com orgias, as folias carnavalescas eram toleradas pela Igreja Católica, diante disso, foi estabelecida uma data para o Carnaval, antecedendo a Quaresma.

Como descrito anteriormente, a Quaresma é a quarentena subsequente à quarta-feira de cinzas, que antecede a Páscoa, momento no qual os religiosos se dedicam às orações, reflexões e às penitências, devendo abster-se de celebrações de inversões ou subversões de papéis sociais; a Quaresma é o momento de purificação e preparação para a Páscoa. E, até os dias, atuais o Carnaval tem suas celebrações anteriormente ao período da Quaresma, no entanto, surge uma nova modalidade festiva que é o Carnaval fora de época em alguns lugares do Brasil, como é o caso do Carnaval de Cruz Alta.

Essa pesquisa teve como objetivo geral analisar o Carnaval como um festejo popular para o município de Cruz Alta - RS, enquanto prática sociocultural e econômica, e especificamente: caracterizar o Carnaval do município de Cruz Alta – Rio Grande do Sul, a partir de um contexto histórico e global; identificar os fatores que contribuíram para a formação da identidade do Carnaval cruz-altense, os quais o tornaram referência no Estado; e verificar as contribuições econômicas e socioculturais do Carnaval para o município de Cruz Alta.

A hipótese da pesquisa foi: o Carnaval constitui uma importante prática sociocultural e econômica na medida em que propicia a interação social, a solidariedade econômica, a geração de conteúdos informativos, bem como a promoção de críticas ou exaltações a questões que permeiam a sociedade, a qual pode ser aceita no contexto do Carnaval fora de época de Cruz

Alta - RS. Considerando-se as respostas dos entrevistados, comprova-se que o Carnaval de Cruz Alta é uma festa popular que tem como características a união e a integração das comunidades, a inclusão social, a geração de trabalho e renda, a troca de saberes, a produção de conhecimentos e o crescimento cultural, constituindo assim importantes contribuições econômicas e socioculturais para o desenvolvimento do município.

Quanto aos fatores limitantes da pesquisa, houve algumas desistências em participar das entrevistas, por falta de interesse e disponibilidade. Outro fator importante é a falta de registros das fases do Carnaval em Cruz Alta, ao longo dos anos, o que constituiu uma grande perda para a identificação da evolução sociocultural do festejo no município, até mesmo para viabilizar a realização de uma linha do tempo que contasse como e quando iniciaram as celebrações carnavalescas em Cruz Alta. Tal fator, contudo, poderá ser alvo de novas investigações, no futuro, por intermédio da pesquisa em periódicos e outras documentações de época.

Para responder aos objetivos da pesquisa, caracterizar o Carnaval de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, identificando os fatores que contribuíram para a formação da sua identidade, os quais o tornaram referência no Estado, bem como verificar as suas contribuições econômicas e socioculturais para o município, foi fundamental analisar as particularidades trazidas nas falas dos entrevistados, pois a partir destas foram surgindo não somente dados, mas pessoas que foram importantes na trajetória da festa popular em Cruz Alta. Portanto, as narrativas aliadas aos referenciais teóricos e elementos como registros fotográficos foram essenciais para alcançar os objetivos, bem como para a efetivação à resposta do problema de pesquisa.

O Carnaval de Cruz Alta teve suas origens por volta do Século XIX, através da Colonização portuguesa no Brasil, onde senhores e escravos brincavam nos jogos dos entrudos, os quais eram considerados brincadeiras violentas e sujas, vindo a sofrer proibições. Foi dessas brincadeiras, que se originou o Carnaval D'água de Cruz Alta, no qual o ato de jogar água nas pessoas que estivessem nos logradouros públicos era permitido durante a folia. Mais tarde surgem os carnavais de clubes e os blocos de Carnaval de Rua, dos quais nasceram as escolas de samba.

Atualmente, o Carnaval de Rua de Cruz Alta conta com quatro agremiações, é considerado o terceiro maior Carnaval do interior do Estado, reconhecido internacionalmente por dele participarem indivíduos da região, do Estado, do País, do Uruguai e da Argentina, tanto como assistentes como desfilantes. Com forte tradição agropecuária, Cruz Alta tem no Carnaval uma importante fonte cultural que alia aspectos econômicos e socioculturais quando viabiliza

a geração de empregos, incrementa a economia e o turismo do município através do uso de mão de obra local, do comércio, da rede hoteleira e dos transportes públicos que o município dispõe.

Social e culturalmente, o festejo propicia a inserção social dos jovens, constitui um espaço de lazer e entretenimento para as camadas mais pobres, além de valorizar as artes como um todo. O teatro, a música, a dança, as artes visuais e o conhecimento, pois os desfiles das escolas de samba são espetáculos repletos de informações e ricos em conhecimentos que são transmitidos ao público através da história dos enredos, das fantasias e alegorias apresentadas na avenida.

O ano de 2006 foi muito importante para o Carnaval de Cruz Alta, pois de acordo com os entrevistados, marca o seu processo evolutivo para o novo formato de festa popular, com fantasias e alegorias mais elaboradas e suntuosas, que possibilitaram elevar o nível dos desfiles e aumentar o potencial de competitividade entre as escolas de samba, atraindo mais integrantes e exigindo maior investimento financeiro para a sua execução.

Percebe-se que ainda existe resistência por uma parte da população do município em relação ao Carnaval e vai além do investimento do recurso de fomento, que representa um investimento cultural, pois há uma questão ideológica religiosa muito forte, que faz com que o festejo seja visto apenas como um ato de transgressão social, que não contribui econômica, social e culturalmente para a sociedade cruz-altense. Essa resistência não é percebida em outros eventos, tal como a Coxilha Nativista de Cruz Alta.

Apesar da necessidade de fazer com que a população e os Governos Municipais entendam o Carnaval como atividade cultural parte de uma política pública importante para a inclusão social, formação cidadã, fundamental para o desenvolvimento do município, devendo haver uma continuidade e manutenção, atualmente, a união dos sujeitos que compõe as comunidades carnavalescas, o apego e o respeito pelas próprias comunidades onde vivem, bem como o amor declarado pelas agremiações faz com que vençam todas as dificuldades que permeiam a organização do evento, conferindo uma identidade ao Carnaval de Cruz Alta.

O trabalho dessas comunidades, a luta diária e a determinação para colocar sua agremiação na Avenida do Samba vêm desde o tempo em que fazer Carnaval era sinônimo de fazer folia, inverter papéis ou simplesmente integrar-se, onde cada um vestia a fantasia que quisesse e o Carnaval não passava de uma grande festa, sem regras ou competições. A festa carnavalesca atual ganhou um novo formato, onde o luxo e a criatividade, como nos Carnavais

dos grandes centros, transformam os desfiles em verdadeiros espetáculos de encanto e magia, mérito do trabalho de seus integrantes.

Considerando-se que, apesar dos entrevistados afirmarem que o Carnaval possibilita contribuições econômicas para o município, não há um método de mensuração de receita. Diante disso, sugere-se que se ampliem as possibilidades de pesquisas em torno de uma metodologia eficaz que possa verificar, anualmente, quanto Cruz Alta obtém de arrecadação nos dias de desfiles das escolas de samba, podendo dar um feedback à população da importância das celebrações Carnavalescas para o desenvolvimento da cidade, justificando o investimento feito pelo Poder Público no evento.

Da mesma forma, foi constatado durante as entrevistas que o comércio local não oferece matéria-prima para a confecção dos elementos do Carnaval, fazendo com que as escolas de samba adquiram produtos de fora do município pela variedade e menores preços oferecidos. Sugere-se a realização de estudos que possibilitem não somente compreender a falta de interesse do comércio na festa popular que poderia aumentar o volume de recursos para o desenvolvimento de Cruz Alta, mas em formas de incentivo por parte do Poder Público Municipal para que o comércio local possa contar com lojas especializadas e invista no Carnaval, como em outros eventos.



## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Hiram. **A cartilha das escolas de samba**. Rio de Janeiro: Clube dos Autores, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BISPO, Marcelo de Souza. A aprendizagem organizacional baseada no conceito de prática: contribuições de Silvia Gherardi. **Ram, Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 14, n. 6, p. 132-161, nov./dez. 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- Caderno de Dados Socioeconômicos (CDS): município de Cruz Alta. **Curso de Administração**. v9, n.9 (out. 2016). Cruz Alta: UNICRUZ, 2016. <Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/wp-content/uploads/2017/11/caderno%20estat%20C3%ADstica%202016.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2020.
- CAETANO, Jéssica Nene. **A manifestação da cultura e a herança simbólica Portuguesa: os processos de identificação cultural no município de Cruz Alta-RS-Brasil**. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/02.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2020.
- CAVALARI, R. **A Gênese da Cruz Alta, Cruz Alta**: Ed. da UNICRUZ, 2004, 257p.
- \_\_\_\_\_. O Entrudo. Carnaval D'água em Cruz Alta. **Blog pessoal**, 2012. Disponível em: <<http://rossanocavalari.blogspot.com/p/historia.html/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- DAL FORNO, Leandro R. **“A festa da diversidade” em Cruz Alta - RS como território de exercício da sexualidade LGBT e de seu reconhecimento social**. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9395/DAL%20FORNO%2C%20LEANDRO%20ROSA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13 mar. 2020.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. 86p.
- DECRETO Nº 535/09 DE 23 DE DEZEMBRO DE 2009. **Regulamento do Carnaval de Rua - desfile das escolas de samba de Cruz Alta**. < <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/c/cruz-alta/decreto/2009/53/535/decreto-n-535-2009-institui-o-regulamento-do-carnaval-de-rua-desfile-das-escolas-de-samba-de-cruz-alta-e-da-outras-providencias>> . Acesso em: 27 de mar. de 2020.
- DINIZ, André. **Almanaque do carnaval: a história do carnaval, o que ouvir, o que ler, onde curtir**. 2008. Disponível em: <<http://p.download.uol.com.br/mtv/biblioteca/historiadocarnaval.pdf>> . Acesso em: 20 de Fev. de 2020.
- DUARTE, Ulisses Corrêa. **O carnaval espetáculo no Sul do Brasil: uma etnografia da cultura carnavalesca nas construções das identidades e nas transformações da festa em Porto Alegre e Uruguaiana**. 2011. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/37828>> Acesso em: 17 de mar. de 2020.

\_\_\_\_\_. **O carnaval de Uruguaiana nos circuitos carnavalescos dos Pampas:** Notas sobre a análise da economia estética do espetáculo, o globalismo cultural e antropologia dos objetos entre carnavais. 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/16485>> . Acesso em: 17 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Escolas de Samba nos Pampas:** textos e contextos da interculturalidade no carnaval de Uruguaiana. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/10431>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011. 208p.

**Entenda o MROSC:** Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil: Lei 13.019/2014 Secretaria de Governo da Presidência da República, Laís de Figueirêdo Lopes, Bianca dos Santos e Viviane Brochardt – Brasília: Presidência da República, 2016. 130p. Disponível em: <[http://plataformamaisbrasil.gov.br/images/docs/MROSC/Publicacoes\\_SG\\_PR/LIVRETO\\_MROSC\\_WEB.pdf](http://plataformamaisbrasil.gov.br/images/docs/MROSC/Publicacoes_SG_PR/LIVRETO_MROSC_WEB.pdf)>. Acesso em: 21 fev. 2020.

FAZENDA, Ivani C. A. (org.). **Dicionário em construção:** interdisciplinaridade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FAZENDA, Ivani, C. A. (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008a.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade:** história, teoria e pesquisa. 15. ed. Campinas: Papirus, 2008b.

FILHO, Mello Moraes. **Festas e tradições populares do Brasil**. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1061>> . Acesso em: 22 nov. 2018.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GSSCA. Balança mas não cai. **Grêmio de Subtenentes e Sargentos de Cruz Alta**, 2018. Disponível em: <<http://gremioca.blogspot.com/2018/07/balanca-mais-nao-cai.html>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2018. Disponível em: <[https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com\\_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf](https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf)> Acesso em: 13 de mar. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 3 mar. 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao%20Salvaguarda%20Patrim%20Cult%20Imaterial%202003.pdf>> . Acesso em: 23 de mar. de 2020.

JESUS, Thiago Silva de Amorim. **A linguagem do corpo no ritual carnavalesco do sul do brasil**. 2009. Disponível em: <[https://www.academia.edu/2007682/A\\_linguagem\\_do\\_corpo\\_no\\_ritual\\_carnavalesco\\_do\\_sul\\_do\\_Brasil\\_-\\_Language\\_of\\_the\\_body\\_on\\_the\\_carnavalesque\\_ritual\\_in\\_south\\_of\\_Brazil](https://www.academia.edu/2007682/A_linguagem_do_corpo_no_ritual_carnavalesco_do_sul_do_Brasil_-_Language_of_the_body_on_the_carnavalesque_ritual_in_south_of_Brazil)>. Acesso em: 23 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. **Corpo, ritual, pelotas e o carnaval: uma análise dos desfiles de rua entre 2008 e 2013**. Ano de publicação: 2013. Disponível em: <<https://www.riuni.unisul.br/handle/12345/4610>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

KULMANN, K. M.; ABREU, C. A.; LÜBECK, E. **A consolidação do carnaval fora de época de Uruguaiana**. 2019. Disponível em: <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111618.pdf>> . Acesso em mar. 2020.

LESCA. Liga de Escola de Samba de Cruz Alta. **Símbolo da entidade**. Facebook. 7 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/lesca.cruzaltars/photos/a.337468283396367/337468413396354/?type=1&theater>>. Acesso em 10 abr. 2020.

LEITE, Aline Tereza Borghi; SILVESTRE, Juliano de Castro. **Desenvolvimento, profissionalismo e economia da cultura: desafios para a profissionalização dos gestores culturais**. Disponível em: <[seer.pucgoias.edu.br/index.php/baru/article/download/5831/3117](http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/baru/article/download/5831/3117)>. Acesso em: 30 nov. 2018.

MAIA, Mario de Souza. **O sopapo e o cabobu**. 2008. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/O%20Sopapo%20e%20o%20Cabobu.pdf>>. Acesso em: 5 de mar. 2020.

MARIANO, M.; ENDERE, M. L. Carnavales y patrimonios: diálogos sobre identidades y espacios de participación. Revista Memorias: Revista digital de Historia y Arqueología desde El Caribe Colombiano. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/memor/n32/n32a03.pdf>> . Acesso em 10 Fev. de 2020.

MATOS, Marcelo Gerson Pessoa. **O sistema produtivo e inovativo local do carnaval carioca**. Tese de Doutorado. Disponível em: <[www.cpgeconomia.uff.br/novositearquivo/tese/2007-marcelo\\_matos.pdf](http://www.cpgeconomia.uff.br/novositearquivo/tese/2007-marcelo_matos.pdf)>. Acesso em: 27 nov. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Entenda o que é cultura popular e suas diferentes manifestações**. Disponível em: <[http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset\\_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/entenda-o-que-e-cultura-popular-e-suas-diferentes-manifestacoes/10883](http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/entenda-o-que-e-cultura-popular-e-suas-diferentes-manifestacoes/10883)> Acesso em 23 de Fev. de 2020.

NETO, H. B. **Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha** 2007. 319 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

NOGUEIRA, Rodrigo Muniz Ferreira. **Carnaval de Itabuna: Memória, Identidade e Turismo**. 2008. Disponível em: <[http://www.uesc.br/cursos/pos\\_graduacao/mestrado/turismo/dissertacao/dissertacao\\_rodrigo\\_muniz.pdf](http://www.uesc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/turismo/dissertacao/dissertacao_rodrigo_muniz.pdf)>. Acesso em 23: fev. 2020.

PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. **O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp, 2004.

PESAVENTOS, S. J. **História, memória e centralidade urbana**. 2007. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/nuevomundo/3212>>. Acesso em 11 de mar. 2020.

PINTO, Paulo. **Os porões do Comercial**. sd, 70 p.

POMBO, Olga. Epistemologia da Interdisciplinaridade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINARIDADE, HUMANISMO, UNIVERSIDADE, 2003. Porto. **Anais...** Universidade do Porto, 2003. Disponível em: <[http://www.humanismolatino.online.pt/v1/pdf/C002\\_11.pdf](http://www.humanismolatino.online.pt/v1/pdf/C002_11.pdf)>. Acesso em: 26 abr. 2011.

REIS, A. C. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: O caleidoscópio da cultura**. 2006. Disponível em: <<https://garimpodesolucoes.com.br/wp-content/uploads/2014/09/Economia-da-Cultura-e-Desenvolvimento-Sustenta%CC%81vel-o-Caleidosco%CC%81pio-da-cultura-Ana-Carla-Fonseca-Reis.pdf>> . Acesso em: 17 de mar. 2020.

SANTOS, R. M. **Vigilância, proibições e punições: ordem no carnaval do Recife**. 2014. Disponível em: <[http://www.encontro2014.se.anpuh.org/resources/anais/37/1410953555\\_ARQUIVO\\_Artigosergipe.pdf](http://www.encontro2014.se.anpuh.org/resources/anais/37/1410953555_ARQUIVO_Artigosergipe.pdf)>. Acesso em 17 de mar. de 2020.

SANTOS, B. S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3. ed. São Paulo: Cortes, 2010.

SANTOS, B. S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SILVA, Everton Lessa. **A Historiografia do Carnaval de Pelotas: dialogando com imagens momescas**. 2011. Disponível em: < <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/227.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2020.

SILVA, Frederico A. Barbosa. **O indicador de desenvolvimento da economia da cultura**. 2010. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6495](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=6495)>. Acesso em: 30 nov. 2018.

SILVA, Gustavo Madeiro. **Carnaval, mercado e diferenciação social**. 2004. Tese de Doutorado. Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/1135/1/arquivo1596\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/1135/1/arquivo1596_1.pdf). Acesso em: 27 nov. 2018.

Sociedade Recreativa e Filantrópica Unidos de São José. **Símbolo da entidade**. Facebook. 29 out. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=422525994535910&set=a.109343115854201&type=3&theater>>. Acesso em 10 abr. 2020.

TOLILA, Paul. **Cultura e economia:** problemas, hipóteses, pistas. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2007.

ZAMBERLAN, J.; BAIOCCHI, M.; FLORÃO, S. **Cruz Alta: As Perspectivas do Desenvolvimento** – Um estudo socioeconômico prospectivo, Cruz Alta: Editora da Aprocruz – Cadecruz, 1989, 398 p.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A - CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_, Presidente da Liga das escolas de Samba do Município de Cruz Alta - RS, tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada **“AS CONTRIBUIÇÕES ECONÔMICAS E SOCIOCULTURAIS DO CARNAVAL PARA O MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA - RIO GRANDE DO SUL”**, sob responsabilidade da pesquisadora Mara Rubia dos Santos Corrêa, junto à Secretaria de Cultura do município. Para isto, serão disponibilizados à pesquisadora a relação e o contato dos presidentes das escolas de samba do município de Cruz Alta, os quais indicarão os membros mais antigos por escola.

Cruz Alta, 05 de dezembro de 2018.

---

Assinatura do Responsável

**APÊNDICE B - CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA**

Eu, **Laura Durigon Ajala**, Secretária Municipal de Cultura, Turismo e Eventos de Cruz Alta/RS, tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada **“AS CONTRIBUIÇÕES ECONÔMICAS E SOCIOCULTURAIS DO CARNAVAL PARA O MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA - RIO GRANDE DO SUL”**, sob responsabilidade da pesquisadora Mara Rubia dos Santos Corrêa, junto à Secretaria de Cultura do município. Para isto, serão disponibilizados à pesquisadora a relação e o contato dos participantes para a pesquisa, os quais deverão ser os funcionários que estão envolvidos no Carnaval do Município.

Cruz Alta, 05 de dezembro de 2018.

---

Assinatura do Responsável

**APÊNDICE C - CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, FILMAGEM E GRAVAÇÕES DE VOZ**

Eu \_\_\_\_\_, portador do RG. Nº \_\_\_\_\_, CPF: \_\_\_\_\_ permito que os pesquisadores abaixo relacionados obtenham fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins de pesquisa, científico e educacional.

Concordo que o material e informações obtidas relacionadas possam ser publicados em aulas, seminários, congressos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não deve ser identificado por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As fotografias, filmagens e gravações de voz ficarão sob a propriedade do pesquisador pertinente ao estudo e, sob a guarda do mesmo.

---

ASSINATURA

Acadêmico/Pesquisador: \_\_\_\_\_

Professor Orientador: \_\_\_\_\_

---

Data e Local onde será realizada a pesquisa.

## **APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -TCLE**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa: “**AS CONTRIBUIÇÕES ECONÔMICAS E SOCIOCULTURAIS DO CARNAVAL PARA O MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA - RIO GRANDE DO SUL**”. No caso de você autorizar a sua participação, favor rubricar todas as folhas e assinar ao final do documento. A participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir da permissão e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

**Pesquisador Responsável:** Mara Rubia dos Santos Corrêa, aluna do curso de Mestrado Acadêmico em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. E-mail: mara.correa@ifc.edu.br/ Telefone de Contato: (55) 9 9984 6814.

**Contato da Comissão de Ética e Pesquisa da Universidade de Cruz Alta: Fone (55) 3321 1618 – O comitê de Ética e Pesquisa** foi criado para defender os interesses dos sujeitos de pesquisa em sua integralidade e dignidade, além de contribuir no desenvolvimento de pesquisa dentro de um padrão ético.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Cruz Alta (CEP/UNICRUZ) é um órgão colegiado interdisciplinar e independente, de caráter consultivo, deliberativo e educativo.

**OBJETIVO:** - Analisar as contribuições econômicas e socioculturais propiciadas pelo Carnaval para o município de Cruz Alta – RS.

**PROCEDIMENTOS DO ESTUDO:** Caso o(a) Sr.(a) concorde em participar, você responderá um questionário, o qual está em anexo. A sua imagem e o nome estão resguardados.

**RISCOS E DESCONFORTOS:** Quanto aos riscos e desconfortos que poderão ser provocados pela pesquisa serão mínimos, caso o entrevistado tenha qualquer desconforto ou risco, terá o direito de não permitir a continuação da mesma, sem quaisquer prejuízos. De qualquer forma, elencamos riscos e desconfortos possíveis:

Risco Intelectual – Pela complexidade de linguagem das perguntas. Para evitar isto estamos adequando linguagem e a organização das perguntas ao nível de compreensão de indivíduos com qualquer nível de instrução. E, no momento da apresentação do projeto e do TCLE, abordaremos o conteúdo de maneira informal, com linguagem simples e aberta para perguntas e questionamentos, os quais serão esclarecidos.

Da mesma forma, o entrevistado estará livre em manifestar que não deseja responder ao questionamento, pois esclareceremos, que qualquer violação à sua integridade, enquanto participante da pesquisa, o mesmo terá a garantia do direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes, conforme Resolução nº 466 de 2012 do CNS. 85.

**BENEFÍCIOS:** Como um fenômeno social, o Carnaval pode ser visto como um instrumento de resgate do ser humano e das atitudes que se constituem como interdisciplinares. Este estudo irá contribuir cientificamente para gerar conhecimentos à comunidade acadêmica e à sociedade cruz-altense e região. Desta forma, pretende-se realizar a socialização dos resultados da

pesquisa por meio de uma roda de conversa com os participantes da pesquisa, após a conclusão e análise dos dados.

**CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE:** Não haverá nenhum gasto com a sua participação na pesquisa. Também não receberá nenhum pagamento com a sua participação.

**CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA:** Você em momento algum precisará se identificar para realizar a pesquisa e, ainda que se identifique (apondo sua assinatura abaixo deste documento) sua identificação será mantida em sigilo, ou seja, você não terá, em momento algum, seu nome vinculado à pesquisa. Os materiais coletados na pesquisa ficarão em posse deste pesquisador pelo período de 1(um) ano após a finalização do projeto. Após isto, serão inutilizados. Este termo foi elaborado em duas vias, sendo que uma via ficará conosco (pesquisador) e a outra via com você (participante da pesquisa).

**Assinatura do Pesquisador Responsável:**

---

### **CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA**

Declaro que li ou foi-me lido as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado pela pesquisadora Mara Rubia dos Santos Corrêa, acerca dos objetivos, procedimentos do estudo que serão utilizados, os riscos e desconfortos, os benefícios, que não haverá custos/reembolsos aos participantes, da confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Cruz Alta, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

(Assinatura)

**APÊNDICE E - INSTRUMENTO DE PESQUISA PARA PARTICIPANTES  
INTEGRANTES DAS ESCOLAS DE SAMBA**

<b>Bloco 1 (Caracterização do carnaval de Cruz Alta)</b>	
1	Qual o ano de fundação da Escola? Quantos títulos a escola possui?
2	Qual era o número de integrantes da escola no ano de fundação?
3	Qual o número de integrantes da escola em 2019?
4	Quantos são crianças, jovens, adultos e idosos?
5	Quantos são do sexo feminino?
6	Qual a escolaridade média dos integrantes da escola de samba em 2019?
7	Na sua concepção, como nasceu a escola?
8	Como era a organização da escola e dos integrantes nos anos iniciais à fundação?
9	Quais as principais dificuldades encontradas pela escola ao longo dos anos, da organização dos elementos aos desfiles?
10	Onde aconteciam os desfiles nos anos iniciais após a fundação da escola? Havia um espaço para a organização dos elementos e ensaios para os desfiles?
<b>Bloco 2 (Impactos socioculturais)</b>	
11	Você considera que o carnaval contribui social e culturalmente para o município de Cruz Alta? De que forma?
12	Você tem conhecimento de pessoas que venham para Cruz Alta de outros municípios (quais) e/ou países somente para o Carnaval (assistir ou desfilar)?
13	A escolha dos sambas-enredos, fantasias e alegorias para os desfiles tem alguma relação com as questões que permeiam a sociedade cruz-altense, ou seja, seu modo de viver economicamente, sua história, a organização das comunidades locais, as políticas públicas existentes no município (saúde, educação, cultura, saneamento básico, entre outras)? Por quê? Como?
14	Como o carnaval de Cruz Alta é bastante conhecido na região, há uma integração entre as culturas dos municípios vizinhos no seu entendimento? Como acontece?
15	Você percebe alguma distinção entre classes sociais, religiões ou culturas durante o carnaval? Justifique.
16	Você guarda elementos característicos dos desfiles, como fantasias, adereços, fotos, recortes de jornais ou revistas, entre outros? Qual o significado que esses elementos têm na sua vida?
17	Quantos membros de sua família são participantes de escolas de samba do município de Cruz Alta? Quais escolas?
18	Há uma integração entre as escolas pelo espetáculo dos desfiles ou a rivalidade é mais acirrada? Como você percebe essa questão?
19	Como você percebe a participação da comunidade cruz-altense nos desfiles das escolas de samba? Existem torcidas organizadas? Se sim, estas contribuem para o desempenho da escola no desfile? De que modo?
20	O que o levou a se identificar com determinada escola?
<b>Bloco 3 (Impactos econômicos)</b>	
21	A Diretoria da escola socializa suas informações econômicas com todos os seus integrantes? De que forma?
22	Considerando a dinâmica econômica ao longo de um ano, os tipos de atividade, compras e vendas (produtos e serviços), produção/preparação, gastos e receitas

	obtidas, contratações temporárias, você acredita que a escola obtenha lucro para o carnaval do ano seguinte? Por quê?
23	Em relação às compras para as alegorias demais insumos e serviços para o carnaval, como são adquiridos? Em Cruz Alta ou em outros municípios? Justifique.
24	A escola possui espaço para a organização dos elementos do carnaval? (próprio cedido ou alugado) Valor aproximado, se alugado?
25	Que eventos a escola produz anualmente para arrecadar fundos para o carnaval? Média de valores arrecadados por evento. Como acontece?
26	Segundo características das relações de trabalho, quantos empregos formais e informais são gerados pelo carnaval anualmente? Quais funções e remuneração mensal?
27	Existe treinamento ou capacitação para esses agentes que trabalham na elaboração dos elementos carnavalescos?
28	As pessoas que desfilam no carnaval também trabalham na produção de seus elementos?
29	Qual o valor do recurso que cada escola recebe como incentivo à cultura do município? Necessita de projeto para tal?
30	Você acredita que o espetáculo dos desfiles contribua economicamente para o município de Cruz Alta pela movimentação do comércio local durante os dias de folia? Ex. Hotelaria, público pagante, venda de alimentos, bebidas, entre outros. Como?
31	O que o Carnaval significa para o município de Cruz Alta?
32	Na sua percepção, como (que razões) Cruz Alta se tornou um polo carnavalesco?

**APÊNDICE F - INSTRUMENTO DE PESQUISA PARA PARTICIPANTES INTEGRANTES DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E TURISMO DO MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA-RS.**

<b>Bloco 1 (Caracterização do carnaval de Cruz Alta)</b>	
1	Existem registros de como nasceram as escolas de samba no município? Quais? Qual o ano de início do carnaval no município?
2	Onde aconteciam os desfiles nos anos iniciais das escolas? Havia um espaço para a organização dos elementos e ensaios para os desfiles disponibilizados pelo poder público?
3	Quais as principais dificuldades encontradas pelo município, ao longo dos anos, na organização dos desfiles?
4	Para o poder público municipal, como era a organização das escolas e dos integrantes nos anos iniciais à fundação e como evoluiu com o passar do tempo? (reuniões, quadra, fantasias e alegorias, recursos financeiros, eventos).
5	Os servidores públicos municipais pertencentes a esta secretaria sempre participam da organização do carnaval? De que modo? Quantos?
6	Existe um espaço destinado à divulgação do carnaval no site da Prefeitura Municipal e demais meios de comunicação local? Como vem acontecendo essa divulgação ao longo dos anos?
7	Quais secretarias participam juntamente com a Secretaria de cultura nos dias de folia, prestando serviços aos foliões, integrantes das escolas e comunidade em geral? De que forma?
<b>Bloco 2 (Impactos socioculturais)</b>	
8	Você considera que o carnaval contribua social e culturalmente para o município de Cruz Alta? Justifique sua resposta.
9	Você acredita que a escolha dos sambas-enredos, fantasias e alegorias para os desfiles tem alguma relação com as questões que permeiam a sociedade cruz-altense, ou seja, seu modo de viver economicamente, sua história, a organização das comunidades locais, as políticas públicas existentes no município (saúde, educação, cultura, saneamento básico, entre outras)? Por quê? Como?
10	Como o carnaval de Cruz Alta é bastante conhecido na região, há uma integração entre as culturas dos municípios vizinhos no seu entendimento? Como acontece?
11	Você tem conhecimento de pessoas que venham para Cruz Alta de outros municípios (quais) e/ou países somente para o Carnaval (assistir ou desfilar)?
12	Você percebe alguma distinção entre classes sociais, religiões ou culturas durante o carnaval? Por quê?
13	Você guarda elementos característicos dos desfiles, como fotos, recortes de jornais ou revistas, entre outros? Qual o significado que esses elementos têm na sua vida?
14	Algum membro de sua família é participante de escolas de samba do município de Cruz Alta? Quais escolas?
15	Há uma integração entre as escolas pelo espetáculo dos desfiles ou a rivalidade é mais acirrada? Como você percebe essa questão?
16	Como você percebe a participação da comunidade cruz-altense nos desfiles das escolas de samba? Existem torcidas organizadas? Se sim, você acha que estas contribuem para o desempenho das escolas no desfile? De que modo?

17	Na sua percepção, o que leva um integrante a se identificar com determinada escola, vindo a desfilarm pela mesma?
<b>Bloco 3 (Impactos econômicos)</b>	
18	Há registro quantitativos de empregos formais e informais gerados pelo carnaval anualmente? Se sim, quais funções formais e informais e qual a remuneração?
19	Existem registros sobre a escolaridade média dos agentes (trabalhadores) formais e informais das escolas de samba do município? Se sim, amplie a discussão.
20	Existem registros da escolaridade média dos integrantes de cada escola de samba? Se sim, amplie a discussão.
21	Existem registros do número de crianças, jovens, adultos e idosos que desfilam anualmente nas escolas de samba do município? Se sim, amplie a discussão.
22	O município disponibiliza algum tipo de treinamento ou capacitação para seus agentes (servidores públicos) que trabalham para a realização do carnaval? E para os agentes (trabalhadores) das escolas? Quais? Como ocorrem?
23	Qual o valor do recurso que cada escola recebe como incentivo à cultura do município? Necessita de projeto para tal?
24	Você acredita que o espetáculo dos desfiles contribua economicamente para o município de Cruz Alta pela movimentação do comércio local durante os dias de folia? Ex. Hotelaria, público pagante, venda de alimentos, bebidas, entre outros. De que forma?
25	O que o Carnaval significa para o município de Cruz Alta?
26	Na sua percepção, como (que razões) Cruz Alta se tornou um polo carnavalesco?

**APÊNDICE G - INSTRUMENTO DE PESQUISA PARA PARTICIPANTES DA COMUNIDADE DE CRUZ ALTA-RS.**

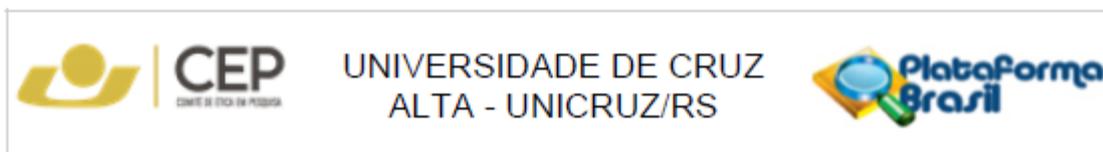
<b>Questões Bloco 1</b>	
1	Fale sobre como nasceu o carnaval de Cruz Alta. Qual o ano de início do carnaval no município e como o festejo se popularizou, ganhando espaço na sociedade?
2	Na sua concepção, o que o carnaval significa para a cidade de Cruz Alta?
3	Como você percebe a identificação da cidade com o carnaval? Para você, como os membros de cada Escola de Samba constroem sua identidade carnavalesca? (Ex: Eu sou Unidos do Beco!).
4	Cruz Alta faz parte de uma região com tradição agropecuária forte, na sua concepção, como a cidade se tornou um polo carnavalesco que vem crescendo com o passar do tempo, apesar da escassez de recursos?
5	Para você, o carnaval de Cruz Alta contribui para o desenvolvimento econômico e sociocultural da cidade? Por quê?

## APÊNDICE H – MATRIZ DE ANÁLISE DA PESQUISA

OBJETIVOS	CATEGORIAS	INDICADORES	QUESTÕES
Objetivo 1 - Caracterizar o Carnaval do município de Cruz Alta – Rio Grande do Sul, a partir de um contexto histórico e global.	Bloco 1: - Caracterização do Carnaval de Cruz Alta	Capítulo 4: 4.1, 4.1.2, 4.2, 4.2.1, 4.3, 4.3.1, 4.3.2, 4.3.3, 4.3.4, 4.4, 4.5, 4.6 e 4.7.	1-10 do Formulário. (IES);
			1-7 do Formulário (ISCT)
Objetivo 2 - Identificar os fatores que contribuíram para a formação da identidade do Carnaval cruz-altense, os quais o tornaram referência no Estado.	Bloco 2: - Impactos Socioculturais: Social Culturais	Capítulo 5: 5.1	11-20 do Formulário (IES)
			8-17 do Formulário (ISCT)
Objetivo 3 - Verificar as contribuições econômicas e socioculturais do Carnaval para o município de Cruz Alta;	Bloco 3: - Impactos Econômicos	Capítulo 5: 5.2	21-32 do Formulário (IES)
			18-26 do Formulário (ISCT)

Fonte: Elaborada da pesquisadora.

**ANEXOS**

**ANEXO A – TERMO CONSUBSTANCIADO – CEP.****PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** AS CONTRIBUIÇÕES ECONÔMICAS E SOCIOCULTURAIS DO CARNAVAL PARA O MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA - RIO GRANDE DO SUL

**Pesquisador:** MARA RUBIA DOS SANTOS CORREA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 04161218.6.0000.5322

**Instituição Proponente:** Fundação Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ/RS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.085.376

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de projeto de pesquisa intitulado "AS CONTRIBUIÇÕES ECONÔMICAS E SOCIOCULTURAIS DO CARNAVAL PARA O MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA - RIO GRANDE DO SUL", apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. A pesquisa será realizada no município de Cruz Alta, localizado na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul que possui uma população de 62.821 habitantes. Farão parte da pesquisa membros da comunidade carnavalesca do município e que estão atrelados às Escolas de Samba de Cruz Alta. As Escolas que compõem o Carnaval no município de Cruz Alta são: Acadêmicos do Sol, Gaviões da Ferrô, Imperatriz da Zona Norte, Unidos de São José e Unidos do Beco. Os participantes da pesquisa, por meio de entrevista, responderão ao formulário semiestruturado, com o objetivo de descrever fatos, registrar marcos importantes para as escolas, abordar as questões econômicas e socioculturais sobre a temática pesquisada.

Também serão pesquisados junto aos participantes da pesquisa material fotográfico e informativo, fantasias e alegorias para registro fotográfico das memórias referentes aos desfiles.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

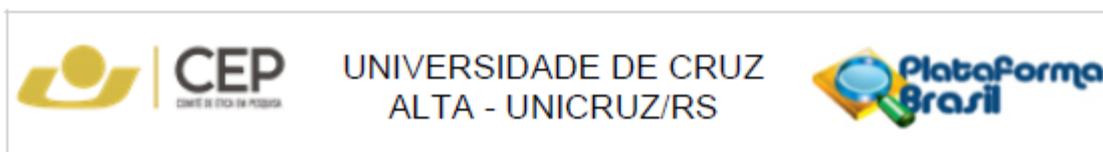
**Endereço:** Campus Universitário Ulysses Guimarães - Rodovia Municipal Jacob Della Mèa, Km 5,6 - Caixa Postal 858

**Bairro:** Campus Universitário Prédio **CEP:** 98.020-290

**UF:** RS **Município:** CRUZ ALTA

**Telefone:** (55)3321-1618

**E-mail:** comitedeetica@unicruz.edu.br



Continuação do Parecer: 3.085.376

Analisar as contribuições econômicas e socioculturais propiciadas pelo Carnaval para o município de Cruz Alta – RS.

Objetivo Secundário:

- Caracterizar o Carnaval do município de Cruz Alta – Rio Grande do Sul, a partir de um contexto global;
- Identificar as contribuições econômicas e socioculturais que o Carnaval traz para o município de Cruz Alta – RS;
- Analisar a importância do Carnaval enquanto prática sociocultural que propicia a interação social, a geração de conteúdos informativos, bem como a promoção de críticas ou exaltações a questões que permeiam a sociedade.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

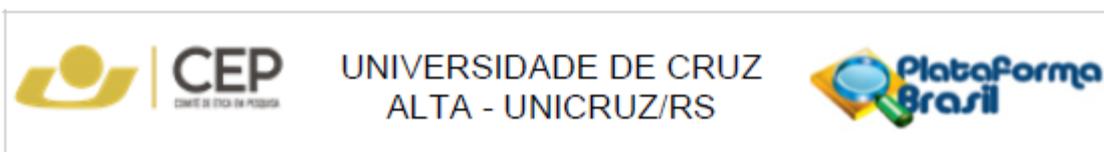
O projeto será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ para que esta pesquisa seja realizada de acordo com as premissas estabelecidas na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Além disso, será entregue aos participantes da pesquisa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Destaca-se ainda que havendo a possibilidade do uso de imagem dos participantes da pesquisa será encaminhado um Termo de uso da imagem aos mesmos. Quanto aos riscos e desconfortos que poderão ser provocados pela pesquisa serão mínimos, caso o entrevistado tenha qualquer desconforto ou risco, terá o direito de não permitir a continuação da mesma, sem quaisquer prejuízos. De qualquer forma, elencamos riscos e desconfortos possíveis:

Risco Intelectual – Pela complexidade de linguagem das perguntas. Para evitar isto estamos adequando linguagem e a organização das perguntas

ao nível de compreensão de indivíduos com qualquer nível de instrução. E, no momento da apresentação do projeto e do TCLE, abordaremos o conteúdo de maneira informal, com linguagem simples e aberta para perguntas e questionamentos, os quais serão esclarecidos.

Da mesma forma, o entrevistado estará livre em manifestar que não deseja responder ao questionamento, pois esclareceremos, que qualquer violação à sua integridade, enquanto participante da pesquisa, o mesmo terá a garantia do direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes, conforme Resolução nº 466 de 2012 do CNS.

**Endereço:** Campus Universitário Ulysses Guimarães - Rodovia Municipal Jacob Della Mèa, Km 5.6 - Caixa Postal 858  
**Bairro:** Campus Universitário Prédio **CEP:** 98.020-290  
**UF:** RS **Município:** CRUZ ALTA  
**Telefone:** (55)3321-1618 **E-mail:** comitedeetica@unicruz.edu.br



Continuação do Parecer: 3.085.376

**Benefícios:**

No que se refere aos benefícios da pesquisa, este estudo irá contribuir cientificamente para gerar conhecimentos à comunidade acadêmica e à sociedade Cruzaltense e região. Desta forma, pretende-se realizar a socialização dos resultados da pesquisa por meio de uma roda de conversa com os participantes da pesquisa, após a conclusão e análise dos dados.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O estudo é pertinente na medida em que o carnaval contribui para a economia do município de Cruz Alta/RS, considerando-se o fluxo de público pagante que irá assistir ao espetáculo proporcionado pelos desfiles, bem como pelo consumo de produtos e serviços oferecidos pelo comércio local na elaboração da festividade e durante o evento. Também constitui uma importante prática sociocultural na medida em que propicia a interação social, a geração de conteúdos informativos, bem como a promoção de críticas ou exaltações a questões que permeiam a sociedade.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresenta os termos obrigatórios em conformidade com a Norma Operacional 001/13 e Resolução 510/16, ambas do CONEP/CNS.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

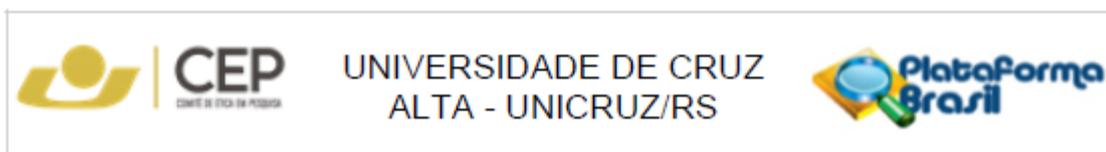
Aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1272584.pdf	06/12/2018 21:07:57		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	06/12/2018 21:07:19	MARA RUBIA DOS SANTOS CORREA	Aceito
Outros	termousoimagem.docx	06/12/2018 21:03:24	MARA RUBIA DOS SANTOS CORREA	Aceito
Outros	carta2.pdf	06/12/2018 21:01:49	MARA RUBIA DOS SANTOS CORREA	Aceito
Outros	carta1.pdf	06/12/2018	MARA RUBIA DOS	Aceito

**Endereço:** Campus Universitário Ulysses Guimarães - Rodovia Municipal Jacob Della Méa, Km 5.6 - Caixa Postal 858  
**Bairro:** Campus Universitário Prédio **CEP:** 98.020-290  
**UF:** RS **Município:** CRUZ ALTA  
**Telefone:** (55)3321-1618 **E-mail:** comitedeetica@unicruz.edu.br



Continuação do Parecer: 3.085.376

Outros	carta1.pdf	21:00:47	SANTOS CORREA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	06/12/2018 20:55:25	MARA RUBIA DOS SANTOS CORREA	Aceito
Folha de Rosto	Folha.pdf	06/12/2018 20:53:43	MARA RUBIA DOS SANTOS CORREA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CRUZ ALTA, 14 de Dezembro de 2018

---

**Assinado por:**  
Rita Leal Sperotto  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Campus Universitário Ulysses Guimarães - Rodovia Municipal Jacob Della Méa, Km 5.6 - Caixa Postal 858  
**Bairro:** Campus Universitário Prédio **CEP:** 98.020-290  
**UF:** RS **Município:** CRUZ ALTA  
**Telefone:** (55)3321-1618 **E-mail:** comitedeetica@unicruz.edu.br

## **ANEXO B – ESTATUTO DA LIGA DAS ESCOLAS DE SAMBA DE CRUZ ALTA**

### **ESTATUTO DA LIGA DAS ESCOLAS DE SAMBA DE CRUZ ALTA**

#### **CAPÍTULO PRIMEIRO**

##### **Denominação, Sede, Foro, Tempo de Duração e Ano Social**

Art 1- A Liga das Escolas de Samba de Cruz Alta, com sigla – LESCA constituída em 1995, é uma sociedade civil, cultural, filantrópica e recreativa e rege-se pelo estatuto, regulamentos e regimento interno, deliberando e resolvendo tudo quanto não lhe for vedado por lei e \ ou seu ato constitutivo.

- a) A sede administrativa da Liga tendo endereço a Rua Pinheiro Machado, s/n- Prédio da Antiga Estação Férrea – Centro, município de Cruz Alta, Estado do Rio Grande do Sul, Código de Endereçamento Postal: 98010-750, com foro Jurídico de Cruz Alta - RS.
- b) A sociedade é uma entidade civil e terá por finalidade congregar as Escolas de Samba do município de Cruz Alta motivando-as para a prática do bem comum, as atividades do carnaval e promovendo o desenvolvimento da pessoa humana nos seus diferentes estágios;
- c) O prazo de duração da LESCA é indeterminado e o ano social terá início em 1 de janeiro e o encerramento em 31 de dezembro de cada ano;
- d) A sociedade de direito não terá fins lucrativos e seus sócios não respondem subsidiariamente pelas obrigações da associação.

#### **CAPÍTULO SEGUNDO**

##### **Dos Objetivos Sociais**

Art.2 – A Liga das Escolas de Samba, com base na colaboração recíproca de seus sócios compete:

- a) Incentivar e estimular o desenvolvimento da pessoa humana em atividades de caráter social, educacional e comunitário;
- b) Promover a assistência cultural e econômica as Escolas de samba filiadas, através da realização de atividades como: cursos, programas, encontros, palestras, participação em eventos, propiciando o crescimento qualitativo de seus membros.
- c) Promover a realização de atividades para obtenção de recursos para aquisição de materiais e equipamentos diversos, a fim de que a entidade possa desenvolver adequadamente as atividades para as quais foi criada.

- d) Estabelecer convênios em regime de reciprocidade ou não, com entidades especializadas, públicas ou privadas, nacionais ou internacionais, para o aprimoramento profissional e técnico de seus associados e Escolas de Samba filiadas, proporcionando a expansão da Entidade e fomentando o aperfeiçoamento do carnaval de Cruz Alta.
- e) Adquirir, na medida em que interesse social o aconselhar, gêneros e artigos de uso diverso, bem como outros materiais de uso para as suas finalidades e fins, bem como equipamentos, instrumentos e peças para as escolas de samba filiadas;
- f) Apoiar todas as quaisquer iniciativas que surjam de ideias da comunidade em prol dos objetivos da Lesca, na busca da integração e a construção de nova sociedade;
- g) Participar como um meio de promover a integração e a solidariedade do carnaval de outros municípios, quando solicitada e convidada.

Art.3 – Como entidade pluralista, popular e democrática, na LESCA, é vedado o proselitismo político e partidário ou religioso de seus membros.

Art.4 – Para atingir seus objetivos a LESCA disporá de uma estrutura organizacional com atribuição definidas em Regime Interno.

## **CAPÍTULO TERCEIRO**

### **Do Patrimônio e suas Aplicações**

Art. 5 – O patrimônio da LESCA não terá limites e será formado pelos seguintes bens:

- a) As contribuições de seus sócios, bem como das Escolas de Samba filiadas e outras que assembleia geral resolva estabelecer;
- b) As doações, legados, auxílios, subvenções, contribuições e outras aquisições proporcionada por qualquer pessoa física, jurídica, pública ou privada;
- c) A renda de qualquer bem e serviço.

Art.6 – As rendas ou fundos disponíveis serão depositados em conta corrente especial movimentada pelo presidente e Tesoureiro, conjuntamente, ou seus substitutos legais.

ÚNICO – O patrimônio será inalienável, servindo exclusivamente para os meios e fins da LESCA.

## **CAPÍTULO QUARTO**

### **Dos Direitos e Obrigações dos Sócios**

Art. 7º - Os sócios da LESCA são pessoas jurídicas, integrantes das escolas de samba de Cruz Alta.

1 – O número de Escolas de Samba filiadas a LESCA, não terá limite quanto ao máximo, mas não poderá, em hipótese alguma, ser inferior a três escolas de samba.

2 – Para filiar-se a LESCA a Escola de Samba interessada, deverá preencher proposta fornecida pela diretoria e deverá ser assinada por representantes de (02) Escolas de Samba já filiadas, conforme Lei Municipal nº 1177/03.

3 – Excepcionalmente a LESCA poderá aceitar como filiados Blocos Carnavalescos ou similares que preencham os mesmo requisitos das Escolas de Samba para desfilarem em concursos próprios de suas categorias.

Art.8º - São Deveres dos Sócios:

- a) É dever de todos os sócios da LESCA participar ativa e permanente nas diversas atividades programadas pela diretoria, concordando em contribuir economicamente, sem direito a ressarcimento sobre os trabalhos a serem executados.
- b) Cumprir e defender o estatuto e Regimento Interno da LESCA.
- c) Acatar as decisões e recomendações dos órgãos deliberativos da LESCA.

ÚNICO - A LESCA receberá mensalmente de cada sócio uma contribuição simbólica e voluntária para cobrir parte das despesas administrativas da Entidade.

Art. 9º - São direitos dos sócios:

- a) Participar das assembleias gerais, pessoalmente, votando e sendo votado para os diversos cargos eletivos;
- b) Apresentar sugestões, projetos e planos de trabalhos aos órgãos estatutariamente constituídos;
- c) Solicitar sua demissão, com prévia comunicação, por escrito, dirigida a diretoria.
- d) Convocar as assembleias a requerimento assinado por 1/3 dos associados, podendo também promovê-las.

Art. 10º - Poderão ser excluídos da condição de sócio:

- a) Os que não cumprirem os estatutos, regulamentos e deliberações das Assembleias Gerais e que deixarem de comparecer as convocações da Diretoria, de modo que sua omissão comprometa a existência da entidade.
- b) Os que se afastarem voluntariamente de acordo com o inciso “c” do artigo anterior.

1 °- A penalidade imposta pela alínea “a” do artigo acima, será aplicada pela diretoria, mediante processo regular, cabendo recurso para assembleia geral em trinta (30) dias, assegurando-se o mais amplo direito de defesa.

2 °- A Escola de Samba filiada que, pelos motivos do artigo acima, perder a condição de integrante, somente retornará após cumprir um tempo de estágio, ou seja, entrar no grupo de ascensão. Este estágio compreende a participação nas atividades da Liga por um período de (03) três anos, da seguinte forma, conforme a lei municipal nº 1177/03.

- I- Participar das atividades carnavalescas como bloco, no primeiro ano;
- II- No Segundo ano, participar das atividades carnavalescas como bloco com uma mini bateria ou charanga.
- III- E finalmente, cumprir a terceira etapa do estágio, que é de participar do desfile das escolas de samba de conformidade com o regulamento da LESCA provando que tem condições e estrutura para ingressar no grupo que disputa o carnaval de Cruz Alta. Assim no quarto ano poderá ingressar em definitivo como escola de samba concorrendo ao título e pleiteando as premiações do carnaval estipuladas no regulamento.
- IV- As atividades e participações acima enumeradas deverão ser cumpridas com recursos da própria entidade, não recebendo nenhuma verba destinada ao carnaval e nem renda dos eventos realizados pela LESCA.

Art.11° - Poderão ser conferidos títulos de sócio honorário e benemérito às pessoas físicas ou jurídicas que prestarem relevantes serviços a LESCA, não tendo estes, direito a voto e participar de reuniões ordinárias e extraordinárias.

## **CAPÍTULO QUINTO**

### **Dos Órgãos**

Art.12°- Constituem órgãos administradores da LESCA, autônomos e independente cada um, de acordo com sua função específica, atuando de forma convergente para alcançar os objetivos legais, estatutários e regimentais:

- a) Assembleia Geral
- b) Diretoria
- c) Conselho Fiscal

### **Seção I Das Assembleias Gerais**

Art.13º - As Assembleias Gerais, Ordinárias ou Extraordinárias, se constitui no órgão máximo da LESCA, dentro dos limites da lei, deste estatuto e do regime interno, cujas decisões, de interesse da sociedade e suas deliberações vinculam a todos, ainda que ausentes ou discordantes.

Art.14º - Caberá as convocações das Assembleias Gerais Ordinárias e Extraordinárias:

- a) A diretoria, no prazo máximo de trinta dias, após o encerramento do exercício social.
- b) Ao Conselho Fiscal na omissão da Diretoria ou quando surgirem motivos urgentes ou relevantes.
- c) Aos associados votantes, representando no mínimo (1/3) um terço dos associados das Escolas de Samba, quando a Diretoria ou Conselho Fiscal não atenderem no prazo (10) de dez dias, requerimento fundado.

1º - A convocação da Assembleia Geral far-se-á por edital escrito com antecedência mínima de dez (10) dias, sendo que o edital deverá ser publicado em jornal de circulação no município.

2º - As convocações poderão ser feita num único Edital, desde, que nele conste, expressamente, os prazos para cada uma delas.

3º - O “quórum” para instalação da Assembleia Geral, em primeira convocação será de (2/3) dos associados aptos a participar, desde que regularizados com a Entidade; metade mais um associado, em segunda convocação e no mínimo (2) associados de cada escola de samba na terceira convocação, sua aprovação dar-se-á pela maioria simples dos presentes.

4º - Não havendo “quórum” para a instalação da assembleia convocada nos termos do parágrafo anterior, será feita nova convocação com antecedência mínima de (10) dias.

5º - Os trabalhos das Assembleias Gerais serão conduzidos pelo presidente e auxiliado pelo Secretário(a) podendo ser convidados para participar da mesa dos diretores sociais, presidente de comissões existentes, se for o caso, bem como Conselho Fiscal.

6º - Na ausência do (a) Secretario (a) e do (a) seu (sua) substituto (a), o presidente convocará qualquer outro associado para secretariar os trabalhos e lavrar a Ata respectiva.

7º - Quando a assembleia não tiver sido convocada pelo presidente e o mesmo não estiver presente, os trabalhos serão dirigidos pelo associado escolhido na ocasião e secretariado por outro escolhido pelo mesmo, compondo a mesa os principais interessados pela convocação.

8º - Os ocupantes de cargo sociais como quaisquer outros associados, não poderão votar nas decisões sobre assuntos que a eles se refiram de maneira direta ou indireta, sobretudo, quando se trata de prestações de contas, porém, não ficando privados, entretanto, de tomar parte nos respectivos debates.

Art.15º - Dos editais de convocação de Assembleia Gerais deverão constar:

- a) A denominação da LESCA, seguida da expressão “Convocação de Assembleia Geral, ordinária ou extraordinária”, conforme o caso;
- b) Dia e hora da reunião, em cada convocação, assim como o endereço do local da sua realização, o qual, salvo motivo justificado, será sempre na sede social;
- c) A sequência ordinal das convocações;
- d) A ordem do dia dos trabalhos, com as devidas especificações;
- e) O número de escolas de samba filiadas na data da expedição do edital, para efeito de cálculo do “quórum” de instalações.
- f) A assinatura do responsável pela convocação.

1º- No caso de convocação feita por associados, o edital será assinado no mínimo pelos quatro primeiros signatários do documento que a solicitaram.

2º- Os editais de convocação serão afixados em locais visíveis comumente frequentados pelos associados, publicado em jornais e/ou através das emissoras de rádio que atuam no município Sede da Entidade.

Art.16º- É de competência da assembleia geral extraordinária a destituição dos membros da diretoria e conselho fiscal.

ÚNICO - Ocorrendo destituição que possa comprometer a regularidade da administração ou fiscalização da entidade, poderá a assembleia designar administradores ou conselheiros provisórios, até a posse dos novos, cuja eleição será efetuada no prazo de trinta (30)dias.

Art.17º- As deliberações nas assembleias gerais, somente poderão versar sobre assuntos constantes nos editais de convocação com exceção do único do Artigo 16º.

1º - O que ocorrer na Assembleia Geral deverá constar em Ata Circunstanciada, lavrada no Livro próprio, aprovada e assinada ao final dos trabalhos pelos Diretores e fiscais presentes, ainda, por quantos o queiram fazer.

2º- Em regra, a votação será por aclamação, mas poderá a assembleia optar pelo voto secreto atendendo-se então as normas usuais.

3º- Nas eleições para o preenchimento de cargos da diretoria e conselho fiscal, só poderão concorrer chapas que forem registradas na secretaria da LESCA, compostas por no mínimo cinco (06) associados, sendo, pelo menos, um de cada escola de samba filiada, em pleno gozo de seus direitos.

4º- É vedado aos associados das escolas de samba, registrados como representantes junto a LESCA, concorrer integrando mais de uma chapa, seja para cargos similares ou diferentes.

## **SEÇÃO II**

### **Da Assembleia Geral Ordinária**

Art.18- A Assembleia Geral ordinária que se realizará obrigatoriamente uma vez por ano, até o final do ano social será composta por três (03) associados e igual número de suplentes, indicados pelas Escolas de samba filiadas, cabendo-lhe privativamente deliberar sobre os seguintes assuntos, que deverão constar na ordem do dia:

- I- Deliberar a respeito do relatório da diretoria sobre as atividades no exercício social findo, tomando-lhe as contas e decidir quanto ao balanço, prévio parecer do conselho fiscal.
- II- Eleger os membros da diretoria, conselho fiscal, por aclamação ou voto secreto.
- III- Quaisquer assuntos de interesse social;
- IV- Aprovar contas da entidade.

## **SEÇÃO III**

### **Da Assembleia Geral Extraordinária**

Art.19º- A Assembleia Geral Extraordinária realizar-se-á sempre que necessário e poderá deliberar sobre qualquer assunto de interesse da sociedade, desde que mencionada no edital de convocação, sendo composta por (03) associados de cada filiada e igual número de suplentes, indicados pelas escolas de samba filiadas a LESCA.

Art. 20º- É competência exclusiva da Assembleia Geral Extraordinária deliberar sobre os seguintes assuntos:

- a) Fusão, incorporação ou extinção da entidade;
- b) Destituir administradores;
- c) Alterar os estatutos da entidade.

ÚNICO - Para deliberação é necessário o voto de 2/3 dos presentes, as assembleias especialmente convocadas para esse fim não podendo ela deliberar em primeira convocação sem maioria absoluta dos sócios ou menos 1/3 das convocações seguintes.

Art. 21º- A Diretoria compõe-se de:

- I. Presidente;
- II. Vice-Presidente;
- III. Vice-presidente Administrativo;
- IV. Vice-presidente de Carnaval;
- V. 1º Secretário(a);
- VI. 2º Secretário(a);
- VII. 1º Tesoureiro(a);
- VIII. 2º Tesoureiro(a);
- IX. Assessor de Relações Públicas;
- X. Assessor de Comunicação;
- XI. Coordenador de Eventos;
  - 1º - Eleitos em Assembleia Geral ordinária para um mandato de 03 (três) anos podendo ser reeleito.
  - 2º - O Assessor Jurídico será de livre nomeação pela diretoria.

Art. 22º- Compete a Diretoria:

- a) Dirigir a LESCA, de acordo com o estatuto, o regimento interno e as normas emanadas da Assembleia Geral.
- b) Fazer cumprir as decisões dos órgãos gestores da LESCA.
- c) Elaborar proposta orçamentaria e prestação de contas submetendo-se ao parecer do conselho fiscal e a aprovação da assembleia geral;
- d) Aplicar aos sócios as penalidades aprovadas pela assembleia geral, bem como aprovar e aplicar a pena de advertência;
- e) Admitir e demitir funcionários, se for o caso;
- f) Promover a execução do orçamento e dos planos de trabalhos.

Art. 23º - A Diretoria da LESCA se reunirá, ordinariamente, de 15 em 15 dias e, extraordinariamente, sempre que o exigirem os interesses sociais.

1º- As reuniões serão convocadas pelo presidente, por seu substituto legal ou pelos órgãos superiores.

2º- O quórum para deliberar é de maioria simples cabendo ao presidente o voto de desempate.

3º- Das decisões da Diretoria para a demissão ou exclusão dos sócios cabe recurso à assembleia geral, sem efeito suspensivo.

Art.24º- Ao Presidente ou seu substituto compete:

- a) Representar a LESCA, ativa, passiva, judicial, e extrajudicialmente, podendo constituir procurador ou procuradores para o ato de que se trata ou outorga-lhes o consequente poder e fazer cumprir as disposições estatutárias, regimento interno e resoluções;
- b) Convocar e presidir reuniões da diretoria e, instalar as de assembleia geral, assinar os termos dos diferentes livros de atas e contábeis, sobre sua jurisdição.
- c) Assinar com o tesoureiro todos os contratos e documentos que representem obrigações, emitir cheques, movimentar contas correntes, aceitar, endossar, levantar, e transmitir ordens de pagamentos e realizar todas as operações bancárias e de crédito.
- d) Decidir todos os assuntos que demandem solução dando conhecimento a diretoria;
- e) Convocar os substitutos para os cargos vagos na diretoria;
- f) Coordenar e/ ou convocar para participar de reuniões da diretoria, na qualidade de convidados especiais, autoridades civis, religiosas, jurídicas e militares, para debaterem e analisarem assuntos e prioridades enquadradas nos fins da entidade.
- g) Exercer a representação da LESCA em congressos, seminários, cursos e eventos nos seus impedimentos.

Art. 25º- Compete ao Vice-Presidente substituir o presidente em seus impedimentos e sucedê-los em caso de vacância, votar nas reuniões da diretoria e exercer os encargos e representações para os quais for designado.

Art. 26º- Compete ao Vice-Presidente Administrativo administrar na ausência do presidente, deliberar ações, consultar as atividades inerentes ao cargo, em consonância com a diretoria da LESCA.

Art. 27º- Compete ao Vice-Presidente de Carnaval propor programa a ser desenvolvido para a realização das festividades públicas carnavalesca em consonância com a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo.

Art. 28º- Ao Secretário(a) ou seu (sua) substituto(a) compete:

- a) Atender o expediente em geral, assinando as correspondências e secretariando as reuniões da diretoria das assembleias gerais;
- b) Lavrar as atas das reuniões da diretoria, bem com as ordens, representações e ofícios relativos às atividades da LESCA, autenticando com o presidente os livros de atas e tendo sob sua guarda os livros, atas e demais registros de sua competência;
- c) Na eventualidade de ausência do presidente e vice-presidente, por prazo superior a noventa (90) dias, o (a) secretário(a) será investido destas funções e praticando todos os atos de competência dos substitutos, inclusive assinando os documentos e instrumentos com qualquer um do demais diretores.

Art. 29º-Ao (a) Tesoureiro(a) ou seu (sua) substituto(a) compete:

- a) A responsabilidade pela arrecadação dos recursos financeiros;
- b) A organização e controle da contabilidade;
- c) A coordenação das atividades realizadas pelos direitos sociais, no que diz respeito à parte financeira;
- d) Diligenciar o pontual pagamento de despesas da LESCA, apresentando mensalmente a Diretoria, nas reuniões ordinárias, o demonstrativo de receitas e despesas e anualmente o balanço geral da entidade;
- e) Assinar com o presidente todos os atos, contratos e documentos que representem obrigações, emitir cheques, movimentar contas correntes, aceitar, endossar, levantar, e transmitir ordens de pagamentos e realizar todas as operações bancárias e de créditos.

Art. 30º- Compete ao Assessor de Relações Públicas manter o relacionamento regular entre a LESCA para com seu público, cuidando da imagem institucional da entidade, e elaborando produtos de Comunicação para circulação interna, como intranet, house organ, newsletter, informativos, murais, etc..;

Art. 31º - Compete ao Assessor de Comunicação avaliar as atividades de Comunicação na teia midiática nos seus aspectos técnico, mercadológico, organizacional, financeiro e jurídico, elaborando o Plano de Comunicação Social, bem como trabalhar com informação jornalística, lidando com jornalistas, preparando press-releases (comunicados de imprensa) e procurando controlar (aumentar ou restringir) o fluxo de informação que é veiculado na mídia sobre a entidade.

Art. 32º- Compete ao Coordenador de Eventos em conjunto com o vice-presidente Administrativo, a Tesouraria e a Secretaria de Cultura e Turismo do município a obtenção de recursos destinados às entidades filiadas a sua manutenção através de programas e eventos.

Art. 33º- Ao Assessor Jurídico compete dar assistência jurídica a Entidade, sua diretoria e demais integrantes da LESCA.

## **SEÇÃO IV**

### **Do Conselho Fiscal**

Art. 34º - Cada afiliada indicará 1 (um) membro para compor o Conselho Fiscal, órgão de controle financeiro da LESCA, que será composta de membros titulares e igual número de suplentes, eleitos em Assembleia Geral, para exercerem um mandato de três (03)anos, podendo ser reeleitos.

Parágrafo Único - Os cargos vagos de membros titulares do conselho fiscal deverão ser preenchidos automaticamente pelos suplentes e, no caso de ainda permanecer em menos de três (03) membros em exercício, deverá ser convocada a Assembleia Geral, para preencher as vagas.

Art.35º - Aos membros do Conselho Fiscal, privativa e conjuntamente, competem:

- a) Examinar em qualquer tempo, os livros e papéis da LESCA, assim como o numerário existente em caixa, e a emissão de pareceres sobre o estado financeiro da entidade;
- b) Verificar se os extratos de conta bancária conferem com a escrituração da entidade;
- c) Verificar se as operações e os serviços prestados correspondem ao volume, qualidade e valor á previsão feita e as conveniências econômicas e financeiras da entidade;
- d) Comparecer as reuniões das assembleias gerais, bem como da diretoria, a convite desta, ou quando suas funções de fiscalizações assim exigirem;
- e) Apresentar à Assembleia Geral ordinária, parecer sobre as atividades e operações da LESCA, no exercício social findo, tomando como base o inventário, as contas e o balanço da diretoria;
- f) Acusar as irregularidades verificadas, sugerindo medidas corretivas e úteis para a entidade;
- g) O que mais for de sua competência como órgão fiscalizador.

Art.36º- Convocados pelo presidente ou seu substituto, as reuniões do conselho fiscal realizar-se-ão, ordinariamente, de seis em seis meses, sendo que as extraordinárias, em qualquer tempo.

1º- As deliberações serão tomadas pela maioria simples de votos, e o seu “quórum” é de três (03) membros titulares.

2º- As reuniões do conselho fiscal serão consignadas em atas, assinadas pelos presentes e lavradas em livro próprio e rubricadas pelos seus componentes.

Art.37º- Os membros do conselho fiscal serão responsáveis no exercício de suas funções, pelos prejuízos que causarem a entidade, decorrentes da omissão e o não cumprimento deste estatuto.

## **CAPÍTULO SEXTO**

### **DO BALANÇO E OS FUNDOS DA LESCA**

Art.38º- O Balanço Geral incluído o confronto entre receitas e despesas serão levantadas até o dia 31 de dezembro de cada ano.

ÚNICO - Os resultados deverão ser apurados separadamente, segundo a natureza das operações ou serviços.

Art.39º- Das sobras verificadas serão deduzidas as seguintes taxas:

- a) 25% (vinte e cinco por cento) serão destinadas para fins da promoção e desenvolvimento da pessoa humana, instituindo um Fundo de Educação destinado exclusivamente para prestar assistência aos filhos dos associados das Escolas de Samba, através de programas educativos e de extensão coletivos e nunca individuais, segundo os incisos, “a” e “c” do Artigo 2º;
- b) Das sobras líquidas, apuradas na forma deste Artigo, 20% capitalizados como fundo de reserva para a LESCA reparar eventuais perdas de qualquer natureza que venha a sofrer, sendo individual entre as escolas filiadas no uso de dissoluções;
- c) O restante das sobras líquidas será capitalizada para o normal desenvolvimento da LESCA.

ÚNICO - As perdas verificadas que não tenham cobertura no fundo de reserva serão rateadas entre as escolas de samba filiadas, após a aprovação do balanço pela assembleia geral, na proporção das operações que estas tiveram realizado com a LESCA.

## **CAPÍTULO SÉTIMO**

### **DA EXTINÇÃO**

Art.40º- A extinção da entidade se dará:

- a) Por deliberação espontânea dos associados, manifesta em assembleia geral extraordinária, especialmente convocada; em 1ª convocação com maioria absoluta e 2ª convocação com no mínimo 1/3 (dos convocados e aprovação de 2/3 dos presentes).
- b) Quando a entidade não contar com um número mínimo de três (03) Escolas de Samba filiadas a LESCA.
- c) Em caso de insolvência;
- d) Em virtude de alteração de sua forma jurídica;
- e) Pela paralisação de suas atividades por mais de (02) anos consecutivos.

## **CAPÍTULO OITAVO**

### **Das disposições Gerais**

Art.41º- As disposições contidas neste estatuto deverão ser, no que lhe couber, regulamentadas pelo regimento interno da entidade.

Art.42º- A Entidade terá um distintivo que represente as suas finalidades altruísticas, para que o mesmo conste nos documentos, diplomas ou outras dignidades honoríficas a serem usadas pela LESCA.

Art.43º- Em caso de extinção da LESCA, o seu património líquido reverterá em benefício de outras Entidades Filantrópicas congêneres, do município de Cruz Alta.

Art.44º- Os casos omissos neste estatuto serão supridos somente pelo regimento interno e as decisões de assembleia geral, não cabendo recursos de qualquer natureza jurídica.

Art.45º- Para efeitos legais e conhecimento de terceiros esse estatuto será oficializado no registro de pessoa jurídica do município de Cruz Alta.

Art.46º- O presente estatuto entrará em vigor imediatamente após sua aprovação pela assembleia geral.

Cruz Alta,.....de.....de.....

\_\_\_\_\_  
Secretário(a)

\_\_\_\_\_  
Presidente

Conforme me faculta a Lei declaro ter revisado o presente estatuto e que o mesmo encontra-se em plena conformidade com a lei.

\_\_\_\_\_  
Advogado OAB nº

ANEXO C – PROJETO DE LEI ORDINÁRIA 6297/2019.



**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
CÂMARA MUNICIPAL DE CRUZ ALTA**

---

## **Projeto de Lei Ordinária 6297/2019**

“DECLARA OS DESFILES DAS ESCOLAS DE SAMBA REALIZADOS NO CARNAVAL PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DA CIDADE DE CRUZ ALTA.”

### **DECRETA:**

**Artigo 1º** – Ficam declarados os desfiles das Escolas de Samba realizados no Carnaval patrimônio cultural imaterial da cidade de Cruz Alta.

**Artigo 2º** – Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

### **EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS**

Na noite de hoje encaminho ao poder Executivo, Projeto de Lei que declara os desfiles das Escolas de Samba realizados no Carnaval patrimônio cultural imaterial da cidade de Cruz Alta.

Com mais de 65 anos, o carnaval de Cruz Alta é um movimento popular que sempre se evidenciou nas manifestações alusivas a data, com bailes, desfiles de rua, rodas de samba, entre outros. Inicialmente, foi marcado pelos blocos carnavalescos (Azes de Ouro, Filhos da Lua, etc), que na época, embalavam os bailes e apresentações pelas ruas com marchinhas e batucadas. Estes mesmos blocos, compostos por personalidades do samba cruz-altense, mais tarde deram origem as mais tradicionais escolas de samba do município, em especial, a Unidos de São José e a Unidos do Beco, duas grandes rivais que marcaram as competições na avenida por muitos anos.



## ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL CÂMARA MUNICIPAL DE CRUZ ALTA

---

Com o passar do tempo, outras agremiações carnavalescas foram surgindo, e com o aprimoramento de seus trabalhos elevaram o carnaval de Cruz Alta a um dos melhores do interior e o 3º melhor do Estado. A cada ano, o nosso carnaval vem se transformando e inovando com o trabalho de cinco escolas de samba, Imperatriz da Zona Norte, Gaviões da Ferrô, Unidos de São José, Unidos do Beco e Acadêmicos do Sol, que buscam fazer o melhor para qualificar ainda mais nossa festa. Os bailes de carnaval, realizados em Clubes, ainda permanecem, com outras características, não mais aquelas do passado.

As escolas de samba têm um papel fundamental na formação da identidade cultural de suas comunidades. Elas proporcionam um espaço de convivência social que contribui na formação do caráter e na qualificação de suas comunidades. Este espaço torna-se parte integrante da vida dessas pessoas, onde as mesmas tomam para si a responsabilidade de gerir e de mantê-los.

Além disso, as escolas são palcos de manifestações para diversos artistas anônimos que, na época de carnaval, exercem sua expressividade. Também é espaço de lazer e entretenimento para quem não pode usufruir de outros locais de divertimento. Também contribui economicamente, possibilitando a geração de trabalho e renda.

O caráter cultural das escolas é sua maior evidencia, uma vez que entende-se que a manifestação de cultura popular proporcionada pelo carnaval insere-se num contexto maior e mais complexo de arte, envolvendo as áreas da música, dança, interpretação, artes plásticas e visuais, etc; além, é claro, de evocar o papel social de envolvimento das comunidades e estímulo ao aprimoramento/desenvolvimento da auto-estima da população.

O poder público vem ao longo dos anos tendo um papel fundamental, fomentando as atividades carnavalescas, proporcionando com que as escolas de samba realizem suas atividades, consolidação do evento ano a ano. As escolas, também estão buscando alternativas de se autofinanciar, não ficando somente dependentes do poder público. Mesmo assim, o fomento destinado a cultura popular contribuiu para a realização da maior expressão artística brasileira garantindo a manutenção e a preservação da identidade cultural da comunidade cruz-altense através do carnaval.



**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
**CÂMARA MUNICIPAL DE CRUZ ALTA**

---

Pelo acima exposto, esperamos que os nobres pares desse Colendo Poder Legislativo, aprovem o Projeto de Lei que declara os desfiles das Escolas de Samba realizados no Carnaval patrimônio cultural imaterial da cidade de Cruz Alta.

Gabinete Everlei Martins, 18 de novembro de 2019

Everlei Martins